

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED

CURSO DE JORNALISMO

JOÃO PEDRO ALVES CINTRA RABELO

**A COBERTURA DA TRAGÉDIA DE SUZANO: ENTRE HUMANIZAÇÃO E
SENSACIONALISMO**

UBERLÂNDIA

2019

JOÃO PEDRO ALVES CINTRA RABELO

**A COBERTURA DA TRAGÉDIA DE SUZANO: ENTRE HUMANIZAÇÃO E
SENSACIONALISMO**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vanessa Matos dos Santos

UBERLÂNDIA

2019

JOÃO PEDRO ALVES CINTRA RABELO

**A COBERTURA DA TRAGÉDIA DE SUZANO: ENTRE HUMANIZAÇÃO E
SENSACIONALISMO**

Monografia apresentada ao Curso de
Jornalismo da Universidade Federal de
Uberlândia (UFU), como requisito parcial
para a obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

Uberlândia, 12 de dezembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Vanessa Matos dos Santos – Doutora (FACED/UFU)

Fernanda Torquato Braga Silva – Mestra (FACED/UFU)

Gerson de Sousa – Doutor (FACED/UFU)

AGRADECIMENTOS

Falar sobre jornalismo é como falar de uma paixão. Desde muito cedo, quando criança, manifestei meu desejo por algumas vontades possíveis e outras impossíveis. Já quis ser astronauta, cientista, escritor e jogador de futebol. Mas como seria possível realizar tantas vontades, sonhar com tantas realidades diferentes? Com o jornalismo, talvez. O jornalismo poderia me permitir realizar alguns desses desejos e, de fato, o tem feito. A escolha pelo jornalismo representa, em verdade, o desafio pelo aprofundamento, pela busca do conhecimento a cada nova pauta, a cada novo assunto. Cada oportunidade de contar uma história é também a oportunidade de um novo aprendizado. E eu me sinto assim: sempre desafiado a conhecer o novo, desbravar caminhos, conhecer realidades diferentes e ser empático com elas, observar pessoas e comportamentos, receber um pouco do mundo e deixar um pouco de mim. A minha maior preocupação também é deixar o melhor de mim em tudo o que faço, e com o jornalismo não seria diferente. Por isso, o curso de Jornalismo na UFU tem me permitido viver esse sonho, essa paixão. E eu posso dizer que me sinto feliz dessa maneira, serei eternamente grato.

Da mesma forma sou grato à minha família pelo apoio incondicional, pela fé e pela crença que têm em mim. Sou grato também pelas oportunidades que me deram, pela chance de poder me dedicar aos estudos apesar de dificuldades, pela chance de ser o segundo a conseguir me formar em uma universidade federal. Espero um dia poder retribuir todos esses cuidados de carinho e atenção. Manifesto minha gratidão em especial aos meus avós, que não pouparam esforços na minha criação e, por isso, têm participação fundamental no que tenho me tornado enquanto pessoa.

Agradeço também à minha namorada, Isabella que nos momentos de dificuldade, no desespero após a resposta negativa da TV Bandeirantes em disponibilizar o material para minha análise, se dispôs a encontrar comigo um caminho alternativo para que a pesquisa não fosse prejudicada. Sem falar dos momentos em que a ansiedade bateu e ela esteve por perto para me trazer de volta a razão e a calma.

Agradeço ainda aos meus amigos da graduação. Aqueles que estiveram ao meu lado do começo até o fim. Os que compartilharam dos bons e maus momentos, da dúvida e incerteza, dos trabalhos em grupo, das madrugadas em claro estudando e das boas conversas enquanto estivemos juntos nesses oito semestres da faculdade. Que possamos seguir juntos, na medida do

possível e que tenhamos sucesso em nossas empreitadas daqui em diante. Agradeço à Dielen, à Diretoria de Comunicação da UFU e ao Tiro Livre, que durante o período do estágio, me oportunizaram com uma visão prévia do mercado de trabalho e me permitiram aprender e aprimorar qualidades jornalísticas.

Por fim, agradeço aos professores, professoras e demais funcionários que participaram da minha formação acadêmica, que de alguma forma estiveram em minha caminhada nas andanças pela FAGED. À minha orientadora, Prof^a Dra. Vanessa Matos dos Santos, que sem dúvidas, teve participação fundamental em me motivar, cobrar e mostrar que bons trabalhos são feitos com árdua dedicação. Saiba que você representa uma inspiração, professora. À sociedade que contribui silenciosamente para que, não apenas eu, mas todos os estudantes universitários possam trilhar suas histórias dentro de uma instituição pública e de qualidade. A todos e todas o meu obrigado!

RABELO, J. P. A. C. **A cobertura da tragédia de Suzano: entre humanização e sensacionalismo.** 2019. 171 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

RESUMO

Este trabalho dedica-se a compreender os conceitos de sensacionalismo e humanização, traçar uma possível fronteira entre ambos e entender como se fizeram presentes nas coberturas jornalísticas dos telejornais *Panorama*, da TV Cultura, e do *Brasil Urgente*, da TV Bandeirantes sobre a tragédia da Escola Estadual Raul Brasil, na cidade de Suzano, no ano de 2019. A metodologia utilizada foi baseada na análise audiovisual de materiais em vídeo de Rose (2002), a partir de uma comparação entre as coberturas feitas pelas duas emissoras, buscando evidenciar sensacionalismo e humanização. O resultado obtido foi o de que há uma fronteira tênue que separa sensacionalismo e humanização. Tais aspectos ficaram claros quando se evidenciou na análise o teor de algumas perguntas feitas por repórteres no aprofundamento de opinião dos apresentadores e na angulação de uma imagem sobre determinada pessoa ou acontecimento. As considerações finais da pesquisa demonstram que o *Brasil Urgente* possui uma cultura sensacionalista na maneira como produz o seu jornalismo, ao passo que o *Panorama*, apesar de ir na contramão dos jornais desse tipo, com uma narrativa mais humanizada, apresentou traços de sensacionalismo no texto e em algumas imagens.

Palavras-chave: Cobertura Jornalística, Televisão, Suzano, Humanização, Sensacionalismo.

RABELO, João Pedro A.C. **The coverage of Suzano's tragedy:** between humanization e sensationalism. 2019. 171 p. Monograph (Course: Journalism). Federal University of Uberlândia, Uberlândia, 2019.

ABSTRACT

This work aims at comprehending the concepts of sensationalism and humanization, drawing a possible boundary between both of them and understanding how they were used in the journalistic coverage of the TV news Panorama, aired on Cultura, and Brasil Urgente, aired on Bandeirantes, about the tragedy of Professor Raul Brasil state school, that happened in the city of Suzano, this year. The methodology used was based in Rose's (2002) audio-visual method of analysis of videos, starting from a comparison between both coverages made by the two TV channels, in order to evidence sensationalism and humanization. The result showed that there is a tenuous boundary detaching sensationalism and humanization. Such aspects became clear when the analysis showed the content of some questions that were made by reporters, the opinion in the speech of the presenters and in the angulation of an image about a particular person or event. The final considerations of this work demonstrate that Brasil Urgente culturally uses sensationalism in the way they produce journalism, while Panorama, despite going against these kind of behaviour on TV news, with a humanized narrative, presented sensationalism traits in its text as well as in some images.

Keywords: Journalistic Coverage, Television, Suzano, Humanization, Sensationalism

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Carlos, o entrevistado, lamenta a perda do emprego	63
FIGURA 2	Cimino media o debate sobre a crise automobilística com dois especialistas	64
FIGURA 3	Moradores sofrem com deslizamentos durante temporal	71
FIGURA 4	Edna chora pela perda da casa em deslizamento	72
FIGURA 5	Eduardo Campos entrevista Luciano em frente à escola	84
FIGURA 6	Campos conversa com moradora que acolheu estudantes que fugiram do ataque	85
FIGURA 7	Tatiana Tauci tenta tapar o rosto em entrevista ao repórter Marcelo Moreira	114
FIGURA 8	Mãe de aluno ferido com machado fala com Datena	119
FIGURA 9	Mãe de aluno ferido com machado fala com Datena	121
FIGURA 10	Momento em que Guilherme Tauci desfere os primeiros tiros na secretaria	121
FIGURA 11	Imagem do caderno de Guilherme Tauci	123
FIGURA 12	Mãe de uma das vítimas aos prantos a procura do filho	124
FIGURA 13	Mãe e filho respondem perguntas do repórter. Ao lado estudantes pulam muro da escola para fugir dos tiros.	125
FIGURA 14	Silmara ajudou a proteger alunos do ataque à escola Raul Brasil, em Suzano.	138
FIGURA 15	Os convidados do jornal Panorama discutem a violência nas escolas públicas	139
FIGURA 16	Tainara Toledo diz que Samuel Melquiades marcou sua vida	161
FIGURA 17	Datena entrevista o delegado de Suzano, Alexandre Dias	161
FIGURA 18	Tio não suportou ver o sobrinho morto	163

FIGURA 19	José Vitor aparece em câmera de segurança com machado preso ao corpo	164
FIGURA 20	Ednei Magela tenta segurar as lágrimas quando fala sobre a tragédia	165

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	TELEJORNALISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS GERAIS.....	19
3	UMA DISCUSSÃO SOBRE OS GÊNEROS DA TV E SENSACIONALISMO.....	30
4	METODOLOGIA.....	50
4.1	UNIVERSO.....	54
4.2	<i>CORPUS</i> E AMOSTRA.....	54
4.3	A TRAGÉDIA.....	56
4.4	PROCEDIMENTO DE ANÁLISE.....	58
4.4.1	UM DIA ANTES DA TRAGÉDIA: 12 DE MARÇO.....	59
4.4.2	O DIA DA TRAGÉDIA: 13 DE MARÇO.....	72
4.4.3	UM DIA DEPOIS DA TRAGÉDIA: 14 DE MARÇO.....	125
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	167
	REFERÊNCIAS.....	172
	ANEXO A.....	175

1. INTRODUÇÃO

No dia treze de março de 2019 diversos noticiários televisivos exibiram o atentado¹ que aconteceu na Escola Estadual Professor Raul Brasil, na cidade de Suzano. Sete pessoas morreram e outras onze ficaram feridas, vítimas de dois jovens que atuaram inspirados pelo massacre de Columbine, nos Estados Unidos, em 1999. Antes de chegarem à escola, Guilherme Tauci Monteiro, de quinze anos, e Luiz Enrique de Castro foram até a concessionária do tio de Tauci, Jorge Antônio de Moraes, e o mataram com dois tiros à queima roupa.

Durante a semana várias coberturas jornalísticas foram feitas sobre o ocorrido. Todas reproduziam as mesmas informações que remetiam às possíveis razões que motivaram o acontecimento e aos desdobramentos que o ato desencadeou na vida tanto das famílias das vítimas quanto dos autores do crime. O noticiário televisivo também transmitiu informações sobre o enterro das vítimas, que foi coletivo, e as medidas que seriam tomadas para melhorar a segurança no ensino público do estado de São Paulo. De acordo com as informações que foram divulgadas as investigações apontaram a participação de um terceiro envolvido no planejamento do ataque, que tinha dezessete anos e que os autores do crime participaram de um fórum da “Deep Web²”, chamado Dogolachan³, onde receberam orientações para executar o plano que vinha sendo elaborado há um ano e meio.

Entre as emissoras que cobriram jornalisticamente a tragédia, o presente trabalho dá destaque para duas em especial, o jornal Brasil Urgente da TV Bandeirantes e o jornal Panorama da TV Cultura. O motivo deste recorte baseia-se no fato de essas duas emissoras apresentarem narrativas diferentes para contar as suas histórias. No Brasil Urgente, uma abordagem mais dramática marca a forma como as informações são transmitidas. Os detalhes do caso foram esmiuçados pela equipe jornalística do programa com entrevistas feitas diretamente com

¹ No escopo deste trabalho as palavras atentado, ataque, assassinato, acontecimento, fato e ocorrido são usadas para designar a tragédia que aconteceu no dia treze de março de 2019 em Suzano.

² A Deep Web é uma divisão existente dentro da internet que fica oculta e que não pode ser encontrada tão facilmente pelos navegadores ou buscadores tradicionais, como o Chrome e o Google. Ela tem pouca regulamentação e garante o anonimato de seus usuários. A dificuldade do acesso é o que possibilita o uso indevido dessa camada escondida da internet. Nela as pessoas podem fazer o compartilhamento de conteúdo ilegal, como venda de drogas, pedofilia e violência. (GARRET, Filipe. O que é Deep Web. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/03/o-que-e-deep-web.ghml>. Acesso em 22 nov. 2019).

³ O dogolachan é um chan, fórum da deep web. Nele, assuntos perigosos são discutidos, o que fez seu criador, Marcelo Valle Silveira Mello, ser preso em 2018 respondendo por associação criminosa, divulgação de pedofilia, racismo, coação, incitação ao crime e terrorismo. (Disponível em: <https://forum.techtudo.com.br/perguntas/303896/o-que-e-dogolachan>. Acesso em: 22 nov. 2019).

autoridades policiais e algumas das vítimas, deixando até de considerar uma sensibilidade com o acontecimento trágico.

A cobertura do telejornal Panorama, da TV Cultura, por sua vez, seguiu um modelo diferente de execução. Houve uma preocupação em tratar do caso com cautela, considerando a delicadeza da situação e o sentimento de luto pela perda dos familiares das vítimas e dos autores da tragédia. O distanciamento da equipe jornalística para com as vítimas, no entanto, não impediu e nem comprometeu a maneira como a informação foi dada, de forma clara e direta.

Observando essas duas coberturas, destacam-se as diferenças existentes no tipo de jornalismo praticado por cada um dos jornais e nas narrativas utilizadas para contar as histórias envolvidas no ataque em Suzano. O aporte teórico de Matheus (2011) mostra que o uso das emoções no jornalismo levanta questionamentos sobre a maneira como elas interferem ou não na produção de conteúdo, ao ponto de algumas emissoras serem consideradas sensacionalistas no meio jornalístico. Ao mesmo tempo, uma pesquisa prévia feita para este trabalho mostrou que existem poucos estudos que relacionam as emoções a um jornalismo humanizado e é por esse motivo que esse trabalho encontra relevância. No sentido de ampliar as discussões sobre esse tipo de abordagem, tendo em vista a importância que ela assume quando o assunto é a cobertura de tragédias. Compreendendo que a linha que separa o sensacionalismo da humanização pode ser tênue, este trabalho dedicou-se a comparar as coberturas jornalísticas feitas pelo jornal Panorama e pelo Brasil Urgente sobre a tragédia de Suzano, para entender a partir de quais detalhes é possível distinguir estratégias sensacionalistas e/ ou humanizadas em uma cobertura para um telejornal.

Antes de partir para as discussões sobre sensacionalismo e humanização, faz-se necessário conhecer os modelos televisivos que foram estabelecidos no Brasil e como o telejornalismo surgiu em cima disso. Para compreender esse processo, a seção “O telejornalismo e suas características”, discute os pilares da televisão brasileira e as características que construíram o telejornalismo no país.

A seção “Uma discussão sobre os gêneros da TV e sensacionalismo” busca compreender as definições de gênero, formato e categoria dentro do telejornalismo. Esse debate sobre conceitos é importante no sentido de pautar algumas questões sobre audiência e o interesse público por algumas programações específicas na televisão brasileira. A partir desse ponto, fica mais claro como a dramatização e o uso de elementos sensacionalistas começam a ser usados

como estratégias de sustentação de um programa e manutenção de audiência. Para tanto, são abordadas discussões sobre a necessidade de se cultivar a sensibilidade em narrativas que abordam situações delicadas como as coberturas de tragédias. Essa sensibilidade se dá a partir de um jornalismo mais humanizado que evita a banalização do sofrimento como ferramenta de audiência.

Portanto, partindo dessa compreensão do que diferencia o sensacionalismo da humanização, o objetivo geral desta pesquisa é fazer uma análise comparativa e midiática sobre a maneira como Band e TV Cultura realizaram a cobertura jornalística do caso de Suzano na semana em que o fato se desenrolou. A metodologia utilizada neste trabalho tem natureza qualitativa com base em materiais audiovisuais. Tendo em vista a metodologia utilizada, foram selecionados quarenta e cinco vídeos (três da TV Cultura e quarenta e dois da TV Bandeirantes), divididos a partir de um dia antes da tragédia, o dia da tragédia e um dia após a tragédia.

A escolha desse corpus foi proposital e tem a finalidade de observar se houve mudanças de estrutura e de narrativa nos três dias. Para fazer o estudo desse material audiovisual foram realizadas descrições dos telejornais em cada um dos dias em blocos temáticos, seguidos pelas análises dos trechos selecionados, auxiliados pela metodologia de Rose (2002) de transcrição de vídeo em roteiro, separando o conteúdo imagético do conteúdo sonoro (falas dos envolvidos).

Os resultados dessa pesquisa mostraram que o Brasil Urgente tem, de fato, a característica sensacionalista na maneira de contar e produzir seus conteúdos jornalísticos. As análises indicaram também que há pouca humanização nas narrativas desse programa e que o Panorama, embora seja um telejornal que atua na contramão dos outros, apresenta indícios de sensacionalismo também, mas ainda se pauta pelo respeito e a ética jornalística.

As considerações finais retomam os principais debates conceituais deste estudo, as características particulares de cada jornal na descrição dos seus conteúdos audiovisuais e as análises, que mostram como é possível visualizar as noções de humanização e sensacionalismo dentro de cada cobertura, além da dificuldade de discernir a diferença entre ambos no contexto de uma tragédia.

Antes de qualquer coisa, a relevância dessa pesquisa reside na discussão de um *ethos* do jornalismo, quando o assunto é a cobertura de eventos trágicos. Nessa direção, a pesquisa soma esforços no sentido de discutir como sensacionalismo e humanização caminham muitas vezes atrelados na maneira como uma emissora exerce o seu modelo de jornalismo. Pensando no

âmbito do desenvolvimento pessoal, ela também aponta para o fortalecimento de um senso crítico tanto de alunos que ainda estão em formação quanto de profissionais experientes na área sobre a maneira como as coberturas de eventos extremos como o de Suzano acontecem na mídia. Além disso, reflete sobre o que pode ser feito para trabalhar a questão da emoção no espectro jornalístico e como jornalistas podem ser mais empáticos ao abordar temas delicados em seus respectivos veículos de informação.

2. O TELEJORNALISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS GERAIS

A existência da televisão enquanto meio de comunicação de massa tradicional se deve a vários processos e experimentos que tiveram início no século XX, em 1920 na Europa. O engenheiro escocês John Baird fazia testes para desenvolver a primeira TV em seu sótão em Londres, na Inglaterra, quando em 1924 realizou a primeira transmissão em imagens tremeluzentes⁴. Em janeiro de 1926, Baird fez a primeira demonstração de uma verdadeira televisão diante de cinquenta cientistas em uma sala no centro de Londres.

Em 1929, a British Broadcasting Corporation (BBC) - emissora de TV britânica - interessou-se pelo sistema criado pelo escocês e desenvolveu uma parceria para que fosse exibido o primeiro programa de televisão no país. No dia dois de novembro de 1936, o primeiro⁵ serviço regular de televisão do mundo foi inaugurado pela emissora, com o sistema mecânico de Baird, no norte de Londres.

Muitos avanços ocorreram nos anos seguintes até a chegada da tecnologia no Brasil. Embora seja amplamente divulgado o ano de 1950 como o de origem da televisão no país (PATERNOSTRO, 2006, p. 30), sabe-se, de acordo com Lins (2012, p. 41), que na década de 1940 já existiam tentativas de transmissões de televisão em Juiz de Fora⁶, feitas pelo técnico em eletrônica Olavo Bastos Freire. Como corrobora Lins, na historiografia brasileira sobre televisão, essas são consideradas as primeiras experiências de transmissões televisivas da América Latina.

“Mesmo tendo cursado apenas o primeiro ano ginasial, esse mineiro, nascido em Leopoldina, apaixonado por eletrônica, deu início à experimentação, utilizando esquemas para construção de um conjunto de TV (câmera-transmissor-receptor), publicados nos meses de maio, junho e julho de 1941, pela revista americana QSP, voltada para radioamadores.” (LINS, 2012, p. 41).

⁴ Disponível em http://www.bbc.co.uk/history/historic_figures/baird_logie.shtml. Acesso em: 30 ago. 2019.

⁵ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37846960>. Acesso em: 30 ago. 2019.

⁶ Disponível em <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3927>. Acesso em: 04 set. 2019.

Freire, não era radioamador e, segundo Lins (2012), relatou que as primeiras transmissões aconteceram apenas com imagens, já que para o envio do som, os radioamadores utilizavam os próprios radiotransmissores (LINS, 2012, p. 41). Lins revela, segundo Freire, que somente a partir de 1948 ocorreram adaptações que possibilitaram a transmissão de som.

O aparato televisivo que gerou naquele ano a primeira demonstração pública de TV da América Latina começou a ser desenvolvido dois anos antes. Em 1946, Freire comprou o primeiro iconoscópio, construiu a câmera, o receptor de três polegadas e o receptor (LINS, 2012, p. 42). Tudo isso só foi possível graças ao acesso que o técnico teve às revistas na oficina onde trabalhava e com o auxílio de um dicionário de inglês, uma vez que não dominava o idioma, e um kit de para construção do mecanismo.

Para Paternostro (2006, p. 30), a data que marca a iniciativa de instalar a primeira emissora de TV e começar as transmissões no país, veio com a PRF-3 TV Difusora (popularmente conhecida como TV Tupi), no dia dezoito de setembro de 1950, através do jornalista e empresário Assis Chateaubriand. A decisão veio depois de uma viagem feita por Chateaubriand a Nova York em 1946. O empresário providenciou a compra do equipamento necessário para a instalação da emissora e cerca de duzentos aparelhos receptores (PATERNOSTRO, 2006; JAMBEIRO, 2001) distribuídos em alguns pontos da cidade de São Paulo para que a população pudesse assistir a estreia do programa *TV na Taba*. (PATERNOSTRO, 2006, p. 30). O espetáculo durou cerca de duas horas e foi transmitido em preto e branco e ao vivo, uma vez que naquela época não havia ainda o dispositivo utilizado para gravar programas.

Influente, Chateaubriand era proprietário dos Diários e Emissoras Associadas, “o primeiro império de comunicação do país” (PATERNOSTRO, 2006, p. 28), composto por jornais, revistas e emissoras de rádio. A instalação da televisão no Brasil, apesar de contar com a mesma legislação do rádio, assumiu um formato diferente de funcionamento. Jambeiro (2001, p. 49) revela que, no início, o rádio foi operado por clubes de amadores, enquanto a televisão surgiu no país sob domínio do sistema empresarial. A missão desse novo meio de comunicação era a de incrementar o comércio de bens e serviços, divertir e emocionar o público.

O modelo de expansão da TV caminhou na lógica capitalista de concentração na região Centro-Sul do Brasil, voltada mais especificamente para as maiores cidades, São Paulo e Rio de Janeiro. Anos mais tarde, a televisão começou a ser implementada em outras capitais e centros

urbanos. Ao contrário do rádio, que não se baseou em interesses empresariais nas primeiras manifestações e se espalhou por todo o país. Quando foi instalada, a TV Tupi, de Chateaubriand, era a primeira emissora da América Latina e apenas a sexta no mundo, atrás de Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha e Holanda (JAMBEIRO, 2001, p. 49). No Rio de Janeiro, em 1951, Chateaubriand inaugurou a segunda emissora, afiliada da TV Tupi.

Os primeiros anos da televisão no Brasil seguiram uma lógica experimental. De início, o modelo de funcionamento seguiu os passos do rádio, a partir da radiodifusão em 1930, como sendo de interesse público, eram serviços públicos protegidos e regulados pelo Estado. Jambeiro observa que “a regulação da indústria brasileira de televisão têm nas suas raízes históricas alto grau de nacionalismo” (JAMBEIRO, 2001, p.67). Isso se deve, como explica o autor, ao fato de que os decretos 20.047 e 21.111, publicados em 1931 e 1932, estabeleciam que o rádio, já existente, e a TV, quando viesse a existir, seriam de interesse nacional e teriam sua utilização reservada aos brasileiros.

Num primeiro momento, à TV foi atribuída a finalidade educacional, com uma programação que tivesse objetivos culturais e educacionais, mesmo no seu aspecto informacional e de entretenimento (JAMBEIRO, 2001, p. 59), no entanto, aos poucos, não foi o que se verificou. Jambeiro (2001, p. 70) observa que o governo de Getúlio Vargas, que assumiu após a Revolução de 30, “falhou na conceituação dessas finalidades e na fixação do modo como deveriam ser alcançadas e avaliadas”.

Na prática, o modelo comercial de exploração da TV refletiu um pensamento mercadológico capitalista e em sua programação era possível encontrar predominantemente programas de entretenimento que superaram em número e qualidade aqueles com características educacionais (JAMBEIRO, 2001, p. 68). No começo, por ser considerada um objeto de luxo, a televisão atraiu esse aspecto em sua programação, que era voltada para uma elite econômica. A forte herança do rádio trouxe para a televisão brasileira artistas desse meio e do teatro. A grade televisiva apresentava entrevistas, debates, teleteatros, *shows* e música clássica como principais atrações (PATERNOSTRO, 2006, p.31).

No final da década de 1950, a produção em larga escala e a instalação de empresas estrangeiras fez com que o preço dos aparelhos televisivos se tornasse acessível. Mais do que isso, essa mudança significou um atrativo para que as emissoras se instalassem em outros estados e a TV ganhasse áreas de influência, além de chamar a atenção de agências de propaganda e

anunciantes. A disputa por audiência consolida o caráter comercial da TV no Brasil, algo que impactava diretamente na busca por verbas de publicidade.

Outro fator que impulsionou a permanência e a difusão da televisão no país e melhorou a qualidade dos programas foi a introdução do videotape em 1960 que permitiu que as emissoras gravassem seus programas e os exibissem posteriormente. O dispositivo representou uma evolução na televisão brasileira, com a adoção de táticas industriais de produção de programas (JAMBEIRO, 2001, p. 50). A TV Tupi, de São Paulo, foi a primeira emissora a utilizá-lo, em vinte e um de abril. A nova tecnologia foi uma preciosidade do ponto de vista prático, uma vez que proporcionou operações atualizadas, racionalização da produção, economia de custo e tempo e melhor qualidade nos programas (PATERNOSTRO, 2006, p. 31).

Nos países cuja tendência política e econômica era liberal, a TV conseguiu caminhar atrelada aos interesses do público para conquistar mercados. No Brasil, apesar do histórico nacionalista de instalação da TV, como cita Jambeiro (2001, p. 33), era possível identificar uma nova relação entre esse novo meio de comunicação de massa e o público, no conceito de mercado. Uma explicação mais palpável desse conceito reside na “premissa de que não se pode ser completamente cidadão se não se é parte do sistema de consumo de bens produzidos na sociedade mundial” (JAMBEIRO, 2001, p. 33).

Em termos gerais o desenvolvimento da indústria televisiva no território brasileiro acompanhou as mudanças que o país sofreu nos anos 60. De acordo com Jambeiro (2001, p. 87), ela “cresceu em paralelo a concentração do capital, a internacionalização do mercado interno e a convergência geográfica da produção industrial na região Centro-Sul do país”. A política de desenvolvimento econômico do regime milita se consolidou e foi consolidada com o crescimento da indústria televisiva e foi facilitada pelo projeto de construção de uma rede nacional de telecomunicações.

Como foi dito anteriormente, a prestação dos serviços de TV, estabelecidos como atividade industrial e comercial, tinha a finalidade de vender bens e ideias por meio de publicidade e telejornais, mas também auxiliou na propagação da Doutrina de Segurança Nacional (JAMBEIRO, 2001, p. 87) em âmbito nacional. No entanto, o autor ressalta que o sistema de telecomunicações não fora construído unicamente para as transmissões televisivas, o seu crescimento surfou na onda de uma estratégia que demandava a melhoria dos serviços de telecomunicações para suportar o desenvolvimento industrial. A união de todos esses fatores fez

da televisão um importante e poderoso instrumento de integração dos mais diversos setores da sociedade brasileira ao modelo de desenvolvimento capitalista do regime militar (JAMBEIRO, 2001, p. 88).

A demanda pela fragmentação de audiência entre as massas provocou a submissão desta ao maior controle por parte dos interesses das emissoras. Fica evidente uma ânsia capitalista-liberal em identificar, atrair e controlar o público posto que:

“O mercado, nesta concepção regulatória da indústria da TV se coloca como o elemento unificador das condições de consumidor, de cidadão e de telespectador. A tendência verificável da televisão é a da busca e atendimento dos gostos, valores e preferências das audiências - melhor dizendo, dos vários segmentos do mercado.” (JAMBEIRO, 2001, p. 33)

Ao contrário do modelo comercial de televisão, o modelo educativo encontrou dificuldades para se estruturar, manter uma programação de qualidade e cativar audiência fixa. Tanto o Código Nacional de Telecomunicações⁷ quanto o Regulamento de Serviços de Radiodifusão⁸, previam a concessão de canais de rádio e TV para fins educativos (JAMBEIRO, 2001, p. 121).

Para que houvesse a concessão de licença ao funcionamento de canais para serviço público e educacional, Jambeiro (2001, p. 64) relata que o Ministério das Comunicações, ainda na década de 60, definiu que era necessário que a companhia interessada realizasse um estudo de viabilidade econômica e técnica. No estudo, deveriam constar, entre outros requisitos, os valores e condições de pagamento de outorga, a localidade onde o serviço seria explorado e os documentos para aferição de qualificação econômico-financeira.

Porém, somente em 1964 o Ministério da Educação solicitou ao Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel), a reserva de canais para a TV Educativa. De acordo com Jambeiro (2001, p. 121), o mesmo ministério solicitou ainda que os aparelhos receptores fossem preparados para receber imagens nas frequências VHF e UHF, uma vez que os canais

⁷ BRASIL. Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962. Institui o Código Brasileiro de Telecomunicações. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4117.htm. Acesso em: 11 set. 2019

⁸ BRASIL. Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963. Aprova o Regulamento dos Serviços de Radiodifusão. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D52795.htm. Acesso em: 11 set. 2019.

educativos deveriam ser disponibilizados nessas duas faixas. Já no ano de 1965, foram reservados cem canais (50 em VHF e 50 em UHF).

Em 1967, o Decreto 236 do Código Nacional de Telecomunicações definiu que:

“[...] as TVs educativas deveriam transmitir apenas programas educacionais como aulas, conferências, e debates; não poderiam aceitar publicidade direta e indireta, nem patrocínio; somente os governos federal, estadual e municipal, universidades e fundações de direito público poderiam operar TVs educativas” (JAMBEIRO, 2001, p. 122).

Ainda de acordo com Jambeiro (2001), essas medidas, somadas à criação pelo governo, de uma agência nacional de controle das atividades de teleeducação, o Programa Nacional de Teleeducação (Prontel), não surtiram efeito. As emissoras não-comerciais, apesar de constituírem uma alternativa de qualidade de informação, cultura e programas de interesse público, tinham dificuldade para se manterem financeiramente. No final do século, as emissoras que promoviam conteúdo educativo no país não passavam de vinte. A TV Educativa no Brasil atravessou uma fase de descrédito, enfrentando críticas quanto ao gasto exagerado sem qualquer retorno.

Diante desse contexto cresceu o número de emissoras com conteúdo de entretenimento (TV Excelsior, TV Paulista, TV Record, TV Rio e TV Tupi de São Paulo e do Rio de Janeiro) que começaram uma disputa por audiência que ajudou de certa forma, a dinamizar a programação televisiva brasileira. Em 1951, surgiu a primeira novela da TV brasileira, ainda ao vivo, *Sua vida me pertence*, colocada ao ar pela TV Tupi. O videotape possibilitou maiores investimentos das emissoras em telenovelas e em programas de auditório, ainda na década de 1960. Os musicais da bossa nova (particularmente na TV Record, pioneira nesse gênero), conseguiram grande repercussão e audiência entre os telespectadores (PATERNOSTRO, 2006, p. 32).

Quando falamos em gênero não podemos deixar de considerar o ponto de vista de Aronchi (2004), o qual considera que a divisão dos programas em categorias inicia o processo de identificação do produto, seguindo o conceito industrial assumido pelo mercado de produção (ARONCHI, 2004, p. 38). O autor considera que a ideia de separação dos programas em categorias, atende uma necessidade de classificar os gêneros correspondentes. Ele analisa que a divisão dos gêneros e a sua classificação diversificada se constitui “no elo que une o espaço da produção, os anseios dos produtos culturais e os desejos do público receptor”.

“Como exemplo da industrialização da construção de sentido, a televisão pode ser então utilizada para explorar tópicos mais amplos, que remetem seus aspectos culturais e questões de poder. Por exemplo, categorias como classe, nação e gênero são não apenas sociopolíticas mas também plenas de significado; A TV é um dos mecanismos para tornar as próprias categorias, bem como as relações dentro delas e entre elas, igualmente significativas (e, portanto, tão verdadeiras - “existindo de fato”) para aqueles que vivem em meio a tais categorizações” (HARTLEY, 1992, apud ARONCHI, 2004, p. 37-38).

Aronchi indica que essa distribuição dos programas de televisão no Brasil não segue um molde internacional e é flexível, seguindo a linha dos interesses de cada emissora, cuja finalidade central é atrair o telespectador, em vez de se restringir à essência do gênero (ARONCHI, 2004, p. 34). Essa identificação das categorias dos programas é uma atribuição da televisão, como pontua Masterman (1980, apud ARONCHI, 2004, p.27), ao promover a instrução, o entretenimento e a informação. Segundo Aronchi (2004), no manual de produção de programas da *British Broadcasting Corporation* (BBC), encontra-se uma explicação sobre a categorização dos programas:

“Os programas devem entreter e informar. O entretenimento é necessário para toda e qualquer ideia de produção, sem exceções. Todo programa deve entreter, senão não haverá audiência. Entreter não significa somente vamos sorrir e cantar. Pode ser interessar, surpreender, divertir, chocar, estimular ou desafiar a audiência, mas apertando sua vontade de assistir. Isso é entretenimento. [...] Programas com o propósito de informar são necessários em qualquer produção, exceto naquela dirigida inteiramente para o entretenimento (balés, humorísticos, videocliques, etc.) Informar significa possibilitar que a pessoa, no final da exibição, saiba um pouco mais do que sabia no começo do programa a respeito de determinado assunto” (ARONCHI, 2004, p. 47)

No ano de 1965, precisamente em vinte e seis de abril, surge a emissora que se transformaria no maior conglomerado de telecomunicações da América Latina: a TV Globo, do Rio de Janeiro, criada pelo jornalista Roberto Marinho. De acordo com Paternostro (2006, p. 33) a TV Globo começa com uma programação voltada para a linha popular (Chacrinha e Dercy Gonçalves eram as grandes atrações da programação da emissora). Segundo Jambeiro, (2001, p.92), a emissora rapidamente tornou-se uma das redes comerciais mais assistidas do mundo e

comandava as transmissões no Brasil: eram oitenta e quatro estações de TV, sendo setenta e quatro delas sob contrato como afiliadas.

“Crescendo à sombra da ditadura militar instalada no Brasil de 1964 a 1984, seu desenvolvimento ocorreu em paralelo com a expansão do capital internacional na economia brasileira e a introdução, bem sucedida, de alta tecnologia e modernos padrões de gerenciamento no processo de industrialização do País” (JAMBEIRO, 2001, p. 93).

Também em 1965 começam as iniciativas, por parte do governo militar, de instituir a Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações). A companhia foi criada pela mesma lei que implementou o Código Nacional de Telecomunicações, em 1962 e ficou responsável por interligar o Brasil com serviços telefônicos de longa distância (JAMBEIRO, 2001, p. 79). No mesmo ano o Brasil aderiu ao consórcio Intelsat (Organização Internacional de Satélites de Telecomunicações). A adesão significou a instalação do primeiro sistema de satélites do Brasil, o Tanguá - I, em 1969, e a etapa final de estruturação para redes nacionais de televisão (PATERNOSTRO, 2006, p. 33).

O ano de 1969 trouxe uma novidade ao sistema brasileiro de televisão. No dia 1º de setembro, aconteceu o lançamento do primeiro programa transmitido em rede nacional:

“O Jornal Nacional, feito no Rio de Janeiro e retransmitido ao vivo, via Embratel, para as emissoras da rede, mostrando imagens de várias cidades brasileiras que haviam sido geradas para a sede no Rio, pelo satélite” (PATERNOSTRO, 2006, p. 33).

A realidade imposta pela TV Globo começou a evidenciar a disparidade técnica e de infraestrutura com as demais emissoras. Em São Paulo, Record e Bandeirantes, criada em 1967, foram surpreendidas por incêndios e tiveram suas produções danificadas. Segundo Paternostro (2006, p.33) a TV Bandeirantes apostou, num primeiro momento, na programação com produções de música popular brasileira com boa qualidade, mas de pouca audiência. Outras emissoras como a TV Tupi, apesar de enfrentar dificuldades financeiras, buscavam inovações como a telenovela *Beto Rockfeller*, de Bráulio Pedrosa. A TV Excelsior, por sua vez, teve a concessão cassada pelo governo assim que completou dez anos. O cenário da televisão no Brasil, apesar de consolidado, lidava com a fase da censura pelo governo militar no início dos anos 70. “Particularmente de 1968 a 1979, a produção de programas de TV foi o resultado de uma

complicada dialética entre as demandas do mercado, a censura formal e informal e administradores e escritores” (STRAUBHAAR, 1989, apud JAMBEIRO, 2001, p. 238).

Até mesmo os programas de auditório de Chacrinha e Dercy Gonçalves passaram pelo veto da censura e a TV Globo os retirou do ar. Esses espetáculos de entretenimento, os programas de auditório, os telejornais e as telenovelas serviram como ferramentas de popularização da televisão. Constituíram uma tendência, segundo Machado (2000, p.71), que considera a televisão um meio mais oral do que visual, entendendo que tal característica é ambivalente em sua programação:

“Essa disponibilidade para o discurso oral, de um lado, desviou a televisão para a facilidade, a comodidade e a banalidade dos talk shows, em geral voltados para a celebração de suas próprias estrelas, ou para algumas de suas derivações ainda mais degeneradas, como os programas de auditório e os reality shows (...). Mas, de outro lado, favoreceu também o ressurgimento na televisão de formas discursivas muito antigas e muito vitais, formas que estão na raiz mais profunda de toda a nossa cultura: aquelas que se fundam no diálogo” (MACHADO, 2000, p. 72).

A pluralidade presente nessas programações oportunizou uma discussão quanto aos gêneros nesse meio, algo que Machado (2000, p. 70) afirma existirem em grande diversidade e sempre mutáveis e heterogêneos, traçando como parâmetro em comum o fato de as suas imagens e sons serem constituídos eletronicamente e serem transmitidos, da mesma forma, de emissor para receptor.

É importante ressaltar, em meio a essa gama de novos programas que, apesar de o *Jornal Nacional* ter feito a primeira transmissão em rede nacional, não foi o primeiro do gênero telejornalístico na história da TV brasileira. Paternostro (2006, p. 36) destaca que o *Imagens do Dia*, da TV Tupi de São Paulo, foi o pioneiro neste quesito, quando foi ao ar em 1950 carregando ainda a influência radiofônica. O *Repórter Esso*, da mesma emissora, foi o segundo da linha e ficou no ar por dezessete anos, entre 1953 e 1970. O diferencial da TV Globo, porém, foi a adoção do sistema em rede, que foi proporcionado graças à associação da emissora à empresa norteamericana *Time Life*, que deu origem à Embratel (PATERNOSTRO, 2006, p. 33).

“O *Jornal Nacional*, foi o primeiro a apresentar reportagens em cores; o primeiro a mostrar imagens, via satélite, de acontecimentos no mesmo instante em que eles ocorriam; o primeiro a ter correspondentes

internacionais. O estilo de linguagem e a figura do repórter de vídeo tiveram os telejornais americanos como modelo” (PATERNOSTRO, 2006, p. 38).

Em 1970 é criada a programação em rede nacional, aquela compartilhada pela emissora sede com as afiliadas. Foi assim que o padrão Rio-São Paulo começou a ser inserido, já que as sedes encontravam-se nessas cidades. No ano de 1972 outro avanço tecnológico é incrementado nas transmissões televisivas, as imagens em cor se tornam uma realidade. Segundo Paternostro (2006), a primeira transmissão em cores no Brasil pela TV Difusora de Porto Alegre, a inauguração da Festa da Uva, em março, pelo então presidente Emílio Garrastazu Médici, em Caxias, Rio Grande do Sul (PATERNOSTRO, 2006, p.33). A autora corrobora com a informação de que a primeira novela em cores também foi da TV Globo: *O Bem Amado*, de Dias Gomes.

Se o Jornal Nacional foi o primeiro a ser transmitido em rede nacional (e mantém-se líder de audiência até hoje no horário nobre), outros telejornais seguiram o caminho aberto e surgiram em outras emissoras. O *Telejornal Brasil* veio em 1988, exibido pelo SBT, como o primeiro noticiário com a figura do âncora (PATERNOSTRO, 2006, p. 39). O jornalista Bóris Casoy comentava e opinava em algumas reportagens o que, no entanto, não foi suficiente para superar o noticiário da Rede Globo em condições de inovação. Vale observar que o uso do âncora como apresentador principal de um telejornal segue um modelo estadunidense, em que ao apresentador, não cabe apenas apresentar o noticiário e transmitir as notícias. Segundo o Dicionário de Comunicação escrito por Barbosa e Rabaça (2001) “o âncora redige as notícias (ou participa de sua elaboração) e as apresenta com interpretação pessoal, acrescentando informações e angulações até por intermédio de recursos não-verbais” (BARBOSA; RABAÇA, 2001, p. 28).

Indo um pouco mais além, é possível refletir que o telejornal enquanto gênero mobilizou uma transformação cultural no que diz respeito à formação de hábitos e comportamentos por parte do telespectador. Reunir pessoas em frente à televisão num mesmo horário, consumindo as mesmas informações, foi de extrema importância para a consolidação de um padrão social. Pereira Junior (2005) afirma que:

“No Brasil, a televisão ocupa um papel de fundamental importância na formação da identidade nacional. [...] Dentro desse contexto, o jornalismo tem um papel de destaque. Diariamente, durante meia hora do horário nobre da TV, milhões de pessoas sentam em frente ao telejornal

para assistir os fatos mais importantes do dia, de uma forma condensada” (PEREIRA JUNIOR, 2005, p. 41-42).

Quando falamos em consumo da informação, faz-se necessário refletir sobre o produto que será consumido, em uma análise que ultrapassa a alusão a propagandas e anúncios publicitários. No telejornalismo um desses produtos é a reportagem. A reportagem é um tipo de narrativa criada com o objetivo de noticiar acontecimentos e fatos verídicos de forma precisa e objetiva, acontecimentos esses que estejam de acordo com critérios de noticiabilidade e relevância social. Para Sodré e Ferrari (1986), não é suficiente que o fato seja verídico; “a reportagem tem que parecer verdadeira - ser verossímil” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 107).

O que dá credibilidade à reportagem e a faz parecer ser verdadeira, são os elementos que a compõem: As entrevistas com fontes oficiais, aquelas que tenham passado pela experiência que está sendo relatada, as declarações, documentos escritos (atas) e diálogos entre pessoas, além do essencial para compor uma reportagem televisiva, as imagens, que possam dar um parâmetro do que está acontecendo ao telespectador.

“O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (quem, o quê, como, quando, onde, por quê) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11)

Fica clara a finalidade da reportagem de conduzir a informação a respeito de algum fato ao telespectador, mesmo que esse fato não tenha relação com o cotidiano da pessoa que a esteja assistindo, que não seja próximo à sua realidade. É diante desse aspecto, da reportagem enquanto um formato do gênero telejornalístico, que se faz necessária a abordagem de um ponto de vista mais analítico sobre como o sensacionalismo aparece em algumas emissoras enquanto traço editorial e estratégia de captação de audiência. Os debates feitos até aqui são importantes nesse sentido, na compreensão do sensacionalismo e do conceito de humanização. Ambos serão discutidos na próxima seção.

3. UMA DISCUSSÃO SOBRE OS GÊNEROS DA TV E SENSACIONALISMO

No capítulo anterior desenvolvemos uma espécie de linha do tempo que abordou os principais aspectos que conceberam o estabelecimento da televisão enquanto um meio de comunicação de massa no Brasil. Também discutimos algumas das particularidades dos modelos de televisão (comercial e educacional), a introdução do videoteipe e as características que pautaram a estruturação dos programas de televisão, até chegarmos no debate sobre os primeiros telejornais, a primeira transmissão ao vivo em território nacional, a constituição dos telejornais como gêneros e os elementos que compõem um dos produtos dos telejornais: a reportagem.

Para entender a construção de narrativas nos telejornais é preciso abordar aspectos como a dramatização no contexto jornalístico para gerar sensações a partir de relatos dos sujeitos sobre aquilo que é contado em uma história. Além disso, serão retomadas as concepções de gênero e formato dentro da categoria dos telejornais.

De início, faz-se necessário observar que as discussões sobre gênero compõem a formação de outro grande grupo, o das categorias. A divisão dos programas de TV em categorias dá origem, segundo Aronchi (2004), à identificação do produto telejornalístico. Ela instrui o telespectador sobre a natureza do programa televisivo ao qual se está assistindo. Na televisão brasileira, identificamos três grandes categorias que reúnem a maioria dos gêneros: entretenimento, informativo e educativo.

Como já foi citado anteriormente, os esforços em classificar os gêneros da televisão pressupõe a constituição de um modelo que une o espaço da produção, os anseios dos produtores culturais e os desejos do público (ARONCHI, 2004). Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2001), entende-se por gênero:

“O conjunto de espécies que apresentam certo número de caracteres comuns convencionalmente estabelecidos. Qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, fatos, ideias, com caracteres comuns. Classe ou categoria de assunto ou de técnica. O que distingue as obras de uma época ou de uma escola” (AURÉLIO, 1975, p. 852)

Partindo desse significado, Aronchi (2004) desenvolve o princípio de que os programas de televisão formam, de fato, “um conjunto de espécies que apresentam certo número de

caracteres comuns”, como indica a explicação do dicionário (ARONCHI, 2004, p. 41). O autor continua a análise sobre os estudos dos gêneros de televisão sob a ótica de Kaminsky (1984), que discute gênero e categoria como parte da mesma análise:

“A própria palavra gênero significa simplesmente ordem. [...] No entanto, as questões básicas são: Que categorias existem para se ordenar? Como chegaram aí? Quais são as relações entre as várias categorias? O que essas categorias significam? No livro “A ordem das coisas”, o filósofo Michel Foucault afirma que há diversas maneiras básicas de encarar a ordem e que precisamos estar conscientes dos métodos que escolhemos” (KAMINSKY, 1984, apud ARONCHI, 2004, p. 42).

Diante dessas considerações, Aronchi (2004) afirma que os estudos sobre gênero estão relacionados a aspectos históricos e culturais. Como foi dito pelo autor no capítulo anterior, a divisão dos programas em categorias atende à necessidade de classificar os gêneros correspondentes. A categoria de um programa de TV permite o entendimento sobre o que se diz de determinado gênero de um programa. A busca pela categorização dos gêneros pressupõe uma padronização de conceitos e de elementos identificáveis, típicos da chamada indústria cultural (ARONCHI, 2004, p. 48).

A exemplo de Aronchi, Amaral (2005) também entende que a questão cultural deve ser predominante no âmbito dos meios de comunicação. Ao analisar a imprensa, por exemplo, a autora identifica que as matrizes culturais intermedeiam a comunicação dos veículos com os setores populares, já que cada matriz “determina atores, conflitos e espaços, determina a forma como o popular é representado, pois diferencia entre identidades políticas e identidades sociais” (SUNKEL, 1985 apud AMARAL, 2005, p.7). Pensando na composição dos gêneros e na associação com estas matrizes culturais, podemos dizer que eles coexistem nos meios de comunicação.

A citação feita à indústria cultural, por sua vez, refere-se à concepção de Adorno (2006) sobre o desenvolvimento de uma cultura de massa em meio à difusão dos gêneros de programas no telejornalismo. O autor alemão desejava, com o uso da expressão “indústria cultural”, substituir uma outra, denominada “cultura de massa”. A ideia dessa expressão remete a uma cultura que emerge espontaneamente da massa mas, na verdade, ela apenas reproduz alguns pensamentos coordenados e inseridos nos tecidos sociais pelos detentores dos veículos de

comunicação de massa, detectados a partir dos conhecimentos prévios acerca dos interesses desse público (ADORNO, 2006, p. 112).

“A indústria cultural fornece por toda a parte bens padronizados para satisfazer às numerosas demandas, identificadas como distinções às quais os padrões da produção devem responder. Por intermédio de um modo industrial de produção, obtém-se uma cultura de massa feita de uma série de objetos que trazem de maneira bem manifesta a marca da indústria cultural: serialização-padronização-divisão do trabalho” (ADORNO, 2006, p. 114).

A razão pela qual acontece essa padronização de gêneros e categorias não é desconhecida, Aronchi (2004) a interpreta conforme a visão da indústria televisiva que tem nos programas os seus grandes produtos. O responsável pela compra desses produtos é o mercado publicitário, que atua na identificação de um público alvo e enxerga nos programas uma possibilidade de vender anúncios de acordo com a demanda apresentada, evitando correr riscos (ARONCHI, 2004, p. 52). O autor interpreta que, dessa maneira, o gênero pode ser visto como um dos pilares de sustentação do modelo televisivo de negócios.

Dentro da comunicação o mesmo autor ainda associa que os gêneros remetem a diversas compreensões, que por sua vez se aproximam de uma tentativa de integrar conceitos universalistas (ARONCHI, 2004, p. 43).

“Os gêneros são sistemas de regras aos quais se faz referência - de modo explícito e/ou implícito - para realizar o processo comunicativo: tal referência se justifica seja do ponto de vista da produção do texto (de qualquer natureza), seja do ponto de vista de sua própria fruição [...]” (WOLF, 1987 apud ARONCHI, 2004, p. 44).

Segundo Aronchi (2004) “os gêneros tem história”, a qual vez está atrelada ao crescimento de uma determinada região ou país. Por esse fator, um programa ou *show* de televisão precisa ser identificado observando o período histórico em que aconteceu a sua produção, para compreender os gêneros da época (ARONCHI, 2004, p. 51). Na mesma linha de raciocínio, o autor complementa a reflexão com referência a Barbosa Filho (2003 apud ARONCHI 2004, p. 44) que estabelece os gêneros da comunicação como “unidades de informação que estipulam a forma de apresentação do conteúdo acompanhando o momento

histórico da produção da mensagem”. Essas unidades de informação vão formar o conjunto de identificação, são elementos que fazem com que o público possa assistir a um determinado conteúdo e identificá-lo no gênero correspondente.

Os gêneros podem, dessa forma, ser compreendidos como estratégias de comunicabilidade, fatos culturais e modelos dinâmicos, articulados com as dimensões históricas de seu espaço de produção e apropriação (MARTÍN-BARBERO, 1987, apud ARONCHI, 2004, p. 44). São entendidos dessa maneira por reunirem na mesma fonte cultural referências comuns a emissores e produtores, bem como ao público a quem se direciona a mensagem.

Na perspectiva da Antropologia Cultural, Muniz Sodré (1972) analisa a cultura como uma estrutura de comunicação que só pode ser entendida a partir da decifração do código (SODRÉ, 1972, p. 12). O código ou a língua é compreendido através de um sistema de “regras implícitas ou explícitas, subentendidas para todos os usuários, letrados ou analfabetos, numa comunidade linguística” (SODRÉ, 1972, p. 11). Ainda de acordo com o autor, nas ciências sociais o conjunto dessas regras possibilita a criação de um modelo teórico do conjunto chamado estrutura. É por isso que, para Aronchi (2004, p. 44), somos capazes de identificar, enquanto participantes do processo de comunicação, gêneros, citar e detalhar as suas características particulares, ainda que não se leve em consideração as suas especificidades, seja no processo de produção ou no seu funcionamento.

É preciso, no entanto, elucidar o significado de um outro termo, que caminha junto das definições de gênero conceituadas até aqui, trata-se do formato. Quando é definido o gênero de um programa televisivo, associa-se prontamente a ideia de um formato. Isso porque “o formato é a característica que ajuda a definir o gênero” (ARONCHI, 2004, p. 45). Segundo o autor, no universo televisivo, os múltiplos formatos concebem o gênero de um programa e os gêneros reunidos constituem uma categoria. Aronchi (2004) destaca: “O formato de um programa pode apresentar-se de maneira combinada, a fim de reunir elementos de vários gêneros e assim possibilitar o surgimento de outros programas” (ARONCHI, 2004, p. 46).

O formato, portanto, identifica a forma e o tipo da produção de um gênero de programa televisivo e está diretamente ligado a um gênero, da mesma forma que o gênero está conectado à categoria. Na dinâmica do mercado, os programas alternam seus formatos em busca de audiência, algo que provoca uma grande concorrência dentro do que as emissoras buscam como solução em suas programações (ARONCHI, 2004, p. 47).

No que diz respeito aos programas da categoria da informação, Aronchi (2004) considera que estes poderiam estar agrupados no gênero do telejornalismo por possuírem características específicas que formam o ambiente em que funcionam os telejornais. As redes comerciais utilizam essa adaptação, algo que não acontece com as educativas, por estarem ligadas à área de produção e não ao jornalismo (ARONCHI, 2004, 149). Para entender o que o autor quer dizer quando fala sobre as características próprias do gênero telejornal, podemos citar a composição de um cenário com o apresentador em um estúdio, apresentando reportagens e matérias sobre os últimos acontecimentos.

Além disso, Aronchi (2004) infere que os programas jornalísticos na televisão possuem uma estrutura autônoma e estruturada tecnologicamente para dedicar-se unicamente à produção de programas da categoria informação. E é dentro desse sistema que “as emissoras identificam como telejornalismo os noticiários, segmentados ou não, em diversos formatos” (ARONCHI, 2004, p. 149). Recorremos, portanto, às classificações de comunicação e informação para entendermos o telejornal como gênero:

“Entendemos que há uma distinção básica entre comunicação e informação. No primeiro caso, trata-se de um fenômeno bidirecional, essencialmente dialógico, para usar a caracterização de Paulo Freire. No segundo caso, trata-se de um fenômeno que Maletzke tipifica como unilateral, indireto e público, o que se aplica bem aos processos de reprodução simbólica” (MARQUES DE MELO, 1985, apud ARONCHI, 2004, p. 150).

Na cultura brasileira, a presença de múltiplos gêneros jornalísticos incentiva a experimentação de formatos e tentativas de comparação com outras categorias na televisão (ARONCHI, 2004). Aronchi (2004) utiliza o ponto de vista de Marques de Melo (1985) para indicar que o telejornalismo brasileiro possui várias referências em suas raízes históricas sejam elas trazidas por portugueses “no processo de comunicação intercultural quando no período dos movimentos migratórios e também aquelas que surgiram de situações de dependência tecnológica e econômica que incluem alterações simbólicas fundamentais” (MARQUES DE MELO, 1985, apud ARONCHI, 2004, p.150). Por isso, para o autor, compreender os gêneros jornalísticos denota buscar identidades, questionar procedências, desenvolver comparações.

Sabe-se que no Brasil o crescimento do telejornalismo foi impulsionado por patrocinadores multinacionais, que enxergaram a relevância desse gênero em seus próprios territórios. O primeiro exemplo claro disso foi o *Repórter Esso*, que surgiu em 1952, na TV Tupi (TEODORO, 1978, apud ARONCHI, 2004, p. 151). Daí em diante, acontece uma ampliação do espaço do telejornalismo nas programações televisivas. Essa conquista nas grades foi possível graças à visibilidade que os telejornais trouxeram ao conceito de rede, seguindo os preceitos de informar, educar, servir, interpretar e entreter (ARONCHI, 2004, p. 151).

Rezende (2000), no entanto, entende que a classificação do gênero telejornal possa indicar outros caminhos, a depender do estudo do conteúdo:

“Nos telejornais, só foi possível mesmo identificar os gêneros informativo e opinativo. Supõe-se que os outros dois gêneros, o diversional e o interpretativo, talvez não se adaptem à modalidade dos telejornais e se afinem mais com outras espécies de produções jornalística veiculadas pela TV: os documentários e os programas de variedades” (REZENDE, 2000, p. 274).

O formato vanguardista no gênero telejornal foi o noticiário, o qual utiliza um apresentador para fazer a leitura de textos para a câmera, sem outras imagens. No vídeo, a fórmula usada se mantém nos dias atuais e baseia-se, conforme Aronchi (2004), em um ou mais apresentadores, fazendo a leitura de textos, chamando as reportagens externas feitas pelo jornalista, ao vivo ou gravadas (ARONCHI, 2004, p. 152). O uso de uma opinião mais refinada, de um comentarista especializado, mostra-se presente nos telejornais de referência: *Jornal da Cultura*; *TJ Brasil*, do SBT; *Jornal Nacional*, da Globo; *Jornal da Record*; *Jornal Bandeirantes*.

“Os principais telejornais continuam sendo transmitidos ao vivo, pois dão um tom de atualidade e permitem a realização de entrevistas em diversos pontos do país e do mundo. Os telejornais exibidos após o horário nobre são, na maioria, gravados para exibição posterior” (ARONCHI, 2004, 152).

Existem ainda outros formatos, além do telejornal, no telejornalismo, entre eles os debates e programas de entrevista, geralmente conduzidos por jornalistas de rede, além dos documentários e reportagens especiais, que ficam a cargo dos setores de jornalismo das emissoras (ARONCHI, 2004, p. 152). A reportagem é um formato que pode ser desenvolvido em diferentes

especialidades de jornalismo e também ao documentário. Em geral, possui curta duração⁹ e evidencia o repórter expondo um assunto e fazendo entrevistas de aprofundamento. Possui lugar cativo nos programas da categoria informação (ARONCHI, 2004, p. 174). Esses fatores dão relevância ao gênero e ajudam a construir a identidade e a credibilidade do veículo.

Menciona-se também a existência de outros formatos dentro do telejornalismo que acabam por constituir um gênero próprio, dada a expressão e a audiência que conquistaram ao longo dos anos. São os programas *Opinião Nacional*, da TV Cultura (de opinião e debate) e *Globo Repórter*, da Globo e o *SBT Repórter*, do SBT (documentários) (ARONCHI, 2004, p. 153). Considerando o conteúdo dos telejornais brasileiros, Rezende (2000) complementa a identificação de outros formatos: nota, entrevista, indicadores econômicos, editorial, comentário e crônica (REZENDE, 2000, p. 216).

Considerando o modelo tradicional da televisão como um meio de comunicação de massa, nos telejornais a proximidade com o fato que está sendo transmitido não é uma regra. Por esse fator, a notícia ganha contornos de massificação como decorrência da transformação dos fatos sociais, para Marcondes Filho (1988, p.31), em produtos culturais elaborados pela comunicação industrializada para as massas. A ideia de massificação em um meio de comunicação tem a ver com a abrangência e a amplitude de propagação do conteúdo para várias pessoas em diferentes localidades e culturas.

Ainda que a televisão, um meio de comunicação de massa, tenha como fundamento a transmissão de um conteúdo para muitas pessoas, inseridas em contextos distintos, existe uma resistência à ideia de massificação, já que para Marcondes Filho (1988, p.31) ela “ajuda a quebrar a identidade cultural quando retira produtos de um determinado lugar e os vendem a outros territórios e pessoas fora daquela realidade”. Não obstante, faz-se necessário compreender como o conhecimento auxilia na compreensão da informação, levando em consideração o caráter instantâneo e superficial da sua divulgação:

⁹ Embora o autor cite a questão da curta duração, não há nessa obra uma discussão sobre sua temporalidade. Problematisa-se neste trabalho o fato de que a concepção sobre “curta duração” seja algo que muda ao longo do desenvolvimento dos meios de comunicação e pode ser influenciada pela cultura, pela história, pelo nível educacional e por critérios de interesse e relevância. Os exemplos de telejornais que foram citados anteriormente também podem atribuir significados diferentes para uma reportagem de “curta duração”.

“Informar é oferecer notícias, que devem conter não só informes mas também noções das coisas. Assim, é possível sermos informados a respeito de eventos, mas também sobre outras realidades que podemos conhecer, embora seja preciso esclarecer logo que informação não é conhecimento e nem um saber no sentido heurístico do termo” (SARTORI, 2001, p. 64)

Considerando a televisão como um grande propagador de informações, faz-se necessário compreender que o caminho que leva à construção de uma narrativa passa pela seleção daquilo que chama mais atenção em uma imagem, na escolha do que será mostrado ao telespectador de forma mais palatável. O que é transmitido nada mais é do que a representação de um suposto contexto, não necessariamente traz a realidade como ela é verdadeiramente. A essa estratégia dá-se o nome de signo:

“[...] o signo representa qualquer fato social, pessoas, objetos, situações, acontecimentos, o mundo real, sem ferir ninguém, pois tudo já vem “domesticado”. Os signos filtram as desgraças, os problemas, as dores reais e, através disso, fazem com que os telespectadores convivam mais naturalmente com a miséria, com a violência, tornando mais digerível sua vida” (MARCONDES FILHO, 1988, p.48)

O autor explica que o signo age em dois sentidos: na cabeça do receptor e no produto de comunicação que chega até ele. O produto é feito por pessoas que também constroem os pensamentos como signos. “A produção sónica, portanto, só tem efeito se realiza essa dualidade de forma plena” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 45). A imagem, por si só é um importante elemento que pode perpetuar a ideia de um signo. A seleção das imagens e do conteúdo que é repassado ao público tem o propósito de informar sem mostrar “a verdade nua e crua, pois, de acordo com Marcondes Filho (1988, p. 35) o espectador está ‘acostumado a ver a realidade com lentes cor de rosa”.

Na contramão desse “consenso”, estão os programas que estão acostumados ao oposto, os de caráter sensacionalista. Esses exageram na maneira como contam as histórias, algo contraditório quando se analisa o que dizem os signos, já que utilizam recursos técnicos da televisão para destrinchar tragédias da vida real. A lógica, nesse caso, é a ficcional, a da espetacularização, que trata os eventos e fatos de forma dramática e cinematográfica. Contribui

para essa formatação, o fato de que a narrativa deixa seguir a objetividade comum no jornalismo, para incorporar o aspecto da dramatização. Nesse caso:

“[...] a notícia ganha contornos cinematográficos em sua edição e forma de transmissão para o público. Essa característica, no entanto, não traz o telespectador “de volta à realidade”, pelo contrário: a edição dá nuances de irrealidade a um fato que, supostamente, deveria lembrar o receptor das mazelas humanas e da violência cotidiana.” (FREITAS, 2016, p. 24)

Cantarela (2011, p. 31) relata que o surgimento do sensacionalismo nos veículos de comunicação teve início no final do século XIX, quando os impressos de grande tiragem começaram a colocar em suas páginas “os crimes de sensação ou as notas sensacionais”. Ainda segundo a autora, esse movimento faz com que, no anos 1920, no Rio de Janeiro, os jornais passassem a ser voltados para conteúdos que valorizavam o grotesco, o inusitado, o desvio, da quebra de padrões de uma dada normalidade (CANTARELA, 2011, p. 31). Entre os principais assuntos, as tragédias diárias: crimes, desastres, roubos e incêndios. A maneira como essas histórias são contadas, segundo Cantarela (2011), se dá de tal forma que o leitor tem a sensação de participar do acontecimento, em meio às narrativas.

Partindo desse contexto, Angrimani (1995) entende que “a linguagem sensacionalista não admite distanciamento, nem a proteção da neutralidade. É uma linguagem que obriga o leitor a se envolver emocionalmente com o texto” (ANGRIMANI, 1995, p. 16). O autor argumenta que:

“[...] Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria este tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexistente a relação com qualquer fato e a “notícia” é elaborada como mero exercício ficcional [...] Um noticiário sensacionalista tem credibilidade discutível [...]” (ANGRIMANI, 1995 p. 16)

O dicionário Aurélio de Língua Portuguesa e o Dicionário de Comunicação de Barbosa e Rabaça (2002) apresentam classificações complementares do termo “sensacionalismo”. O primeiro interpreta o termo como “Divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria

capaz de emocionar e escandalizar” (AURÉLIO, 2001, p. 669). O segundo, por sua vez, compreende o sensacionalismo como:

“1. Estilo jornalístico caracterizado por intencional exagero da importância de um acontecimento, na divulgação e exploração de uma matéria, de modo a emocionar ou escandalizar o público. Esse exagero pode estar expresso no tema (no conteúdo), na forma do texto e na apresentação visual (diagramação) da notícia. O apelo ao sensacionalismo pode conter objetivos políticos (mobilizar a opinião pública para determinar atitudes ou ponto de vista) ou comerciais (aumentar a tiragem do jornal)” (BARBOSA; RABAÇA, 2002, p. 666-667)

No que diz respeito aos veículos de informação, como a televisão, Angrimani (1995) observa o sensacionalismo como uma estratégia dos meios de comunicação para transmitir uma informação. Para o autor:

“Mesmo um telejornal (ou radiojornal) não-sensacionalista pode ter em alguns momentos de sua produção momentos sensacionalistas [...] A apresentação deve ser chocante, exigindo o envolvimento emocional do público [...]” (ANGRIMANI, 1995, p.41)

Cantarela (2011) atenta para o fato de que a palavra (sensacionalismo), passou a se referir ao jornalismo que destaca, sobretudo, a superexposição da violência através das coberturas policiais e da divulgação de histórias surreais, chocantes, fazendo uso de “uma linguagem que não raramente apela para gírias, palavrões e inclui no seu acervo narrativo expressões que sejam de fácil entendimento para os grupos populares” (CANTARELA, 2011, p. 32).

Para Angrimani (1995), o veículo de informação que utiliza linguagem sensacionalista em seus moldes editoriais passa a assumir uma visão pejorativa diante dos demais, tendo em vista que, desde a sua origem, o termo esteve associado a inverdades e desvios jornalísticos. Isso porque, para o autor:

“[...] O sensacionalismo está presente também na linguagem coloquial exagerada, na produção de noticiário que extrapola o real, no tratamento antianódino do fato, na ‘produção de uma nova notícia que a partir daí passa a se vender por si mesma, na exploração do vulgar, no destaque a elementos insignificantes’ [...] na valorização de conteúdos out temáticas isoladas [...] e sem contextualização político-econômica-social-cultural [...]” (ANGRIMANI, 1995, p. 102).

Amaral (2005) assinala que a composição dos artifícios que levam ao sensacionalismo “podem se configurar numa estratégia de comunicabilidade o público através da apropriação de uma matriz cultural e estética diferente daquela que rege a imprensa de referência” (AMARAL, 2005, p. 5). A autora defende que cada veículo (jornal ou programa) parte de um “lugar de fala”, que se baseia na visão prévia dos interesses de seu público.

A definição de lugar de fala, segundo Amaral (2005), diz respeito à reprodução do local de onde os veículos de comunicação falam e para quem falam, direcionando a sua mensagem, seu conteúdo. Para a autora, trata-se de uma “representação das posições e da posse de capital simbólico dos agentes sociais envolvidos (o veículo e o público), que geram ‘Modos de Endereçamento’” (AMARAL, 2005, p. 6). Esse conceito é explicado a partir de uma analogia em que, para que um programa ou jornal funcione para um determinado público, é preciso que esse público se sinta representado pela narrativa que está sendo contada, que a entenda e desenvolva uma relação com a história. “O Modo de Endereçamento consiste na diferença entre o que poderia ser dito - tudo o que é histórica e culturalmente possível e inteligível de se dizer - e o que é dito” (ELLSWORTH, 2001, apud AMARAL, 2005, p. 6).

O lugar de fala, portanto, pode ser entendido como uma estratégia de endereçamento. Se o papel do modo de endereçamento é o de construir um elo com o espectador sobre a narrativa abordada em um programa jornalístico, Matheus (2011, p. 15) observa que ao jornalismo cabe o trabalho de costurar os principais acontecimentos. A autora considera que “as notícias sensacionalistas funcionam como se cada reportagem fosse um repositório de personagens, dramas, sensações e afetos que se atualizam a cada nova notícia” (MATHEUS, 2011, p. 18).

Matheus (2011) depreende que as narrativas de sensação aliam “os dramas cotidianos, os melodramas, em estruturas narrativas que acionam o imaginário, entre sonho e realidade [...] tal como os gostos e os anseios do popular” (BARBOSA, 2005, apud MATHEUS, 2011, p. 33). No Brasil, as notícias têm traços específicos: abordam o fato em questão e outros que reúnem notícias semelhantes. O repórter não apresenta apenas o acontecimento, mas também informações complementares que podem ser do conhecimento prévio do público (MATHEUS, 2011, p. 33). A autora ainda classifica o sensacionalismo como um “atributo popular”, o qual é usado pelos veículos de comunicação como recurso temático para atingir grupos populares.

Marcondes Filho, (1988, p. 29), por sua vez, acredita que toda prática jornalística representa um ato de sensacionalismo, a diferença se dá apenas na intensidade com que cada

veículo realiza a sua. Neste ponto, podemos resgatar a compreensão de Muniz Sodré (1972) sobre o grotesco. Nos programas em que o sensacionalismo transmite alto grau de intensidade, nos deparamos com o grotesco do telejornalismo, que se caracteriza como uma disfunção social e artística (SODRÉ, 1972, p. 73).

“É o signo, a representação excepcional, como um fenômeno desligado da estrutura de nossa sociedade - é visto como um signo do outro. A intenção do comunicador é sempre colocar-se diante de algo que está entre nós, mas que ao mesmo tempo é exótico, logo sensacional” (SODRÉ, 1972, p. 73)

Observando o grotesco como um aspecto que pode se fazer presente no sensacionalismo, Matheus (2011) abre caminho para uma reflexão sobre a ideia de que a presença do sensacionalismo no jornalismo atrapalharia a busca por um jornalismo informativo, que almeja o acesso racional à esfera pública (MATHEUS, 2011, p. 37). Ignoramos, entretanto, o fato de que as sensações também fazem parte das leituras e interpretações sobre a realidade e que a objetividade pode se valer do uso das sensações como parte dessa operação.

“Até que ponto a precisão nas informações não deriva de uma herança do realismo? E até que ponto a objetividade não faz parte das estratégias de verossimilhança das narrativas sensacionais? Se descrevo a realidade sem rodeios, também posso chocar. O poder da ficção dos jornais decorre justamente do efeito de verossimilhança que o mito da objetividade lhe confere” (MATHEUS, 2011, p. 37)

Analisando uma conjuntura em que o jornalismo sensacionalista se caracteriza por causar sensações no público, seja ele espectador ou leitor, Marcondes Filho (1989) reitera que a prática do jornalismo sensacionalista é uma escolha do veículo de comunicação, assim como do repórter que está retratando o fato.

“Atuar no jornalismo é uma opção ideológica, ou seja, definir o que vai ao ar, como, com que destaque e com que favorecimento, corresponde a um ato de seleção e de exclusão. Este processo é realizado segundo diversos critérios, que tornam o jornal um veículo de reprodução parcial da realidade. Definir a notícia, escolher a angulação, a manchete, a posição na página ou simplesmente não dá-la é um ato de decisão consciente dos próprios jornalistas. É sobre a notícia que se centra o interesse principal no jornalismo” (MARCONDES FILHO, 1989, p. 12)

A partir disso, considerando a notícia o foco central do jornalismo, podemos observá-la como um recorte da realidade social. Em um telejornal, a notícia extrai aquilo que lhe interessa do ponto de vista do que o veículo de comunicação considera importante e do que ele deseja que ressoe na sociedade. Por isso, Marcondes Filho (1989, p. 56) reflete que para além de noticiar, o telejornal tem como função moldar os fatos que estão sendo divulgados sob a perspectiva de jornalistas, proprietários e patrocinadores.

Diante dessa lógica, autor classifica a notícia como um produto da mídia, tendo em vista que é através desse produto que acontece o envolvimento com o público e a garantia de audiência, o que leva também ao faturamento da emissora (MARCONDES FILHO, 1989). Em íntima ligação com os índices de audiência estão, de acordo com Bourdieu (1997), os critérios de seleção daquilo que será mostrado na TV. Para ele, as emissoras selecionam os acontecimentos sob critério da busca do “furo jornalístico”, utilizando os princípios do sensacional, colocando em cena as imagens e aumentando o seu valor dramático (BOURDIEU, 1997).

Apesar de a narrativa televisiva contar muitas vezes com ferramentas que a deixem com o aspecto de irreabilidade, o uso da imagem é o principal recurso que aproxima o telespectador da realidade dos fatos, uma vez que é ela que intermedia a comunicação com a massa, por exibí-las quase que instantaneamente ao público. Nessa discussão é válido observar que é a imagem que colabora para o aspecto irrefutável daquilo que está sendo veiculado. Somada a ela, vão as edições, angulações e traços editoriais que auxiliam a edificação de uma estrutura forte na relação entre o que o repórter produz de conteúdo imagético e textual. Paternostro (2006) discute o poder que a imagem tem:

“Estamos em um mundo comandado pela imagem, que por causa da alta tecnologia está cada vez mais presente em nossas vidas. Já conhecemos muito bem o poder de uma imagem, o quanto ela impacta quando carrega informação e emoção. Ela atrai, envolve, domina, nos conduz e se eterniza na memória” (PATERNOSTRO, 2006, p. 73).

A elaboração de uma boa reportagem traz credibilidade ao conteúdo consumido pelo receptor. Uma matéria bem feita, com a presença de imagens que ajudam a construir a notícia fala por si só, faz com que o espectador sinta-se convencido. Marcondes Filho (1988, p.10) vai adiante e compara a imagem a “uma ponte de ligação entre o homem e o seu imaginário”. Esse imaginário, segundo o autor, é uma dimensão que existe no homem, paralelamente à dimensão do

real. Seguindo esse raciocínio, entende-se que a imagem seja capaz de traduzir as representações da visão de mundo humana, as suas leituras e perspectivas acerca da realidade.

O mesmo autor (1988, p. 13) também faz uma comparação sobre as formas de interação dos sujeitos com as imagens. Para tanto, destaca as diferentes análises que podem ser feitas com imagens paradas e em movimento. As primeiras (retratadas em quadros ou fotografias) possibilitam uma análise aprofundada, minuciosa sobre os detalhes a serem observados, construindo uma “relação intensiva” com a imagem. As segundas (as imagens passadas na televisão), por estarem em transição, apresentam uma alternância de planos muito rápida (algo comum na TV), constituem uma “relação extensiva”, porque não permitem a fixação nos detalhes; a não ser que, se for do desejo de quem as mostra, o telespectador possa observar.

Em outras palavras, o telespectador não escolhe na televisão aquilo que deseja ver, isso já é decidido por ele. Na narrativa televisiva, Marcondes Filho (1988), corrobora que os telejornais criam realidades alternativas baseadas em situações reais:

“Por isso, o trabalho do telejornal acaba sendo o de recolher as notícias na realidade e criar uma nova realidade com as notícias recolhidas. (...) O telejornalismo cria, portanto, uma outra natureza, uma *segunda natureza*, que se impõe a milhões de lares no país, como se fosse essa a verdade e não aquela do mundo real” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 56).

Mas, associado ao uso da imagem, está a linguagem na construção da notícia, uma vez que é ela quem ajuda a dar o tom da narrativa. Para Duarte e Curvello (2009), na configuração da produção televisiva, o tom de uma narrativa pode se manifestar a partir dos diferentes subgêneros televisuais (telejornal, telenovela, reality shows) e nas formas de expressão desses subgêneros. Elas descrevem que:

“(...(o tom normalmente se manifesta nos produtos televisuais de forma difusa, aproveitando-se, para marcar sua presença, da articulação dos diferentes níveis de linguagens, utilizados na expressão desse tipo de texto: harmonização de cores, formas e sons, jogo de câmeras e edição, registros de fala, figurinos, cenários, encenação etc” (DUARTE; CURVELLO, 2009, p. 61).

Analisando os processos de produção televisual observam que o “ator discursivo”, aquele que conduz um programa, seja como apresentador, âncora, repórter ou entrevistador, também assume o papel de mediador, desenvolvendo enunciações, estabelecendo gradações e a

manutenção do tom que um produto televisivo deve ter (DUARTE; CURVELLO, 2009, p. 62). As emissoras, por sua vez, transmitem através da sua programação “a forma como querem interagir com o telespectador em um dado programa, ou seja, do ponto de vista a partir do qual seu texto quer ser lido, dos valores colocados em pauta” (2009, p.62).

No cenário televisivo, a linguagem atua como algo simples e complementar, que pode gerar, ao mesmo tempo, desdobramentos numa narrativa. A linguagem tem capacidade de “dar origem a novas abordagens e/ou capítulos que seriam utilizados para a composição dos telejornais como drama cotidiano exibido nas emissoras de televisão” (COUTINHO, 2006, p.108).

Na compreensão geral, sabe-se que o aspecto “dramático” deveria aparecer com certa distância do jornalista na produção de uma notícia, em nome de um equilíbrio na imparcialidade dos fatos. Entretanto, Sodré e Ferrari (1986, p.15) afirmam que a reportagem é caracterizada pela “humanização do relato” e pelo “texto de natureza impressionista”. Tal compreensão, nos leva ao raciocínio de que, em algum momento, a reportagem trará elementos como a proximidade, a emocionalidade e subjetividade, “que se encaixam aqui não apenas como estratégias de venda de um veículo sensacionalista, mas como os responsáveis por suprir as carências do espectador” (ANGRIMANI, 1995). Essa prática se relaciona também ao repórter, que narra uma notícia com a finalidade de trazer o seu público para perto, o que possibilita uma identificação com a história.

Olhando para o que representa a televisão hoje, identificamos um movimento de transformação ocasionado pela interação que tem acontecido entre os meios de telecomunicação, televisão e informática. De acordo com Fachine e Figuerôa (2011), isso acontece com o auxílio da “digitalização e as tecnologias de compressão dos sinais de áudio e vídeo cada vez mais eficientes” (FACHINE; FIGUERÔA, 2011, p. 17), que encontram na internet um ambiente estratégico para a distribuição de produtos audiovisuais, entre eles os televisivos.

Reconhecendo que a dinamização e a segmentação das audiências aconteceram em consequência do surgimento dos canais de TV a cabo e satélite, a disposição de conteúdos em outros meios estimulou esse quadro. Fachine e Figuerôa (2011) observam que

“a possibilidade do acesso a conteúdos por demanda, através de dispositivos de gravação mais potentes, pela própria Web ou por outros meios de registro postos à venda (como os DVD's) também atuam nessa dinâmica” (FACHINE; FIGUERÔA, 2011, p. 17).

Todo esse cenário tem contribuído para o registro de audiências instáveis, que não se fixam a uma emissora de televisão ou a um meio de comunicação. Atentas a esse diagnóstico, as emissoras de televisão, como corroboram as autoras, têm investido com maior intensidade na convergência com outros meios, no intuito de manter e atrair públicos através de um método que promove a extensão da experiência televisiva, conhecido como transmidiação (FECHINE; FIGUERÔA, 2011, p. 17).

Ainda assim, observa-se que a possibilidade de identificação do público com o que televisão oferece, faz com que o telespectador desenvolva costumes, como define Paternostro (2006, p.20) a partir da perspectiva de que “a TV, além de formar opiniões, criar hábitos, inspirar comportamentos e aproximar pessoas, é um veículo de informação e entretenimento”.

Ligada à essa última característica, alguns telejornais assumem uma postura de tentar aliar informação e entretenimento numa lógica semelhante à ficção, para inserir o telespectador em uma narrativa (BOURDIEU, 1997). Essa inserção acontece ao mesmo tempo em que a história é contada e, envolto de um contexto cinematográfico, o espectador, que desejava apenas se informar, torna-se parte da notícia. No anseio de conseguir desenvolver a identificação do público e o consequente crescimento de audiência com o auxílio da linguagem com forte apelo emocional, acontece o fenômeno da dramatização no telejornal. Nesse momento, ocorre a busca por uma conclusão aceitável para a situação, algo que conclua o noticiário com um “final feliz”, o que remete novamente à teledramaturgia e, porque não, à espetacularização do fato. Medina (1988) justifica essa estratégia a partir da busca pela rentabilidade da notícia:

“Dramatização ou humanização é, sem dúvida, a característica dominante do ritmo narrativo de sequências informativas anguladas pelo nível massa. (...) Para a dramatização, os modelos de narrativa são obrigatoriamente mais complexos que o trivial de imprensa. A verdade é que esse ritmo narrativo tem entrado no mercado como a grande fórmula de consumo” (MEDINA, 1988, p. 105-106).

A dramatização da notícia enquanto ferramenta para tornar o fato mais atrativo é algo que vai de encontro com o comprometimento com a verdade e objetividade dos fatos no jornalismo. Nos casos em que há a perda de vidas, como na tragédia de Suzano, fica evidente a maneira como alguns telejornais mostraram sua tendência à inspiração dramatúrgica na hora de noticiar os fatos, dando ênfase sensacionalista ao contexto que envolveu o acontecimento, sem considerar a dor

das pessoas que passaram pela experiência negativa. Para Marcondes Filho (1988, p. 58-59) “onde deveria haver informação, há encenação; onde deveria haver crítica, há bagatelização; Onde deveria haver utilidade pública, há comércio”.

Ijuim (2011) reflete que esse sujeito deve ser tratado como ser humano e não como objeto. Para que as narrativas sejam consideradas humanizadas, é preciso que se estabeleçam autocrítica a partir da consciência jornalística. A reflexão sobre a autocrítica no processo jornalístico surge a partir da análise que o autor faz de alguns casos que estiveram na mídia.

No exemplo “Esses vagabundos”, presente no artigo Humanização e Desumanização do Jornalismo, o autor cita uma sequência de reportagens do jornal *Diário Catarinense*, da cidade de Santa Catarina, para ilustrar o posicionamento que o grupo tomou diante dos movimentos de greve dos professores da cidade, que aconteceu em 2011. Na ocasião, uma medida do STF que estabelecia um piso salarial para a classe desencadeou debates e greves em todo o país. Depois de ter tido seu recurso recusado no mesmo tribunal, o governo de Santa Catarina iniciou um processo de negociação em que achatava o plano de carreira e diminuía benefícios que contrariavam as leis estaduais. Esses fatores provocaram a paralisação dos professores.

O jornal DC realizou a cobertura dos atos com uma contextualização pobre e imprecisa, além de não ter feito questão de mencionar os questionamentos da categoria. O resultado, nas palavras de Ijuim (2011), foi que o jornal mostrou números e cifras que fossem gerar impactos na receita do governo. Levou-se em consideração, a tentativa de levar o público a entender que as reivindicações aumentavam os gastos públicos o que faria com que outras áreas recebessem menos recursos.

As atitudes dos grevistas foram questionadas, bem como a credibilidade do movimento. Houve ainda a tática de destacar o número de estudantes que saíram prejudicados pelo ato. No final, o jornal reproduziu uma enquete que avaliou a validade das ações do governo e dos professores. A impressão que ficou, para o autor, foi a de uma distorção das informações para induzir a população contra o professorado, sob alegações de que estavam prejudicando as famílias que pagavam o seu salário, através dos impostos.

Numa outra ocasião, o mesmo autor analisa o caderno especial “Filhos da Mãe”, do Correio Braziliense, de 2005. A publicação pretendia retratar a situação dos filhos de prostitutas no centro-oeste do país. O que se viu, no entanto, foi a reafirmação de estereótipos, preconceitos,

de um discurso discriminante que pouco prezou pelo cuidado em escrever sobre uma fonte que foi utilizada na matéria.

Diante disso, Ijuim (2011, p. 13), estabelece que essas reportagens “estabelecem o microcosmo da sociedade brasileira”, alertando para a existência de uma imprensa que está inserida numa sociedade, num determinado local e período histórico, que formam as estruturas das bases dessa imprensa como instituição. Sob o ponto de vista de Dines (2009 apud IJUIM, 2012, p. 13), o autor reflete que “a visão de mundo dessa imprensa e dos seus repórteres mais causam dores no mundo”, porque o pensamento humanizador da população e, por dedução, da imprensa, ainda não foram amadurecidos suficientemente. Em meio a tais situações que se encontra dificuldade de estabelecer limites entre sensacionalismo e humanização. Por isso o autor reflete que ao jornalista cabe:

“No trabalho de apuração, buscar versões verdadeiras e não, necessariamente, produzir a verdade, pois o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. [...] Como consequência, sua narrativa será a organização do que está disperso, com as ligações do que está desconexo, rica em contexto que possa esclarecer, proporcionar compreensão. Assim, seu trabalho respeita as diferenças de qualquer natureza e se isenta de prejulgamentos, de preconceitos e estereótipos. Sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador”(IJUIM, 2012, p. 133-134).

É por isso que o fazer jornalístico nada mais é do que um ato de comunicação e a comunicação, por si só, é um instrumento que estabelece ligações sociais. O jornalismo desenvolveu-se a partir da capacidade humana de sistematizar e compartilhar pensamentos, informações e ideologias. Na forma como foi estruturado, esse jornalismo incorporou no seu modo operacional a influência humanizadora do pensamento moderno, o que lhe permite atuar “no processo de humanização da sociedade” (IJUIM, 2011, p. 4).

Para entender e definir a humanização enquanto conceito, Ijuim (2011, p. 6) passa pela definição do Humanismo Universalista¹⁰, o qual apresenta por princípio “superar a dor e o sofrimento”. Na perspectiva humanista, significa libertar-se de “preconceitos para captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir”. Humanizar o jornalismo requer o olhar e sensibilidade apurados do jornalista para sentir e reconhecer o outro.

“Para superar a dor e o sofrimento, em particular suas causas, vislumbra-se uma atitude humanista que respeite e considere posições humanistas, [...] o reconhecimento da diversidade pessoal e cultural; tendência a desenvolver o conhecimento além do que é aceito como verdade absoluta; afirmação da liberdade de ideias e crenças; e repúdio à violência” (IJUIM, 2011, p. 7).

No que diz respeito ao jornalismo humanizado, essa prática humanista refere-se à produção de narrativas em que “o ser humano é o ponto de partida e de chegada” (IJUIM, 2011, p. 17). Do ponto de vista técnico, esse jornalismo humanizado começa no momento que antecede a produção da pauta, na consciência do “ser jornalista”, como corrobora Ijuim (2011).

Muitas vezes inserido num contexto moderno da rapidez e do maior volume de informações, o jornalista ou o repórter perde o costume às boas narrativas. O conjunto desses fatores leva ao que o autor considera como uma “padronização cega”, que leva, por sua vez à desumanização do jornalismo (BORTOLI, 2016, p. 4). Mas deve-se atentar para o fato de que o jornalista tem uma responsabilidade que deve ser compartilhada e relativizada com o veículo para quem ele presta trabalho (MARCONDES FILHO, 1988).

Por esse motivo, Ijuim (2011) enxerga o jornalismo como o lugar onde histórias são construídas com narrativas que apresentem em seu repertório as transformações dos personagens e das situações. A construção dessas narrativas e das experiências vividas se torna possível quando, segundo Ijuim (2011), o jornalista percebe as fragilidades do mundo e demonstra

¹⁰ Refere-se ao Humanismo Universalista a corrente filosófica que se baseia na superação do mal-estar e das angústias passadas, com o objetivo de enxergar de maneira otimista e pacífica um novo tempo. “A visão internacionalista não aspira um mundo uniforme, mas que se reconheça e se respeite as diferenças.” Essa perspectiva acredita que “alguns vícios desenvolvidos pela sociedade ainda não foram superados coletivamente”, entre eles estão a crença nas verdades absolutas; sede de poder; intolerância; recusa e a ignorância pela cultura do outro; desrespeito ao diferente e às diferenças (IJUIM, 2011, p. 7).

empatia com a dor do outro, sem perder a curiosidade e o tato para identificar e contar uma boa história.

Na linha desse raciocínio, talvez a diferença entre sensacionalismo e humanização possa ser definida no desgaste do fazer jornalístico que leva à padronização cega da informação e à banalização do sentimento, em que o relevante é o grotesco e não a narrativa humanizada. O sensacionalismo impede que essa narrativa seja contada sob a perspectiva de um olhar que considera a opinião dos sujeitos que compõem o processo comunicativo e o contexto social em que eles estão inseridos.

Diante disso, nas coberturas jornalísticas feitas hoje em eventos extremos como o ataque à escola estadual Raul Brasil, as emissoras analisadas neste trabalho agem como instituições regularizadoras das normas de conduta social frente a situações de violência? Como identificar sensacionalismo e humanização em reportagens televisivas? Em linhas gerais, essas são reflexões que este trabalho realiza para buscar respostas e entender até onde vai a fronteira entre o que é noticiável ou não sobre a dor do outro¹¹.

¹¹ Citando o título do livro “Diante da dor dos outros”, de Susan Sontag.

4. METODOLOGIA

Resgatando o objetivo geral desta pesquisa de desenvolver uma análise comparativa sobre a maneira como as emissoras de televisão Band e Cultura realizaram as coberturas jornalísticas do caso de Suzano, acontecido em treze de março deste ano, a metodologia utilizada neste trabalho tem caráter qualitativo com base em materiais audiovisuais. Para suportar a discussão, enfoca-se também o contexto social em que está inserida a população que consome o conteúdo sensacionalista que é reproduzido em coberturas policiais.

Partindo das conceituações realizadas na seção 2, em que discutimos as bases e os modelos televisivos que foram instaurados no Brasil, e na seção 3, em que realizamos uma discussão sobre os gêneros televisivos e a conceituação de sensacionalismo e humanização na TV brasileira, este capítulo tem a finalidade de apresentar o percurso metodológico que analisa esses modelos, aliados aos gêneros jornalísticos e as discussões sobre sensacionalismo e humanização estão inseridos na maneira como as referidas emissoras realizaram a cobertura da tragédia.

O sensacionalismo como estratégia de identificação e mobilização de audiência na televisão já existe, de acordo com Angrimani (1995), como parte de um plano que busca suprir as carências do espectador e trazer o público para perto da narrativa, como foi explicado no capítulo anterior. O entendimento do sensacionalismo como uma estratégia parte da necessidade de chocar, emocionar, causar um envolvimento emocional com o público através de um acontecimento que conquiste a audiência e que, ao mesmo tempo, seja produto de venda de um veículo sensacionalista (ANGRIMANI, 1995).

Essa lógica está ligada a instauração do modelo de negócio televisivo que foi estabelecido no Brasil a partir da década de 1950, quando surgiu a televisão no país (PATERNOSTRO, 2006) e que, anos mais tarde, deu origem ao sistema em rede na década de 1960 (JAMBEIRO, 2001). O caso de Suzano, que é objeto de análise, teve uma abordagem atípica na maneira como foram exploradas a imagem e as emoções da mãe de um dos autores dos assassinatos e na repercussão que as histórias desses rapazes tiveram depois que as investigações se iniciaram.

Assim, o viés da pesquisa é explicativo, uma vez que procura compreender como o sensacionalismo foi utilizado na representação do contexto em que os personagens de Suzano estão enquadrados e em que medida poderia ter sido considerada a humanização na experiência jornalística que cobriu o acontecimento. Segundo Richardson (2011, p. 80), uma pesquisa

qualitativa é caracterizada por analisar como objeto situações complexas ou estritamente particulares. Nesse raciocínio, uma metodologia qualitativa auxilia na explicação da complexidade de um problema, na observação da interação de variáveis e na classificação de processos experienciados por grupos sociais.

Levando em consideração a cobertura jornalística feita no ataque à Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano, por parte das TVs Bandeirantes e Cultura, depreende-se que a metodologia qualitativa seja a melhor para analisar o acontecimento e as reportagens oriundas dele. Além disso, a pesquisa também se coloca como exploratória porque, após alguns levantamentos, percebe-se que o repertório de pesquisas sobre sensacionalismo e humanização são escassos e os que existem relacionam mídia e sensacionalismo.

De acordo com Priest (2011), as pesquisas qualitativas consideram melhor as sutilezas da estrutura dos argumentos e das narrativas, aspectos incomuns de serem capturados em estudos quantitativos. Essa abordagem qualitativa também se justifica por ser a forma mais adequada para compreender a essência de um fenômeno social (RICHARDSON, 2011).

A humanização também é um aspecto presente nesta análise. Observando como aconteceram as abordagens jornalísticas com as famílias tanto das vítimas quanto dos autores dos assassinatos, podemos questionar se há de fato a humanização ou sensacionalismo na maneira como o jornalismo é feito. Analisaremos também se as vítimas são tratadas como números ou como sujeitos dotados de significado e sentidos. Por isso, a análise qualitativa permite também “o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos” (RICHARDSON, 2011, p. 80). Dada a complexidade do assunto, esse tipo de avaliação torna possível identificar e descrever as variáveis envolvidas na história da tragédia.

Segundo Bauer e Aarts (2008), o corpus é a escolha sistemática de um conjunto de textos e trabalhos da mesma natureza que podem ser usados como um banco de dados. Em outras palavras, é a seleção de “materiais determinada de antemão pelo analista com inevitável arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar” (BARTHES, 1967 apud BAUER; AARTS, 2008, p. 44). Barthes (1967) amplia a concepção de corpus de um texto para qualquer outro material que possa ser utilizado em uma análise.

O corpus desta pesquisa, portanto, utiliza o critério de conveniência (PRIEST, 2011), tendo optado por analisar os jornais Brasil Urgente e Panorama numa temporalidade de três dias. A escolha por essa temporalidade baseou-se na necessidade de observar como audiovisuais são

tratados e se houve mudança na estrutura e no horário dos programas em função do acontecimento. Considerando esse corpus, são analisados um dia antes do ataque, o dia do ataque e um dia depois do ocorrido para descrever a forma como o telejornal foi produzido após o ataque e se houve alguma alteração de estrutura em função disso.

Uma análise audiovisual das coberturas feitas neste recorte é a forma mais eficiente para coletar dados e propor algumas constatações a respeito de como o fazer jornalístico foi construído para relatar as narrativas, limitando-se ao estudo das reportagens e à leitura sobre os principais conceitos abordados no trabalho (sensacionalismo e humanização no telejornalismo). Loizos (2008, p.149) observa que quando se analisa um vídeo, o pesquisador deve examinar sistematicamente o *corpus*, criar um sistema de anotações que deixe claro porque certas ações devem ser categorizadas de determinada forma e, por fim, analisar a informação colhida. Outras características de suma importância na análise são as técnicas de reportagem como enquadramento, presença ou não de efeitos sonoros e a forma como o texto é construído. Essas ferramentas desempenham papel fundamental no desenvolvimento da narrativa e na criação de sentidos por parte do telespectador.

Priest (2011) mostra que atributos técnicos conseguem influenciar a interpretação de uma notícia. Essa dimensão envolve a consideração dos aspectos técnicos da apresentação visual em si e como esses elementos ajudam a transmitir certas disposições ou sugerem determinadas interpretações da audiência. A autora lança mão de observações como o esmaecimento gradual ou o encaixe de uma angulação na câmera, enquanto artifícios que podem chamar atenção para certos aspectos em uma história e sugerir interpretações (PRIEST, 2011, p. 207). Essas nuances são importantes para identificar na configuração de uma narrativa elementos sensacionalistas ou humanizadores.

No dia em que aconteceu o ataque na Escola Estadual Professor Raul Brasil, logo de início algumas coisas ficaram claras, como o nome dos autores, o número de vítimas e o horário em que a tragédia ocorreu. À medida que o tempo foi passando e as investigações avançavam, apareciam mais informações e detalhes sobre as motivações do ato, a suspeita da inspiração no caso norte-americano de Columbine¹², o quadro de saúde e a situação dos sobreviventes e como ficaram as famílias após o incidente.

¹² Em 20 de abril de 1999, dois estudantes invadiram a escola secundária Columbine, nos Estados Unidos, mataram 13 pessoas e deixaram 21 feridos, entre alunos, professores e outros funcionários. Os autores dos assassinatos, Dylan

Confrontar as atuações das duas emissoras exige uma busca sobre o que define o limite entre sensacionalismo e humanização. Para tanto, devemos questionar neste trabalho o que caracteriza uma cobertura sensacionalista e uma humanizadora para então traçar um parâmetro que marque a diferença ou a coexistência entre ambos. A TV Bandeirantes, que possui o telejornal Brasil Urgente em sua grade de programação, popularmente traz em sua narrativa elementos sensacionalistas.

De acordo com a campanha “Quem Financia a Baixaria é Contra a Cidadania”, de 2011, a emissora tinha dois de seus programas listados no ranking da baixaria na TV, entre os mais denunciados pelo público. Os dados da campanha foram divulgados em 2013 (FERREIRA, 2013). A TV Cultura, que tem o jornal Panorama na sua programação, é caracterizada pela preocupação ética, desenvolvimento cultural e pela educação da população quanto ao desenvolvimento crítico do cidadão. A comparação feita entre as duas coberturas pode mostrar, brevemente, as diferentes dimensões que podem ser percebidas sobre a cobertura de um mesmo assunto.

Em tempo, a maneira como o jornalismo é feito em uma localidade diz respeito à cultura em que ele está inserido. Em virtude disso, faz-se necessária uma análise audiovisual sobre como esses conteúdos são produzidos pelas emissoras para chegarem até as pessoas. O texto e as técnicas de edição que são utilizadas fazem parte da linha editorial de cada programa e são, inclusive, características que podem ser utilizadas numa comparação que deseja entender se esse modelo é comum nos telejornais.

Associa-se a isso a noção de que a televisão tem como uma de suas funções influenciar e gerar múltiplas representações que, por sua vez, despertam leituras diferentes sobre a produção de sentidos no telespectador, como afirma Loizos (2008):

“(...) o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais. Consequentemente, “o visual” e “a mídia” desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica. Eles se tornaram “fatos sociais”, no sentido de Durkheim. Eles não podem ser ignorados” (LOIZOS, 2008, p. 138)

Considerando que o jornalismo humanizado respeita a dor e não banaliza o sofrimento do outro, entende-se que a análise crítica da atuação da mídia televisiva na cobertura de tragédias, como a de Suzano, faz-se necessária no sentido de repensar posturas e comportamento éticos e não reproduzir ou criar um espetáculo à parte diante de um contexto que já é delicado. Esta pesquisa, portanto, desperta discussões nesse caminho.

4.1 Universo

O universo desta pesquisa são os programas telejornalísticos conhecidos como sensacionalistas. Entre as emissoras existentes em canal aberto e que transmitem para a região de Uberlândia telejornais que reproduzem conteúdos com sensacionalismo, estão Bandeirantes, Record e SBT. Entre os telejornais em questão, estão o Bora Minas, Minas Urgente e Brasil Urgente, da Bandeirantes; Cidade Alerta Minas e o Balanço Geral, da TV Paranaíba, afiliada da Record; Chumbo Grosso, na TV Vitoriosa, afiliada do SBT. Essas informações foram obtidas por meio de pesquisa prévia realizada com base no site e na grade de programação das emissoras citadas.

4.2 *Corpus* e amostra

Entendendo que o universo desta pesquisa é extenso e que o tempo disponível para realização da monografia foi limitado, estabelecemos o critério de conveniência, de Priest (2011), para selecionar os telejornais Brasil Urgente, da TV Bandeirantes e Panorama, da TV Cultura, na cobertura jornalística da tragédia que aconteceu na Escola Estadual Professor Raul Brasil, na cidade de Suzano, em São Paulo, no dia treze de março deste ano. Esse critério define a seleção dos objetos a serem analisados de acordo com aquilo que é conveniente para a pesquisa (PRIEST, 2011) e com os casos que são mais acessíveis.

O *corpus* é expresso pelos programas na íntegra dos telejornais citados, em forma de vídeos, para examinar os elementos técnicos audiovisuais que estão envolvidos nas reportagens, entrevistas e links com os repórteres no local do acontecimento. Esse estudo também busca observar se houve mudança na estrutura e no horário dos programas em decorrência do ataque à escola. A análise proposta acontece numa temporalidade de três dias: um dia antes do ataque, o dia do ataque e um dia depois do ocorrido para descrever os impactos dele na programação.

Num primeiro momento, foram selecionados seis vídeos: três do telejornal Brasil Urgente, da TV Bandeirantes e três do telejornal Panorama, da TV Cultura, correspondentes aos programas na íntegra. Esses materiais foram escolhidos levando em consideração a quantidade de informações e a maneira como uma emissora destoa da outra na execução do seu modelo de jornalismo. Ambas as coberturas respeitam cronologicamente o acontecimento dos fatos e pautam-se em informações divulgadas por órgãos públicos, como a polícia, e por familiares e pessoas que moram perto da localidade onde a tragédia aconteceu.

Com relação à obtenção do material, os vídeos do programa da TV Cultura, o jornal Panorama, foram obtidos através do canal da emissora na plataforma do YouTube. No que se refere aos vídeos da TV Bandeirantes, a intenção era analisar o programa Brasil Urgente na íntegra, nos três dias, como foi citado anteriormente. Foram realizados vários contatos, por e-mail e por ligações, com funcionários da emissora para conseguir os vídeos necessários. Depois de uma solicitação feita pelo setor jurídico, um e-mail de requerimento foi enviado para o endereço eletrônico da emissora, o qual foi respondido negativamente¹³.

Diante dessa situação, o pesquisador se viu na necessidade de coletar alguns vídeos disponíveis na base de dados do YouTube e na plataforma do Brasil Urgente no site da TV Bandeirantes. Foram coletados quarenta e cinco vídeos que, depois de terem sido organizados e ordenados, constituíram os programas dos três dias, que são objetos de análise neste estudo. O critério neste caso é o de acessibilidade, tendo em vista os vídeos que estavam disponíveis para a coleta.

A análise dos vídeos nesta pesquisa é feita com aporte metodológico da análise audiovisual (ROSE, 2002). Esse tipo de análise se debruça sobre conceitos e técnicas que buscam

¹³ A captura de tela dos e-mails de solicitação e da resposta do setor jurídico da emissora está disponível na seção Anexos desta pesquisa.

analisar representações sociais no universo audiovisual. No meio televisivo e considerando os telejornais, a autora entende que eles sejam uma combinação de sentidos, imagens, técnicas e composição de cenas (ROSE, 2002, p. 343), que devem ser postas sob medida quando se pretende fazer uma análise do seu conteúdo e estrutura.

A mesma autora defende, por exemplo, que na descrição de um material televisivo, deve-se atentar a como descrever os visuais, as variações presentes na fala, os efeitos especiais de música e iluminação. Para organizar a estrutura citada a pouco, Rose (2002) enumera quatro etapas necessárias no processo de análise: a seleção de uma amostra, a transcrição das informações, a codificação e a tabulação. Compreende-se que neste trabalho não seja necessária a realização dos dois últimos passos, tendo em vista que não contribuirão, de fato, para os resultados objetivados.

Assim, depreende-se que o que será feito é a seleção, transcrição e estudos das informações compreendidas no contexto visual das filmagens e verbal das narrativas. Uma vez que foram definidas as amostras e os critérios de escolha dos materiais, nos deparamos com o processo de transcrição desse material, que vai gerar, por sua vez, um conjunto sólido de dados. Neste trabalho, observamos a forma como os repórteres noticiaram o ocorrido e as suas interações com alguns entrevistados que são importantes no desenvolvimento de narrativas.

Outros aspectos a serem levados em consideração e que são importantes na composição de um cenário jornalístico são as técnicas de elaboração de reportagens e notícias, o enquadramento e a angulação, a presença ou ausência de efeitos sonoros, a escrita do texto e o tom que as narrativas vão ganhando. Nesse sentido, as características visuais e sonoras são requisitos importantes para a transcrição e estarão divididas em duas colunas. Os aspectos visuais, descritos na da esquerda, enquanto a da direita descreve os elementos verbais.

Essa classificação, segundo Rose (2002), possibilita em uma análise audiovisual, a compreensão e identificação de traços significativos no contexto jornalístico em que acontece uma cobertura. A autora salienta, no entanto, que “a estrutura narrativa” não deve ser ignorada, pelo fato de que o “o conteúdo nunca vem sozinho e cada história foi discutida a partir de uma estrutura narrativa” (ROSE, 2015, p. 351). A organização construída dessa forma prioriza a transcrição e análise dos fatos sob um panorama geral.

4.3 A tragédia

Na manhã do dia treze de março deste ano, um adolescente e um homem atacaram a Escola Estadual Professor Raul Brasil¹⁴, em Suzano, Região Metropolitana de São Paulo e mataram sete pessoas, entre elas cinco alunos e duas funcionárias da instituição¹⁵. Antes de chegar ao colégio, a dupla havia matado o dono de uma loja de carros da região, Jorge Antonio de Moraes, de cinquenta e um anos, que era tio de um dos autores. Outras onze pessoas ficaram feridas e foram internadas imediatamente, tendo sido liberadas nos dias seguintes.

Morreram os estudantes Kaio Lucas da Costa Limeira, Cleiton Antonio Ribeiro, Caio Oliveira, Samuel Melquiades Silva de Oliveira e Douglas Murilo Celestino. Os alunos tinham idade entre quinze e dezessete anos. A coordenadora pedagógica Marilena Ferreira Umezu e a inspetora da escola, Eliana de Oliveira Xavier foram as outras duas vítimas.

Os autores do ataque, Guilherme Tauci Monteiro, de dezessete anos, e Luiz Henrique de Castro, de vinte e cinco anos, eram ex-alunos do colégio. A dupla atuou encapuzada e planejou o ataque durante cerca de um ano e meio. Essa informação foi confirmada com o sigilo de uma fonte policial, segundo a reportagem da Folha de S. Paulo. Foram utilizados no assassinato um revólver, carregadores, uma besta medieval (espécie de arco e flecha que atira na horizontal) e uma machadinha. De acordo com os policiais, os assassinos inspiraram-se no massacre de Columbine, nos Estados Unidos, em 1999, e pretendiam matar mais pessoas do que as treze mortas naquele atentado.

Segundo a polícia, Castro e Monteiro conversavam sobre o ataque por meio de mensagens de texto e atuaram com a orientação de outro adolescente, de dezessete anos, o que foi constatado através de provas com conteúdo cibernético que indicavam a sua participação na elaboração do crime, como apontou a reportagem do portal de notícias G1. Outros detalhes sobre provas que a polícia obteve, não foram reveladas por estarem sob sigilo, de acordo com o delegado Alexandre Dias, que atuou no caso.

¹⁴ Escola pública tradicional da Grande São Paulo, que tinha, segundo o Censo Escolar de 2017, 358 alunos matriculados no fundamental (do 6º ao 9º ano) e 693 estudantes no ensino médio. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-em-escola-em-suzano-o-que-se-sabe-ate-agora.ghml>. Acesso: 19 out. 2019;

¹⁵ As informações sobre como aconteceu a tragédia e todos os dados que se tem até hoje foram obtidas através de reportagens veiculadas pelo jornal eletrônico Folha de S. Paulo e pelo portal de notícias G1. Dados disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/assassinios-planejaram-ataque-em-escola-de-suzano-por-um-ano-e-meio.shtml>. Acesso: 19 out. 2019; <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-em-escola-em-suzano-o-que-se-sabe-ate-agora.ghml>. Acesso: 19 out. 2019;

A investigação constatou que, após a sequência de assassinatos, o mais novo da dupla atirou e matou o mais velho e em seguida se suicidou. Os indícios que auxiliaram as investigações foram dois cadernos que estavam no carro dos criminosos. Computadores foram apreendidos na *lan house* onde tinham costume de jogar jogos de tiro. Como apurou a investigação, os rastros que levaram a crer que a ação foi premeditada foram as buscas feitas pelos assassinos sobre atentados semelhantes em escolas nos Estados Unidos. A *Deep Web*, a rede obscura da internet, também foi apresentada como o local onde dupla frequentava um fórum intitulado Dogolachan, em que as pessoas incitam crimes de ódio e intolerância.

A ação teve início por volta das nove horas, quando os ex-alunos mataram o tio de Monteiro. Uma das hipóteses da Polícia Civil é a de que Moraes havia descoberto o plano da dupla, e por isso foi morto antes do ataque à escola. A polícia acrescentou que as armas usadas no crime haviam sido compradas por Monteiro, com o dinheiro que recebeu de um carrinho de cachorro-quente em que trabalhava. O carro usado no ataque, um Onyx Branco, foi alugado por Castro, que era jardineiro, conforme nota da Localiza em 21 de fevereiro.

Após terem matado o tio, a dupla foi em direção à escola e entrou pela porta da frente do colégio, que estava aberta. Na entrada, atiraram na coordenadora e na inspetora. Outros alunos também foram alvo dos tiros. Em seguida, dirigiram-se ao pátio, onde os alunos se alimentavam e atiraram em mais alunos, esses do ensino médio. No corredor, se suicidaram, como previa o pacto feito entre os dois depois que concluíssem o crime.

4.4 Procedimento de análise

Para iniciar a análise dos quarenta e cinco vídeos coletados (três da TV Cultura e quarenta e dois da TV Bandeirantes), o pesquisador definiu a divisão dos materiais audiovisuais a partir de um dia antes da tragédia, o dia da tragédia e um dia após a tragédia, realizando a descrição dos telejornais em cada um dos dias em blocos temáticos, seguidos pelas análises de trechos selecionados de forma intencional, auxiliados pela metodologia de Rose (2002) de transcrição de vídeo em roteiro, separando o conteúdo imagético do conteúdo sonoro (falas dos envolvidos).

A divisão em blocos temáticos é feita observando cinco questões que são importantes dentro dos vídeos obtidos dos três dias definidos no corpus: como os telejornais analisados

referem-se aos sujeitos que são autores de crimes? Como se referem à tragédia de Suzano? E ao local onde aconteceu a ação? Como se referem às famílias das pessoas envolvidas na tragédia? Às vítimas? Aos autores?

Os materiais foram analisados individualmente e depois submetidos a uma comparação sobre as coberturas de cada emissora, em busca de entender as questões que foram levantadas anteriormente sobre sensacionalismo e humanização.

4.4.1 Um dia antes da tragédia: 12 de março

Observando no vídeo 1 a estrutura do telejornal Panorama, da TV Cultura, no dia que antecedeu o ataque à Escola Estadual Professor Raul Brasil, percebe-se que o programa funciona com uma reportagem que introduz um assunto a partir de um acontecimento importante na mídia. O telejornal do dia 12 de março, por exemplo, baseou-se na discussão sobre o declínio da indústria automobilística no Brasil e no desligamento de funcionários da Ford (fabricante de automóveis), além de possíveis soluções para os impactos que essas mudanças provocaram.

O Panorama organizou-se nesse dia com duas reportagens intercaladas, sobre a crise nas montadoras de automóveis e os impactos do fechamento da indústria Ford na cidade de São Bernardo do Campo, entre discussões com um professor de sociologia e um economista, a respeito dos possíveis motivos do surgimento dessa crise e as soluções que poderiam ser tomadas, ao longo de 27 minutos .

A apresentadora do programa, a jornalista Adriana Cimino, atua também como mediadora da discussão, realizando algumas perguntas aos dois especialistas, além de outra pergunta enviada com a participação do público via Facebook e Twitter. No aspecto da referenciação aos personagens da história que foi contada, o telejornal os identifica pelo nome (como na fala da repórter Nauzila, que introduz em 0'33" o entrevistado Carlos: "O Carlos trabalha na área de logística da Ford há 26 anos"), por funcionários ou trabalhadores. Uma contextualização sobre o surgimento das montadoras no ABC paulista é feita na reportagem inicial, seguida de entrevistas com funcionários da Ford que haviam sido informados sobre o desligamento da empresa.

Essa reportagem inicial abre espaço para o início da discussão acerca do tema com a mediação de Cimino e a participação do professor e o economista convidados. Da metade do

programa em diante, uma segunda reportagem sobre os impactos econômicos nos setores de venda e imobiliário vai ao ar e dá origem ao segundo bloco de discussões com os especialistas, a respeito dos efeitos que o encerramento dos trabalhos de montadoras poderia deixar na economia das cidades onde se instalaram no país. Chamou a atenção o uso de alguns elementos sensacionalistas na construção da narrativa da primeira reportagem que foi analisada no vídeo 1. O vídeo selecionado para análise no dia deste programa, portanto, foi a reportagem sobre o declínio da indústria automobilística.

Vídeo 1 - O declínio da indústria automobilística no Brasil

Programa: Panorama

Data de exibição: 12/03/2019

VÍDEO	TEC	ÁUDIO
Após a abertura do programa, em 0'33" vai ao ar a reportagem de Nauzila Campos. A repórter está presente em um protesto feito por funcionários da Ford na cidade de São Bernardo do Campo. Um dos trabalhadores aparece em plano médio para dar um depoimento à reportagem. Quando acaba a fala de Carlos, em 0'44", é feita uma passagem em frente a fábrica da Ford na cidade paulista. Em seguida, outro funcionário é chamado na matéria.	VIVO	NAUZILA: O CARLOS TRABALHA NA ÁREA DE LOGÍSTICA DA FORD HÁ 26 ANOS. (0'33" - 0'39") CARLOS: É DA FORD ONDE EU TIRO O SUSTENTO DA MINHA FAMÍLIA. QUE EU CONSIGO MANTER A MINHA CASA, PORQUE EU SOU A ÚNICA RENDA DA FAMÍLIA. (0'39" - 0'47") NAUZILA: A MONTADORA FOI O PRIMEIRO TRABALHO COM CARTEIRA ASSINADA DE GIOVANI. ELE TEM MEDO DE NÃO CONSEGUIR OUTRO EMPREGO DEPOIS DE ANOS DE TRABALHO

Assim que a fala de Giovani é concluída, em 1'09", Nauzila aparece na portaria da fábrica da Ford em São Bernardo do Campo. Em plano médio, a repórter contextualiza o surgimento da montadora na cidade. Neste momento, a repórter gesticula enquanto dá ênfase no número de funcionários diretos: 3.000. Na sequência, faz uma passagem em vídeo dentro da fábrica de automóveis. O off continua contextualizando as informações.		PESADO. GIOVANI: NÓS QUE TRABALHAMOS EM MONTADORAS, É QUASE IMPOSSÍVEL VOCÊ ENCONTRAR UM TRABALHADOR QUE DEPOIS DE DEZ ANOS NÃO TENHA ALGUM TIPO DE SEQUELA PELO TRABALHO REPETITIVO E PESADO. (0'45" - 1'08") NAUZILA: A SEDE DE FORD EM SÃO BERNARDO DO CAMPO, ABC PAULISTA, BERÇO DAS MONTADORAS, É A MAIS ANTIGA DO BRASIL. ABRIGA UMA SEDE ADMINISTRATIVA E DUAS FÁBRICAS: A DE CARROS E A DE CAMINHÕES. A UNIDADE TEM TRÊS MIL FUNCIONÁRIOS DIRETOS. NAUZILA: O FIESTA, ÚNICO CARRO PRODUZIDO AQUI, DEVE SER DESCONTINUADO. DESDE 2001, OS MODELOS MAIS IMPORTANTES, COMO K.A E ECOSPORT SÃO FEITOS EM CAMAÇARI, NA BAHIA. UMA ESTRATÉGIA GLOBAL DA FORD DEVE FOCAR EM PICK UPS E S-U-V-S. ENTRE OS MOTIVOS PARA O FECHAMENTO, A PERDA DE ESPAÇO NO MERCADO PARA
---	--	--

Em 1'48" outros dois entrevistados, Letícia e Fábio, são chamados para a parte final da reportagem. Ambos falam sobre a quantidade de pessoas que a mudança afeta diretamente.	MONTADORAS ASIÁTICAS, COMO HYUNDAI E TOYOTA. (1'09" - 1'47"). LETÍCIA: SÃO MUITAS FAMÍLIAS, NÉ? QUANDO A GENTE FALA EM TRÊS MIL, OITO MIL EMPREGOS, NÃO É SÓ ISSO. AO TODO, PELA CONTA, VÃO SER MAIS DE 29 MIL FAMÍLIAS DESEMPREGADAS, ENTENDEU? (1'48" - 2'00") FÁBIO: O PRINCIPAL OBJETIVO DESSE MOVIMENTO É FAZER COM QUE A FORD OLHE PARA A GENTE E NÃO VENHA DESCARTAR A GENTE. EU ACHO QUE ELA TEM QUE TER UMA RESPONSABILIDADE SOCIAL COM NÓS, OS TRABALHADORES E COM A CIDADE DE SÃO BERNARDO. (2'00" - 2'13").
---	--

Percebemos na fala dos entrevistados o uso de construções frasais que usam o envolvimento emocional com a família, com a perda do emprego, com o fato de sentirem-se desamparados pelo fechamento da Ford, que foi importante para o crescimento da cidade e a dificuldade dos trabalhadores que foram demitidos de conseguirem outra forma de sustento após terem trabalhado por tanto tempo na montadora de automóveis. Um exemplo disso pode ser verificado em 0'39", quando o entrevistado Carlos diz: "É da Ford de onde eu tiro o sustento da minha família, que eu consigo manter a minha casa, porque eu sou a única renda da família". Em 2'00", no depoimento do último entrevistado, Fábio, é atribuída à empresa estadunidense uma

“responsabilidade social” com os funcionários e com a cidade e um pedido para que a montadora não “os descarte”, como se fossem objetos. As entrevistas concedidas pelas pessoas que haviam sido informadas de sua demissão, em frente ao local onde se encontra o prédio da Ford, provoca, de certa forma, uma leitura mais empática, por parte do telespectador, de toda a situação que a crise automobilística desencadeou. Após o término da reportagem, Cimino, que neste momento assume a função de mediadora, começa a costurar a narrativa das falas dos trabalhadores de São Bernardo do Campo, com o contexto do declínio da indústria automobilística no Brasil, prosseguindo para o desenvolvimento de perguntas aos especialistas que foram convidados.

Figura 1 - Carlos, o entrevistado, lamenta a perda do emprego



Fonte: Panorama (2019)

Figura 2 - Cimino media o debate sobre a crise automobilística com dois especialistas



Fonte: Panorama (2019)

O telejornal Brasil Urgente, do dia 12 de março, organizou-se com 11 reportagens ao longo de uma hora de duração. Neste dia o programa encontra-se estruturado, basicamente, em matérias que contam como um temporal que atingiu o ABC paulista causou estragos nas cidades da região, apesar de conter informações sobre outros crimes que aconteceram em São Paulo.

Logo de início em uma passagem dentro de uma sala médica, em um hospital, um surfista chamado Marcelo Luna conta como atuou com a equipe do corpo de bombeiros no resgate de vítimas de uma enchente que aconteceu também em São Bernardo do Campo, São Paulo, usando um jet-ski. A filmagem já começa em plano fechado, com a imagem do vídeo bem próxima do rosto do rapaz, que dá detalhes do trabalho de resgate que fez. De acordo com a reportagem, Luna teve de ser conduzido ao hospital para passar por uma bateria de exames depois de ter sido exposto a água contaminada da chuva. As notícias são transmitidas de uma forma em que sentimentos são despertados. A maneira como o surfista dá o seu depoimento, dentro de um hospital, gera certa comoção. Em seguida, são passadas informações de pessoas que perderam casa, eletrodomésticos e automóveis. O repórter que conduz a matéria destaca a sensibilização de

Luna com as vítimas da enchente, algo que remete novamente a um aspecto emocional dentro do contexto do fato jornalístico.

Uma segunda reportagem fala sobre os deslizamentos de terra que aconteceram após o temporal e os estragos que foram deixados. O repórter Maicon Mendes traz a informação do número de casas que foram atingidas pelo deslizamento, os carros que foram soterrados e a quantidade de famílias que não tinham para onde ir e o isolamento da área afetada, como prevenção a novos deslizamentos. É possível observar o uso de adjetivos e a qualificação de alguns termos em algumas falas do repórter, como quando classifica o “trabalho duro” dos fiscais da prefeitura para retirar a lama da parte de baixo do morro. Na entrevista com os moradores, destacam-se falas sobre a perda material sofrida. A matéria é finalizada com o choro de uma moradora que perdeu sua casa.

A terceira reportagem conta como nove deslizamentos afetaram famílias em São Paulo. O repórter Lucas Martins, conta a história de um rapaz que teve parte da família soterrada em um dos deslizamentos de terra que derrubou a casa onde moravam. Sobreviveram a mãe e a sobrinha do rapaz, enquanto três irmãos e um primo faleceram. No dia, havia sido comemorado o aniversário de um dos integrantes da família e a reportagem utiliza a filmagem desse evento como uma estratégia que chama atenção diante do cenário de sofrimento vivenciado pela família que acabava de passar por perdas. Na gravação, os familiares cantavam parabenizando o rapaz que fazia aniversário e, nesse momento, durante a filmagem, entra uma das falas do repórter: “Naquela hora, eles não imaginavam que não teriam mais nenhum dia de vida. A morte estava atrás do muro, bem pertinho, em forma de terra”. Outros moradores são entrevistados e dão seus depoimentos sobre a dor de terem perdido conhecidos e a preocupação com o risco de um novo deslizamento no morro. As imagens mostram algumas famílias fora de suas casas, que foram interditadas pela Defesa Civil.

Depois da terceira reportagem, o apresentador José Luiz Datena conversa com o prefeito de São Paulo, Bruno Covas, sobre o estado de tensão que a cidade vivenciava. Durante a entrevista, o prefeito destaca que as regiões mais afetadas passariam pela decretação de estado de emergência para amparar as pessoas em situação difícil. Questionado por Datena sobre o que a prefeitura estava fazendo para ajudar a população que havia perdido casas e outros bens, Covas responde que medidas estavam sendo tomadas com a parceria do governador do Estado, João Dória, para minimizar as perdas dos cidadãos e para atender as pessoas em regiões cuja situação

era de risco. Por parte da prefeitura, o prefeito ressaltou que órgãos como o Centro de Referenciamento, a Defesa Civil e a Secretaria de Trânsito estavam trabalhando para instruir e atender as necessidades da população. A organização dessas reportagens em sequência permite a constatação de que o programa tentou concatenar todos os fatos negativos que se desenrolaram naquele dia após o temporal que atingiu São Paulo.

A quarta reportagem do programa traz a atuação uma quadrilha que atua de moto rendendo e assaltando motoristas na rua à luz do dia. O off do repórter Marcelo Moreira, destaca a maneira como os criminosos agem, descrevendo a ação enquanto as imagens disponibilizadas por uma câmera que funcionava na rua, mostram o momento do assalto.

Na quinta reportagem, o foco do programa para os alagamentos e desabamentos é retomado. Dessa vez, uma mãe, Karina, é entrevistada em plano fechado. A câmera foca o seu rosto em lágrimas, lamentando a perda do filho, Bernardo, em decorrência de mais um deslizamento de terra. A repórter, Elisângela Carreira, resalta a atitude dos vizinhos, da mãe e de parentes de tentarem cavar com as mãos para encontrar o pai, Mike, e o filho de um ano que haviam sido soterrados. Moradores foram entrevistados e contaram como conseguiram salvar o pai da criança antes que os bombeiros chegassem. De acordo com a reportagem, o bebê de um ano, não resistiu. O drama da família e da mãe são ressaltados nas imagens com aproximação no rosto dos entrevistados. Uma filmagem da criança brincando momentos antes do acontecimento, elevam a carga de emoções que a reportagem provoca. No velório, o pai aparece deitado em um banco. A repórter descreve novamente o acontecimento enquanto o câmera foca a imagem nos ferimentos do rapaz, que chora quando começa a responder alguns questionamentos. “Como fica esse coração de pai?”, pergunta a jornalista. “Destroçado”, responde Mike.

Ao fim de reportagem, de volta ao estúdio, Datena conversa com Rodolfo Schneider, correspondente do Rio de Janeiro, que conta que a polícia civil prendeu os executores da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes. Anderson Lessa, sargento reformado da PM e Élcio de Queiroz, policial expulso da corporação, foram indiciados após o cruzamento de provas, dados de ligações telefônicas e imagens do trajeto do carro utilizado no crime e da placa clonada. Ao concluir as informações, Schneider aponta que resta à polícia investigar os mandantes do crime. Datena enfatiza que a demora nas investigações aconteceu em decorrência de intervenção política e traz em seguida o dado de que um dos matadores morava no condomínio do presidente da República.

A sexta reportagem trata da expulsão do traficante Thiago Ximenes, o “Matrix”, do Paraguai e da chegada dele ao Brasil. As imagens mostram como o Paraguai tornou-se importante na comercialização de drogas e armas para o território brasileiro. O off do repórter Rodrigo Hidalgo descreve a rota que a cocaína percorre quando chega no Brasil e sai em direção a outros países na América do Sul e Europa. Em seguida, Hidalgo conta como Matrix foi expulso do Paraguai, postura que o país também tem tomado com outros traficantes que chegam até lá pela fronteira com o Brasil.

Na sétima reportagem, o repórter Marcelo Silveira conta como uma neta matou a avó e deu festas na casa com o corpo dentro por dois meses em Belo Horizonte. A menina de 17 anos se desentendeu com a avó, Elizabete, de 57 anos, depois de ter chegado de uma festa a noite e a matou com uma faca. A residência ficava em um condomínio. A polícia militar deu entrevista dizendo ter ficado surpresa com a história. A adolescente foi conduzida a um centro socioeducativo onde deveria aguardar o julgamento.

A oitava reportagem relata como a idosa, Helena e o sobrinho, Evanildo, foram mortos a tiros em uma pizzaria. Um tio da vítima também foi ferido. Os três foram conduzidos para o mesmo hospital. A repórter Letícia Gil entrevistou a irmã de Evanildo para entender o que motivou o crime. As imagens da matéria vão até a pizzaria onde aconteceu a ação e mostram a parte da frente do prédio. A investigação deu conta de que o atirador e um cúmplice haviam passado pelo local antes de realizar o ato. As imagens de uma câmera na rua mostram o instante em que o autor do crime fez os disparos. Os parentes das vítimas ficaram a espera de respostas para a violência.

Na última reportagem do programa, o caso Marielle é retomado. A reportagem aborda as investigações de maneira mais aprofundada. Segundo as investigações, Ronnie Lessa foi o autor dos tiros que mataram Marielle e Anderson. Elcio de Queiroz dirigia o veículo. Os policiais cumpriram 34 mandados de busca e apreensão. Um carro blindado de Lessa também foi apreendido. A principal prova que levou à prisão dos criminosos foi a quebra de sigilo dos dados digitais do PM reformado. Arquivos acessados pelo celular de Lessa mostraram que ele monitorava os passos da vereadora por pelo menos três meses. Os investigadores também conseguiram montar uma linha do tempo mostrando toda a trajetória da dupla até o momento do crime.

Dentre as várias reportagens exibidas neste dia, selecionou-se para transcrição o vídeo de moradores em desespero durante o temporal que atingiu São Paulo. A escolha desse trecho foi intencional e tem por objetivo analisar e identificar aspectos de sensacionalismo ou de humanização presentes na reportagem.

Vídeo 2 - Moradores sofrem com deslizamentos durante temporal

Programa: Brasil Urgente

Data de exibição: 12/03/19

VÍDEO	TEC	ÁUDIO
O repórter Maicon Mendes narra as imagens de um deslizamento de terra que aconteceu durante a chuva em São Paulo. É possível identificar também a voz de um morador que gravava as imagens. Ao fundo, se escuta a reação dos moradores aos deslizamentos. Mudança de plano. De um helicóptero é possível ver as imagens do morro após os deslizamentos da noite anterior. (0'37'') Nova mudança de plano. In loco, o câmera faz imagens do alto do morro até onde encontram-se as casas que não foram destruídas pelos deslizamentos. A imagem	VIVO	MAICON MENDES: A AVALANCHE DE LAMA FOI GRAVADA POR UM MORADOR. A ÁGUA BARRENTA SAI ARRASTANDO TUDO O QUE TEM PELA FRENTE. O DESESPERO TOMA CONTA DE VÁRIAS PESSOAS. (0'00'' - 0'37'') MAICON MENDES: NO DIA SEGUINTE, A TRAGÉDIA VISTA DE CIMA. O HELICÓPTERO DA BAND SOBREVOOU A VILA SÃO PEDRO, EM SÃO BERNARDO DO CAMPO. A ENCOSTA DO ALTO DO MORRO DESLIZOU QUASE 30 METROS LADEIRA ABAIXO. (0'37'' - 0'51'') MAICON MENDES: A AVALANCHE DE LAMA DESCEU RAPIDAMENTE E ATINGIU PELO MENOS DEZ CASAS AQUI DA PARTE DE BAIXO DA VILA

desce na direção do morro até onde o repórter se encontra. (A partir de 0'38) Câmera foca imagem em garagem soterrada com dois carros afundados na lama. (1'09") A imagem é voltada para o alto do barranco e foca com zoom no local em que já houve deslizamento. (1'24") Câmera foca a imagem em plano médio na entrevistada Edna Maria. (1'27") Imagens são substituídas por gravações da avalanche descendo e levando casas e carros. (1'34")	SÃO PEDRO, QUE FICA NA REGIÃO DO ABC PAULISTA. VÁRIAS PESSOAS ESTAVAM EM CASA. E TIVERAM DE CORRER PARA SE PROTEGER. OLHA SÓ, GENTE O ESTADO DESSA GARAGEM AQUI. DOIS CARROS, COMPLETAMENTE COBERTOS DE LAMA. PELO MENOS QUINZE FAMÍLIAS NÃO TÊM PARA ONDE IR. O MEDO DE TODOS AQUI É DE UMA NOVA CHUVA, MUITO FORTE, PORQUE AQUELE BARRANCO LÁ EM CIMA PODE VIR ABAIXO A QUALQUER MOMENTO. (0'52" - 1'27") EDNA: ERA MAIS OU MENOS DEZ E MEIA E DE REPENTE OUVI UM BARULHO COMO SE FOSSE O DE UM CARRO BATENDO EM ALGUMA COISA. QUANDO OLHEI A JANELA DO MEU CORREDOR, VI DESCENDO TUDO. FOI AÍ QUE EU CORRI COM A MINHA FILHA E QUANDO CHEGOU AQUI O MEU INQUILINO JÁ PUXOU O PORTÃO. A GENTE CORREU E SÓ DEU TEMPO DE CHEGAR LÁ E DESCEU OUTRA AVALANCHE. (1'28" - 1'46") MAICON MENDES: A DEFESA CIVIL
--	---

Câmera foca em casa isoladas pela defesa civil e em fiscais da prefeitura retirando a lama. (1'46'') Imagens focam nos moradores entrevistados e encerram no rosto de Edna, em plano médio, chorando a perda da casa. (1'56'' - 2'17'')	ISOLOU A ÁREA. FISCAIS DA PREFEITURA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO TRABALHARAM DURO PARA RETIRAR A LAMA NA PARTE DE BAIXO DO MORRO. (1'46'' - 1'56'') MAICON MENDES: SENHOR ESTEVÃO, A CASA DO SENHOR É A PRIMEIRA QUANDO A AVALANCHE VEIO DESCENDO, NÃO É? ESTEVÃO: A TERRA COMEÇOU A DESLIZAR E DESCEU. MORADOR NÃO IDENTIFICADO: NINGUÉM ESPERAVA, TODO MUNDO FOI PEGO DE SURPRESA. A GENTE NÃO SABIA QUE ERA CHUVA DE VERÃO. FOI PEGO DE SURPRESA TODO MUNDO. EDNA: AQUI ESTÁ TUDO O QUE “NÓS” CONQUISTOU. O NOSSO SUOR ESTÁ TODO JOGADO AQUI. NÃO DÁ PRA ABANDONAR ASSIM. (1'57'' - 2'17'')
---	--

No início da reportagem, é possível observar na fala do repórter Maicon Mendes, junto das imagens do deslizamento filmadas por moradores, que a entonação e a maneira como ele narra os acontecimentos fazem com que o telespectador sinta-se inserido na contexto de

desespero que se passa no momento em que desce a primeira avalanche de terra. A forma como os moradores lidam com a situação, preocupados com o desabamento das casas e com a vida de outros vizinhos causa comoção. Pela manhã quando o helicóptero sobrevoa a vila São Pedro fica ainda mais evidente o estrago que o deslizamento provocou. Mendes dá ênfase ao informar que a encosta do morro deslizou 30 metros e depois ao revelar o número de dez casas atingidas na parte de baixo da vila. Um aspecto interessante, em 1'15" é a leitura facial do repórter quando relata que ao menos 15 famílias estavam sem ter para onde ir. O semblante é de dúvida e preocupação, principalmente quando, em seguida, Mendes cita novamente o risco de desabamento no alto do morro. Esses elementos, somados à fala em lágrimas de Edna, em 2'10", quando diz que “todo o suor está jogado aqui, não dá pra abandonar assim”, deixam a reportagem ainda mais carregada emocionalmente.

Figura 3 - Moradores sofrem com deslizamentos durante temporal



Fonte: Brasil Urgente (2019)

Figura 4 - Edna chora pela perda da casa em deslizamento



Fonte: Brasil Urgente (2019)

4.4.2 O dia da tragédia: 13 de março

No segundo dia de análise, o terceiro vídeo, do jornal Panorama, evidencia uma mudança de estrutura em decorrência do ataque que aconteceu à Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano, no dia 13. Nesse dia, o programa não contou com uma reportagem sobre um tema central, outra de aprofundamento e o bate papo entre especialistas no estúdio. O grande assunto da edição, foi a tragédia. Ao longo do programa, foram feitos quatro links: com um repórter e três especialistas para ampliar a dimensão sobre o que tinha acontecido até o momento e discutir questões em torno da segurança pública nas escolas. Durante todo o tempo os personagens que compõem essa gravação são tratados pelo nome ou por suas funções profissionais.

O programa inicia repercutindo e atualizando informações sobre o ataque que aconteceu por volta das nove horas e trinta minutos daquele dia. O dado que é repassado por Adriana Cimino, a apresentadora do Panorama, é o de que dois jovens, não identificados, haviam entrado

na escola e efetuado disparos contra alunos e funcionários. Até aquele momento, o que se sabia é que oito pessoas haviam sido mortas, sete estudantes e uma funcionária, enquanto outras 23 pessoas ficaram feridas. A expressão facial de Cimino mostrava evidente tensão na condução daquela edição.

Logo aos 0'51" acontece o primeiro link. A apresentadora chama o repórter Eduardo Campos, que encontra-se in loco, em frente ao portão de trás da escola. Campos convida Luciano, o pai de um estudante de 14 anos que conseguiu fugir, para uma breve entrevista. O repórter deseja saber o que o jovem havia contado ao pai sobre o acontecimento. Luciano relata que o filho estava comprando o lanche quando ouviu os primeiros disparos. No depoimento, conta que um dos colegas do filho foi baleado na perna, enquanto o garoto conseguiu fugir pulando o muro da escola. O pai finaliza a entrevista questionando como os atiradores entraram com tanta facilidade no prédio da instituição, se o acesso era cauteloso até mesmo com os pais.

Em 2'42", Campos vai em direção a uma moradora, Mayara, que mora em frente a escola. Mayara explica ao repórter que conseguiu identificar que os barulhos que vinham da escola eram disparos quando viu estudantes tentando fugir em desespero. Ela conta ainda, que acolheu alguns alunos em sua casa até que se soubesse o que estava acontecendo de fato.

Assim que a entrevista termina, o repórter caminha em direção ao portão da escola onde estão policiais e peritos. Em 4'35" a câmera tenta mostrar a movimentação que acontecia no pátio da escola. Campos revela que a polícia estava trabalhando na identificação dos corpos e que eles ainda estavam dentro da escola. Em 4'52", relata ter visto uma mãe sair de dentro do prédio em prantos, possivelmente após ter reconhecido o filho ou filha.

Na sequência, Campos menciona a conversa que teve com a cozinheira da escola, que disse ter tentado se proteger da maneira como dava em meio aos tiros. Em 5'11", destaca que a força especial da polícia civil esteve no local do atentado para recolher artefatos utilizados no ato e que foram deixados na escola após o crime.

Cimino então pergunta como está sendo a atuação da polícia militar e da prefeitura de Suzano quanto ao atendimento e o trabalho de suporte às vítimas e o início das investigações por parte da polícia civil dentro da escola. A apresentadora também indaga se já foi revelado para a imprensa o nome das vítimas. Campos responde que as vítimas já foram identificadas mas que em respeito aos familiares os nomes ainda não foram divulgados para a imprensa. O repórter confirma que foi criado um centro de apoio aos familiares das vítimas e dos não vitimados, para

atendimento médico e psicológico. Ele mantém o contato até 7'14", quando o link com a apresentadora cai.

No momento em que o contato é interrompido, o vídeo retorna ao estúdio e Cimino retoma todas as informações que foram divulgadas até aquele momento sobre a tragédia em Suzano. Na sequência, a apresentadora chama uma passagem em que o governador do estado de São Paulo, João Dória, fala sobre o ocorrido. Nas palavras da apresentadora, o Dória estava emocionado. O governador disse que estava impactado com o que havia presenciado na escola e que falava em profunda tristeza. Dória lamentou o ocorrido na Escola Estadual Professor Raul Brasil e decretou luto oficial de três dias no estado. A apresentadora salienta que a instituição é referência na cidade de Suzano. Uma escola de ensino médio e fundamental dois, com cerca de 1000 alunos e cursos extras de idiomas.

A partir de 9'44" Cimino faz contato com Carolina Ricardo, especialista em segurança pública do instituto Sou da Paz. A ligação é feita por telefone. Ao fundo, passam imagens da escola, com pessoas esperando por notícias, carros de polícia em frente ao portão e a visão de cima do helicóptero. A primeira pergunta feita pela apresentadora é sobre a avaliação que a especialista faz da tragédia em Suzano. Ricardo reconhece que esse não é o primeiro caso de tiroteio em escolas no Brasil. Segundo a especialista, há algum tempo essas histórias tem se repetido, e sobre esses casos ela chama atenção para a capacidade que as escolas têm ou precisam ter de entender as dinâmicas de violência. Ela aponta que podem existir questões de relações entre alunos que poderiam ter sido trabalhadas de outra forma. Ricardo cita que não é menos importante ter programas de mediação de conflitos dentro das escolas, formar professores para identificar casos de bullying mais graves e até mesmo o conflito entre gangues. Outro ponto levantado pela estudiosa é a questão do acesso a arma de fogo. A circulação e o fácil acesso a armas de fogo possibilitam, para Ricardo, situações de crimes banais e até mesmo crimes graves como o da tragédia em Suzano.

Cimino pondera que ainda não se sabe a identificação dos autores do crime ou se eles estudaram na escola que foi alvo do ataque. Entretanto, por serem adolescentes não deveriam ter o acesso facilitado a armas de fogo. A apresentadora questiona se a facilitação recente (referindo-se à medida do governo que flexibilizou o porte de armas) ao acesso de armas pode abrir precedentes para mais casos. Ricardo afirma que em relação ao decreto que flexibilizou a porte de armas, existia um elemento que previa a declaração de posse de um cofre para manter a arma

em um lugar seguro. De acordo com a especialista, antes havia necessidade de comprovação da existência desse lugar seguro, mas com o novo decreto aprovado agora basta a pessoa declarar possuir esse lugar seguro. Ela também entende que a falta de necessidade de comprovar que a arma está num local seguro, possivelmente facilita a migração da arma legal para a mão de um jovem ou para o autor de algum assalto na residência em que a arma esteja guardada.

Em 13'44", a apresentadora relembra o caso ocorrido em 2017 em que um menino de 14 anos pegou a arma de fogo que era dos pais, policiais, e abriu tiros contra colegas na escola em Goiânia. Na ocasião, dois morreram e quatro ficaram feridos. O que mostra, para a apresentadora, que por mais preparado seja o profissional, esse acesso pode ficar muito vulnerável quando se trata de crianças e adolescentes. Ricardo complementa o raciocínio dizendo que não dá para dizer que uma coisa não tem relação com a outra. A especialista entende que não é a aprovação de um decreto que amplia a possibilidade de legítima defesa. Segundo Ricardo, a legítima defesa não existe sozinha, ela tem impacto em outras questões mais graves, que no caso seria a arma sair da casa do "cidadão de bem" e alimentar um menino que leva na mochila a arma dos pais ou, eventualmente, adolescentes envolvidos ou não com o crime, mas que saem com alguma intenção. Para a estudiosa, é preciso avaliar um contexto geral antes de aprovar algo nessa direção. Na perspectiva da especialista, a responsabilidade governamental e da sociedade é cobrar um olhar integrado e coerência, já que um decreto sozinho não resolve a questão da legítima defesa, mas abre espaço para a criação de novos problemas. É preciso chamar a atenção dos governantes para dizer que o decreto sobre o controle de armas não pode ser lido apenas na discussão da legítima defesa.

Em continuação à discussão, Cimino questiona aos 15'03", se a instalação de detectores metais na entrada das escolas não poderia ser uma possível solução. Ricardo indica que a discussão é difícil e que não pode ser essa a principal medida para discutir a segurança nas escolas. Um exemplo citado pela especialista, é o programa de formação de professores mediadores em São Paulo, para mediar conflitos dentro das escolas, ler o que está acontecendo ali e conseguir encaminhar medidas antes que alguns casos se tornem mais graves. Para embasar a discussão, Ricardo citou casos de bullying em que crianças chegam a se matar, para observar como a formação de profissionais capacitados pode identificar esse tipo de violência antes que ela se agrave.

Cimino indaga quais seriam os principais pontos a serem repercutidos com relação a identificação de um problema sério como o bullying nas escolas e também o acesso às armas. Ricardo descreve que a educação como um todo, as secretarias e o Ministério da Educação, deveriam incorporar na sua agenda não só a formação de alunos, cidadãos com capacidades de leitura, mas cidadãos que consigam fugir da violência. Incorporar na agenda da educação a prevenção da violência como uma dimensão prioritária da política educacional. Em relação ao controle de armas ela compreende que a política de controle de armas não é simplesmente uma política desarmamentista, é uma política que tira armas ilegais de circulação. Nas palavras de Ricardo, se houver a implementação do estatuto do desarmamento, de um sistema de rastreamento de armas, de banco de dados integrado, será possível diminuir o número de armas circulando e, portanto, será difícil para o adolescente acessar armas e cometer novos crimes. Nesse momento, em que a especialista finaliza a fala, Cimino agradece a participação e conduz o programa a um intervalo.

Quando o programa volta ao ar, a apresentadora retoma as informações sobre a tragédia acontecida na escola de Suzano. Em seguida, apresenta o professor Rafael Alcadipani, membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, para uma conversa sobre a ação da dupla de atiradores. Cimino questiona, em 19'58", se é possível tratar o caso como um fato isolado, uma fatalidade ou se dá para identificar fatores que colaborem para que outras tragédias aconteçam. Alcadipani ressalta que não se deve tratar o ataque como uma fatalidade. Na compreensão do professor, quando morrem muitas pessoas, ainda mais adolescentes dentro de uma escola, é preciso pensar no contexto em que permite que isso aconteça. O especialista faz uma crítica, dizendo que as escolas públicas estão abandonadas, os professores estão entregues tentando resolver outros problemas e faltam políticas públicas educacionais mais sérias.

Alcadipani faz uma reflexão sobre a forma como a violência tem se tornado uma “gramática” comum no país e transformou-se algo banalizado a ponto de uma pessoa pegar uma arma, entrar numa escola e realizar um ataque. O professor relembra casos semelhantes ao de Suzano que acontecem nos Estados Unidos e destaca que as primeiras críticas que surgem referem-se à facilidade do acesso à armas de fogo no país. Ele critica que no Brasil esteja sendo facilitado o acesso a arma, algo que possibilita que tragédias como a de Suzano aconteçam. Esses casos acontecem, segundo o professor, por vários fatores e para ele no Brasil aparentemente não se lida com nenhum deles.

Cimino contextualiza novamente a situação, lembrando o caso de 2017 quando um adolescente de 14 anos pegou a arma dos pais, policiais, e matou dois colegas na escola, além de ter deixado outros quatro feridos. Na sequência, a apresentadora questiona quais seriam os cuidados a serem tomados com a parcela “vulnerável” da sociedade, que são as crianças e adolescentes. O professor aponta que é preciso que existam políticas educacionais que mantenham os adolescentes dentro da escola, escolas que não permitam o bullying e que a violência não seja algo tão comum. Alcadipani observa que é preciso enxergar as políticas públicas como um aspecto amplo e não restrito, fora da discussão sobre ideologia. Para o especialista é preciso lidar com a educação e a segurança pública profissionalmente.

A apresentadora agradece a participação do professor no programa, contextualiza mais uma vez o fato que tem permeado as discussões da edição do dia 13 do telejornal Panorama, e faz uma chamada para o último link, o contato com o coronel José Elias de Godoy, consultor em segurança pública. Inicialmente Cimino pede a Godoy que faça uma avaliação das informações que chegavam aos poucos sobre o ataque ocorrido na escola em Suzano. O coronel classifica a ação como um fato muito triste e lamentável. Ele chama atenção para a semelhança que o ataque teve com jogos de simulação virtual e histórias de filmes, enfatizando que naquele momento a opinião não se tratava de um pré-julgamento. Após a primeira fala do coronel, a apresentadora pondera que apesar de ser algo comum em filmes e que se vê muito em jogos, não há uma comprovação no comportamento violento de adolescentes. Cimino pergunta quais são os fatores, na opinião de Godoy, que fazem com que casos como esse repitam mais uma vez em uma escola. O coronel defende que as pessoas que estiveram envolvidas no ataque tinham algum distúrbio psicológico e levanta a hipótese de que possa ter faltado acompanhamento para tentar identificar esse desvio de comportamento dos adolescentes envolvidos no caso.

A jornalista questiona se a recente facilitação ao acesso às armas pode ser um fator que contribui com esse tipo de situação. O coronel acredita que esse não seja um motivo. Segundo ele, a facilitação ao acesso às armas aconteceu há pouco tempo e foi utilizada, ao que se sabia, apenas uma arma de fogo. A apresentadora do Panorama ressalta que a discussão gira em torno de um público que nem mesmo com o decreto recente teria acesso às armas. Ela indaga se com mais armas circulando entre a população, esse acesso não deixa a situação ainda mais delicada. O coronel responde que de uma maneira geral sim, mas no caso específico do ataque à escola em

Suzano, esse não foi um fator determinante e que talvez seja precipitado tomar qualquer conclusão nesse sentido.

Cimino agradece a participação do coronel e conclui as repercussões e atualizações sobre o ataque acontecido na escola estadual professor Raul Brasil, em Suzano. Antes de encerrar a edição, a apresentadora mostra imagens feitas com o uso de um celular que mostram o momento da chegada dos atiradores, de carro, à entrada da frente da escola. Ela ressalta que até aquele momento não se tinha informações sobre a identidade dos atiradores ou se eram estudantes da instituição, mas sabia-se que eram adolescentes.

Entre as várias conexões que foram feitas nesse dia, selecionou-se para transcrição as entrevistas feitas pelo repórter Eduardo Campos com Luciano, pai de um estudante de 14 anos que conseguiu fugir do tiroteio, e Mayara, que mora em frente a Escola Estadual Professor Raul Brasil e acolheu crianças que conseguiram escapar pelo portão dos fundos do prédio. A escolha desse trecho foi intencional e teve como finalidade avaliar aspectos de sensacionalismo ou de humanização presentes na cobertura.

Vídeo 3 - Entrevista feita por Eduardo Campos com moradora que reside em frente à escola

Programa: Jornal Panorama

Exibição: 13/03/19

VÍDEO	TEC	ÁUDIO
Assim que termina de repassar as primeiras informações, o repórter Eduardo Campos vai até o primeiro entrevistado, o Luciano, pai de um dos estudantes que conseguiu fugir do tiroteio.	VIVO	EDUARDO CAMPOS: EU ESTOU AQUI COM O LUCIANO, ELE É PAI DE UM ALUNO. O FILHO TEM 14 ANOS, ESTAVA NO MOMENTO ONDE ACONTECEU O TIROTEIO, QUE FOI NA HORA DO INTERVALO, NÉ? O QUE O SEU FILHO RELATOU? (1'02" - 01'12")

	UM BAIRRO TRANQUILO. PRIMEIRA VEZ DA MINHA VIDA QUE EU VEJO UM ALVOROÇO DESSE AQUI. NESSE BAIRRO. (1'51" - 2'03") EDUARDO CAMPOS: PEGOU TODO MUNDO DE SURPRESA? (2'03 - 2'04") LUCIANO: PEGOU TODO MUNDO DE SURPRESA. A ÚNICA COISA QUE EU FICO QUESTIONANDO É COMO ELES CONSEGUIRAM ENTRAR DENTRO DA ESCOLA, PORQUE A PORTA, PARA A GENTE QUE É PAI, É TUDO TRANCADO. TEM QUE VIR UMA PESSOA, ABRIR ESSA PORTA PARA A GENTE PODER ENTRAR E PARA SAIR É A MESMA COISA. AS VEZES FICA ATÉ DEZ, QUINZE MINUTOS LÁ DENTRO TRANCADO PORQUE NÃO TEM QUEM ABRE A PORTA. EU NÃO ENTENDO COMO ELES CONSEGUIRAM ENTRAR E DAR ESSE TIROTEIO TODO LÁ DENTRO. (2'04" - 2'27") EDUARDO CAMPOS: CERTO LUCIANO, MUITO OBRIGADO PELAS SUAS INFORMAÇÕES. PORTANTO ESSA É A DÚVIDA DOS PAIS: COMO ESSES ATIRADORES
--	--

As imagem retorna para o repórter	PORTÃO DE CASA E NA HORA JÁ TINHAM ALGUMAS PESSOAS SAINDO POR AQUI, PELA PORTA DO ZELADOR, DO FUNDO. A GENTE JÁ ABRIU A PORTA, FALOU PARA ELES ENTRAREM AQUI CORRENDO, PORQUE A GENTE NÃO SABIA ONDE É QUE ESTAVA O ATIRADOR, ENTÃO MANDAMOS ELES ENTRAREM CORRENDO. A GENTE FECHOU O PORTÃO, DEU ÁGUA PARA ELES. ELES ESTAVAM TODOS EM ESTADO DE CHOQUE, CHORANDO MUITO. E AÍ COMEÇOU A RECEBER AS NOTÍCIAS. ELES CONTARAM PARA A GENTE O QUE ESTAVA ACONTECENDO, A POLÍCIA CHEGOU MUITO RÁPIDO ATÉ AQUI, VEIO O HELICÓPTERO MUITO RÁPIDO, APARENTEMENTE ELES TINHAM VISÃO DE ONDE ESTAVA ACONTECENDO TUDO, MAS INFELIZMENTE SÓ RESOLVEU O CASO QUANDO OS DOIS SE SUICIDARAM. (2'46" - 3'50") EDUARDO CAMPOS: QUANDO AS PESSOAS CHEGARAM AQUI, VOCÊ PERCEBEU SE ALGUÉM ESTAVA FERIDO? (3'50" - 3'53")
--	--

Eduardo Campos, que após agradecer a participação da entrevistada, se dirige para a entrada da escola novamente.		MAYARA: NÃO. SÓ TEVE UM MENINO QUE SE FERIU, ELE ESTAVA COM UM CORTE NA MÃO, MAS É PORQUE ELE SE CORTOU TENTANDO PULAR O MURO. FOI SÓ ISSO. FISICAMENTE ELES ESTAVAM BEM. A QUESTÃO É MAIS EMOCIONAL MESMO. (3'53" - 4'04")
--	--	---

No início da primeira entrevista que Eduardo Campos faz, com o Luciano, pai de um estudante de 14 anos, apesar de saber que o filho já estava bem, é possível identificar no olhar desse pai um semblante de preocupação e até de incredulidade, como alguém que ainda não estava entendendo o que aconteceu. Apesar disso, é perceptível que o repórter não utiliza a leitura desse aspecto para realizar alguma pergunta que explorasse a delicadeza do momento. As perguntas são objetivas e referem-se a o quê o jovem relatou do acontecimento que havia presenciado ao pai e se havia alguma movimentação estranha anteriormente. Quando Luciano relata a surpresa pela maneira como os atiradores entraram na escola, Campos repete o questionamento direcionando para a próxima entrevista com a moradora que reside em frente à escola.

Quando começa a entrevista com Mayara, nota-se que a entrevistada encontra-se com certa agitação, as mãos se mexem rápido e a fala é, de certa forma, acelerada, talvez porque fazia pouco tempo que o ataque havia acontecido. A medida que a discussão se desenvolve, ela aparenta se acalmar. É possível perceber o olhar de empatia na maneira como Mayara fala dos estudantes que fugiram em desespero e na forma como relata tê-los recebido. Mais uma vez, ressalta-se que o repórter agiu com uma postura séria e objetiva, respeitando o contexto delicado e realizando perguntas que pudessem oferecer ao telespectador um panorama geral da visão das pessoas que de alguma forma participaram dos momentos posteriores à tragédia. Verificamos que apesar de não contar com a estrutura descrita anteriormente com uma reportagem sobre um tema

central, uma outra de aprofundamento e a discussão entre especialistas no assunto no estúdio, o Jornal Panorama manteve a linha da consulta a profissionais especializados que puderam abordar diferentes visões que estiveram inseridas no debate sobre segurança pública nas escolas, após a tragédia de Suzano.

Figura 5 - Eduardo Campos entrevista Luciano em frente à escola



Fonte: Panorama (2019)

Figura 6 - Campos conversa com moradora que acolheu estudantes que fugiram do ataque



Fonte: Panorama (2019)

A análise dos materiais em vídeo do telejornal Brasil Urgente, do dia 13 de março, também evidenciou uma mudança de estrutura que afetou inclusive a programação da TV Bandeirantes. Normalmente o programa tem início às 16 horas da tarde. Nessa ocasião, Datena entra com a edição em um horário diferente, às 12 horas da tarde, para passar as primeiros informes e repercussões sobre o que tinha acontecido na Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano. O apresentador tenta, num primeiro momento, concentrar os esforços da equipe de jornalismo em entender e ordenar os acontecimentos que culminaram com a tragédia que matou cinco alunos, duas funcionárias da instituição e o tio de um dos autores.

A primeira autoridade a ser entrevistada por Datena, é o general Campos, secretário de segurança de São Paulo, sobre possíveis novas informações. Antes de começar a conversa com o general, o apresentador destaca que o acontecimento não foi uma situação atípica em escolas brasileiras e relembra um outro ataque, ocorrido em 2017 em Goiânia, quando um adolescente pegou a arma dos pais, policiais, levou na mochila até a escola e matou dois colegas. Ele questiona ao general se há algo o que acrescentar no número de 10 mortos e 15 feridos. Campos inicia sua fala lamentando a tragédia que aconteceu e dizendo que essa foi uma das datas mais

tristes de sua vida. Em sequência, Campos revela que uma primeira etapa de buscas a artefatos suspeitos de serem explosivos foi realizada. Para essa investigação, uma força tarefa especial da polícia civil tinha sido acionada. Depois o instituto de criminalística e a polícia Civil receberam liberação para investigações dentro da escola.

O coronel destaca que naquele momento estava sendo conduzida a etapa de identificação das vítimas para informar os nomes aos familiares através da Secretaria de Educação. Assim que essa fase fosse concluída uma coletiva seria convocada para repassar esses nomes à imprensa, ainda que a dinâmica dos fatos estivesse sob análise. Enquanto a fala de Campos acontece, ao fundo aparece a imagem de um pai chorando em frente à escola.

O secretário indica que o trabalho estava sendo chefiado pelo delegado Ruy Fontes. Datena questiona se os dois atiradores já foram identificados e se um deles estudava na escola, mas o general responde que a informação ainda não tinha sido confirmada e que alguns dados estão sendo analisados para serem repassados na coletiva. Em seguida, Datena se mostra impressionado com o número de mortos e feridos pela dupla e pergunta se houve a utilização de mais armas além do revólver 38 e da besta, e se o crime contou com o envolvimento de mais pessoas. Campos afirma que a perícia estava avaliando as provas e que ao que constava, apenas o revólver e a besta teriam sido utilizados, sem afastar alguma outra hipótese que possa estar envolvida no caso. Ele ressalta que é preciso tempo para levantar essas informações com maior precisão.

O apresentador suspeita de uma logística organizada pelos dois rapazes para executar o plano do crime e pergunta ao general se, de fato, foi o que aconteceu. O general responde que a dupla estava com esse propósito e que antes de terem chegado à escola os atiradores teriam passado em um “lava-jato” e baleado uma outra pessoa. Datena indaga qual ação teria sido essa. O secretário revela que um dos assassinos teria atirado em uma pessoa que seria seu parente, tomado um micro-ônibus e ido até a escola. As informações são incertas num primeiro cenário. Ele ressalta que houve um mapeamento com base na cronologia dos fatos e que até a noite esperam ter tudo mais detalhado. Datena questiona novamente se um dos atiradores que feriu a pessoa no lava-jato, seria aluno da escola e o general responde que esse dado ainda estava em averiguação.

O apresentador pergunta então o que poderia ser informado além do que já havia sido divulgado, antes que do horário da coletiva, às 14 horas da tarde e faz outro questionamento

sobre quantas vítimas estariam em estado grave. O secretário responde que ainda não tem as informações, que estava com o secretário da educação buscando esses dados para repassá-los às famílias das vítimas e que uma equipe dos bombeiros estava fazendo esse levantamento. O apresentador questiona se os artefatos investigados pela equipe especial da polícia eram explosivos. Campos responde que eram falsos. Datena pergunta ao secretário se é possível estudar uma melhor forma de segurança nas escolas a partir do que aconteceu em Suzano. O general responde que esse foi um fato isolado, mas que não tira a preocupação com as escolas e com todos os locais que reúnam uma grande quantidade de pessoas, para protegê-las. O objetivo de Salles é fazer com que esse caso, triste e lamentável, nas palavras do secretário, não se repita e a segurança pública seja tratada como o foco principal.

Datena questiona onde será e quem participará da entrevista coletiva. Campos responde que ele participará junto do secretário da educação, do comandante geral da polícia, do subcomandante dos bombeiros, do comandante do batalhão de forças especiais e do delegado Ruy. Como última pergunta, Datena indaga se o estado estava prestando auxílio às famílias das vítimas. Campos afirma que a prefeitura municipal de Suzano estava apoiando o trabalho de investigações para proporcionar o maior apoio possível e amenizar a imensa dor que atingia as famílias das vítimas, de todos os alunos do colégio, da população de Suzano e de todo o país. Antes de finalizar o contato com o coronel, o apresentador cita a inspiração de ataques como o de Suzano, em video games ou em ligações com o crime organizado, e pergunta a Campos se a dupla agiu sozinha ou a mando de alguém. O secretário aponta que tratam-se de especulações e que era preciso aguardar os resultados das investigações. Antes de finalizar o contato, Campos justifica a sua saída em virtude de algumas “deliberações a tomar”, agradece pela entrevista e pede desculpas. Datena agradece a participação do general e encerra a chamada.

Depois da conversa com o secretário de segurança de São Paulo, Datena inicia um link com o repórter Lucas Martins, que está no local onde aconteceram os ataques, para saber quais são os nomes dos atiradores que invadiram a Escola Estadual Professor Raul Brasil. O apresentador demonstra indignação e classifica a ação dos adolescentes como um “ato de loucura” e o crime como algo que “poucas vezes se viu no Brasil”. O repórter, que estava no local onde aconteceu o ataque, informa o nome e a idade dos envolvidos. Eram eles Luis Henrique de Castro, de 25 anos e Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos. Ele destaca que, naquele momento, ao que se sabia, Tauci era estudante da escola.

Antes de executar o crime, Martins informa que Guilherme havia feito postagens no Facebook, selfies em que aparecia com um lenço de caveira que foi utilizado na ação para tampar seu rosto. No estúdio, no telão estão divididos de um lado o link com o repórter e do outro filmagens do carro chegando à escola, alternadas das imagens dos rostos dos atiradores. Datena pergunta novamente quem era o envolvido que estudava na escola. Martins responde que era Guilherme, de 17 anos. Nesse momento, Datena revela que Guilherme pediu para a diretora abrir a porta da escola e que, pelas informações recebidas, teria sido ela a primeira a morrer. O apresentador ressalta que essas informações estão sendo checadas para serem confirmadas ao telespectador.

A equipe do telejornal consegue então uma entrevista com o tio de um estudante que foi ferido no ataque à escola em Suzano. O nome dele é Rudge. O apresentador pergunta então como o sobrinho do homem foi ferido. Rudge conta que o sobrinho foi atingido por uma machadinha no peito. Datena comenta o surgimento de novas informações sobre outras armas utilizadas no crime, além do revólver e da besta. No mesmo comentário, Datena afirma que os assassinos atuaram motivados por jogos violentos, sem ter a confirmação dessa informação. O apresentador fala que o plano do ataque foi mal elaborado porque se os autores tivessem usado uma pistola automática, por exemplo, teriam matado mais pessoas. Ele questiona ainda se foram apenas duas pessoas a terem participado da ação. Datena salienta que essas informações não tinham sido confirmadas pelo secretário de segurança até o momento e que seriam detalhadas na entrevista coletiva das 14 horas.

Na sequência, o apresentador pergunta a Rudge o estado de saúde do sobrinho. O tio responde que o jovem havia passado por cirurgia, que os médicos disseram que o corte tinha sido profundo e que o estudante não corria risco de morte. Datena comenta a forma como o ataque aconteceu, dizendo que os autores tinham mesmo a intenção de matar, considerando que o golpe de machado foi desferido no peito¹⁶ do menino. Ele pergunta se Rudge tinha mais alguma informação sobre os autores do ataque e se o nome deles já era conhecido. Rudge conta que no bairro onde a escola está situada, a vizinhança se conhece e que os rapazes iniciaram o ato matando o tio de um dos atiradores, identificado posteriormente como Jorge Antonio de Moraes.

¹⁶ Posteriormente as investigações apuraram que o golpe desferido foi na região situada entre o ombro e o pescoço. O nome do estudante ferido mais tarde foi revelado pelo Brasil Urgente: José Vitor Ramos Lemos. O dado foi obtido através do material em vídeo analisado.

Em seguida pegaram um carro roubado e saíram em direção à escola. Rudge relata a Datena que um dos autores da tragédia era ex-aluno da escola e que, por isso, o seu acesso foi facilitado pela diretora. A diretora, ainda segundo Rudge, foi a primeira a morrer.

Datena começa então a tecer uma linha de raciocínio com as informações que reuniu a partir das entrevistas, antes de qualquer comunicado oficial de algum órgão público ou representante. Ele pergunta a Rudge se havia alguma outra informação sobre o perfil de um dos criminosos que estudou na escola. Na opinião de Rudge, o que motivou a ação na escola foram videogames. Em seguida, o apresentador pergunta se o tio entrou no pátio da escola. Rudge responde que entrou quando ficou sabendo que o sobrinho era uma das vítimas. Ele diz que ainda estava chorando e que, por ser caminhoneiro, estava acostumado a ver “muita coisa”, mas nada comparado a crianças mortas. Rudge descreve como viu as crianças mortas, com celulares próximos às mãos manchados de sangue. A expressão facial de Datena é de choque. Ele tenta deduzir que as crianças mortas tentaram ligar para os pais mas não conseguiram sobreviver.

O jornalista relata estar acostumado a ver cenas de violência há mais de 20 anos no país e atribui a culpa por tais acontecimentos a políticos e autoridades que, nas palavras do jornalista, “não conseguem conter a violência nunca”. Ele comenta que no instante em que viu o vídeo da ação da dupla, sentiu grande tristeza. Classificou o ataque como um fato pontual, fora do habitual, mas que vem acontecendo em escolas recentemente. O apresentador critica a falta segurança nas escolas públicas. Para embasar sua opinião, relembra mais uma vez o ataque que aconteceu em uma escola em Goiânia em 2014 e ao massacre de Realengo em 2011. Segundo ele, são fatos que acontecem mais comumente nos Estados Unidos do que no Brasil.

Rudge, o tio de uma das vítimas do ataque, ainda está na linha. Ele recebe a palavra outra vez e parabeniza a agilidade com que a polícia militar chegou até a escola, para impedir o que, segundo ele, poderia ter sido um número maior de mortes. Datena pergunta a Rudge se os atiradores ainda estavam “matando gente”, quando a polícia chegou. Rudge responde afirmativamente e relata que os moradores do bairro possuem um grupo de segurança que tem acesso a câmeras interligadas, o que possibilita uma vigília em todo o bairro. No instante em que a dupla de assassinos matou Moraes, Rudge relata ter sido registrado um pedido de socorro nas redondezas. Os moradores conseguiram contatar uma viatura que encontrava-se próxima ao local. Ao mesmo tempo, ele conta que a diretora pediu ajuda pelo grupo do aplicativo Whatsapp. Foi quando a viatura partiu em direção à escola. Datena então pergunta se foi a polícia que conteve os

atiradores e interrompeu o ataque. Rudge responde que não, os atiradores se suicidaram quando perceberam que a polícia havia chegado.

Datena conclui a partir do depoimento de Rudge, que a presença da polícia “inibiu” a ação da “molecada”, maneira como ele identifica os dois assassinos, e que caso os policiais não tivessem chegado a dupla teria matado mais pessoas. Na conversa, Rudge dá ênfase ao dizer que “todo mundo era alvo”. O apresentador perguntou a Rudge se ele acompanhou toda a ação. O entrevistado afirma que conseguiu acompanhar até o momento em que os dois rapazes entraram na escola. Depois, Datena indaga a Rudge se mais armas foram utilizadas no crime. O tio de uma das vítimas responde que tinha conhecimento apenas do machado mas que os autores poderiam ter usado facas. O jornalista questiona se havia feridos em estado grave. Rudge não responde claramente, mas diz que muitas viaturas chegaram e foram levando os mais feridos.

A partir dos depoimentos de Rudge, Datena reitera que a cena presenciada pelo entrevistado deve ter sido triste. Rudge confirma a fala do apresentador e desabafa que a sua família estudou na escola, que os moradores do bairro se conheciam e eram próximos uns dos outros e que por isso tinham um grande apreço pelo colégio. Ele completa a frase dizendo que é preciso melhorar a segurança em escolas públicas e em Suzano. Datena reage dizendo que as escolas brasileiras são frágeis e carecem, além da segurança, de professores, carteiras e merenda para funcionarem bem. Antes de encerrar a conversa, o apresentador recapitula os fatos que foram abordados na entrevista e agradece a participação de Rudge.

Ainda no estúdio, Datena começa a tecer comentários sobre a má qualidade do ensino público no país e lembra que na época do ataque à escola no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, em 2011, representantes do poder público reuniram psicólogos e “pessoas entendidas de educação”, nas palavras do apresentador, e disseram que seriam instalados detectores de metal nas escolas e que outras medidas seriam tomadas para melhorar a segurança nas escolas, mas que nada disso foi feito. Nesse momento, Datena faz duras críticas ao ensino público brasileiro e o classifica como uma “porcaria”. O jornalista eleva o tom de voz nesse enquanto continua sua fala. A expressão facial no rosto do comunicador é de aparente indignação. Para Datena, em São Paulo, onde se encontra o maior poder econômico do país, escolas estão rodeadas de traficantes e por vezes estes ameaçam professores caso algum deles tente denunciar. As escolas estão “caindo pelas tabelas”, não tem material, carteira e merenda.

Em seguida o apresentador faz uma comparação dizendo que “se em São Paulo a situação é essa, imagine nos confins do Brasil”. A culpa, segundo o apresentador é dos governantes brasileiros, que “sempre quiseram um povo sem cultura” porque assim seria mais fácil “dominar a boiada”. O apresentador considera que a cultura permite separar “o joio do trigo”. De acordo com Datena, a cultura é dada, enquanto a inteligência já nasce com as pessoas. O povo brasileiro é inteligente, mas não teve meios de exercitar a sua inteligência e por isso elege a cada ano maus representantes políticos, classificados pelo apresentador como “vagabundos”, que não garantem segurança, saúde e educação a quem os elegeu. O momento, para o jornalista, é de refletir as condições que o ensino brasileiro está estabelecido.

Assim que Datena termina a fala descobre a má qualidade do ensino público brasileiro, a equipe do telejornal consegue um contato por chamada em vídeo com o governador do estado de São Paulo, João Dória. A fala do apresentador retoma a reflexão sobre a péssima qualidade do ensino no país. Para basear o seu argumento, ele utiliza o dado de que a Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano, é referência na cidade e ainda assim passou por uma tragédia. Datena chama atenção para a possível motivação para o ataque da dupla de atiradores: o *bullying*. A observação do apresentador aponta o *bullying* como um fator que dificulta a convivência em escolas e que outros agentes como a falta de condições materiais escolares e de preparo de profissionais também corrobora para a situação que deu origem à tragédia de Suzano. O jornalista considera que falta qualidade de ensino, dignidade no tratamento com as crianças, não há preocupação com o *bullying* nas escolas e nem com a questão psicológica dessa população que “é o futuro do Brasil”, segundo o comunicador.

Dória inicia sua fala, com a câmera em plano americano, prestando solidariedade às famílias das vítimas que morreram na tragédia, cinco crianças, duas coordenadoras ensino e o tio de um dos atiradores, e as que estão nos hospitais recebendo acompanhamento médico. Dória classifica o ato como uma atrocidade. O governador tenta fazer uma ressalva dizendo que a escola de Suzano é uma referência no estado de São Paulo. Datena o interrompe dizendo que no seu raciocínio, a Professor Raul Brasil era uma exceção, diferente outras no estado que viviam outra realidade. O apresentador reitera o seu posicionamento de que o ensino no Brasil era uma “porcaria”, que era preciso pensar na educação como um todo, nos alunos que sofrem *bullying*. Como comparação, o apresentador cita mais uma vez os Estados Unidos dizendo que nesse país

tragédias em escolas acontecem com maior frequência e que agora, como governador, Dória teria a tarefa de melhorar as escolas do estado.

O governador retoma a palavra salientando que no 72º dia de governo, estava cumprindo com o seu papel e que um líder que se sujeita a tomar parte em uma candidatura, tem que enfrentar as situações mais difíceis como nos temporais que São Paulo enfrentou no dia anterior e no ataque a escola de Suzano, em que chegou 16 minutos após o contato com a polícia militar. Datena elogia a postura de Dória e pergunta quais eram as últimas informações que o governador, como “maior autoridade do estado”, tinha sobre o caso. No estúdio, a ligação em vídeo com Dória divide espaço com uma gravação de uma câmera da rua que mostra o momento em que alunos pulavam o muro da escola para fugir do ataque. O governador conta que além de receber as informações, foi até o local dos assassinatos e que nunca tinha visto algo tão “chocante”. Para mensurar o tamanho de sua tristeza naquele instante, Dória traça um paralelo com as mortes da mãe e do pai, como sendo os outros episódios em que sentiu uma tristeza maior. Esse depoimento do chefe de estado consegue dar uma dimensão do sensacionalismo que estava inserido na entrevista.

Dória relata ter chegado até a escola junto do secretário de segurança pública, o general João Campos, além do coronel Sales, autoridade da polícia militar, para acompanhar e contribuir nas orientações iniciais para confortar, solidarizar e dar apoio às famílias de todos os vitimados pela dupla. Ele descreve que na oportunidade também tiveram início os trabalhos das polícias civil, científica e militar, nas investigações dos crimes cometidos pelos “homicidas”, como rotula a dupla de atiradores. Por recomendação própria, Dória também cita que no dia seguinte, quinta-feira e na sexta-feira, as escolas públicas municipais e estaduais não teriam aula, em decorrência do clima de consternação que a cidade passava. O governador destaca que Suzano é uma cidade pacífica, não tem histórico de violência ou de casos semelhantes. O chefe de estado ainda pondera que este é o primeiro crime com essas características na história de São Paulo. A única situação parecida, citada por Dória, foi a de um ataque a um cinema, em um Shopping Center, no ano de 1998 e numa catedral em Campinas.

Datena interrompe a fala do governador para exemplificar casos semelhantes no Rio de Janeiro e em Goiânia, também por conta de *bullying*. O apresentador citou como medida preventiva a instalação de detectores de metais nas escolas, para antecipar situações de risco. O caso de Suzano, no entanto, chamou atenção, para o jornalista, pela proporção no número de

mortos. Dória complementa a fala do comunicador dizendo que a ação foi premeditada, segundo as investigações das polícias civil e científica. O governador revela que a maneira como os “homicidas” atuaram, as armas que utilizaram, as munições extras que levavam, os coquetéis molotov e as mochilas simulando explosivos foram característicos de um crime premeditado. Como providências imediatas, o governante cita o decreto que estabeleceu três dias de luto em todo o estado, a determinação às secretarias de segurança pública para que redobrassem a segurança em torno das escolas públicas através de agrupamentos da polícia militar, a recomendação aos prefeitos para que as rondas escolares, de responsabilidade das guardas municipais, fossem reforçadas, que câmeras fossem revisadas para ajudar na elucidação dos fatos, como fatores de segurança e prevenção. A última das orientações mencionadas por Dória foi a recomendação, através da Secretaria da Educação, a todos os professores e gestores de escolas públicas para tirar exemplo do que pode ser feito e melhorado para evitar que fatos como essa tragédia se repita. Enquanto o chefe de estado citava as ações que haviam sido determinadas, ao fundo, na tela dividida, passavam imagens das armas utilizadas no crime, dos corpos das vítimas e dos autores da tragédia, que suicidaram-se após a ação.

Datena faz a ressalva de que esses momentos de reflexão são importantes para examinar os problemas existentes na rede de ensino e pensar em melhorias que possam garantir que os jovens estudantes tenham um futuro, além de não deixar que se esqueça que as crianças que são afetadas pelo ambiente escolar precisam passar por um tratamento psicológico, não só em São Paulo como em todo o país. O fato é retomado mais uma vez pelo apresentador como algo atípico, que até então se via apenas nos Estados Unidos. O apresentador relembra que quando viu os vídeos dos ataques a Escola Estadual Professor Raul Brasil pela primeira vez, sentiu um embrulho no estômago ao ver crianças “jogadas e ensanguentadas” no chão. O jornalista menciona que a chegada da polícia na escola determinou o fim da ação e o suicídio de ambos os atiradores.

Dória confirma a informação do apresentador e acrescenta que a polícia chegou até o local oito minutos após o primeiro contato e descreve as informações que tinha sobre a forma como atuaram a dupla de homicidas. Datena afirma que era muito difícil evitar que a tragédia acontecesse. Ele usa novamente os Estados Unidos como referência em forças de segurança, para dizer que nesse país as autoridades encontram dificuldades para lidar com tal tipo de crime e nivelar o Brasil por baixo, como uma nação que enfrentaria ainda mais problemas numa atuação

preventiva. O apresentador pondera que o reforço em rondas escolares auxilia enquanto medida de precaução e que a tragédia de Suzano pode ser um fato motivador de melhorias no ensino brasileiro. Nesse momento, pela primeira vez na edição, Dória confirma o dado de que ambos os atiradores eram ex-alunos da escola e que, por serem conhecidos dentro da instituição, era ainda mais difícil prever que poderiam realizar qualquer ataque contra funcionários e alunos.

Datena muda o enfoque e pergunta na sequência como estava acontecendo o apoio às famílias das vítimas. Antes de responder, Dória retoma a compreensão de que mais do que a reflexão é preciso ter o espírito crítico, planejar e agir diante de uma situação como a tragédia na escola de Suzano. Ele ressalta que tem consciência de que o ensino precisa melhorar e que um dos seus objetivos como governante é fazer com que São Paulo recupere o posto de liderança no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Dória também enfatiza medidas que visam proteger os professores, os gestores, alunos, garantir ensino e merenda de qualidade a todas as escolas, renovar a pintura e equipamentos tecnológicos dessas instituições, além de preparar os professores para o ensino digital. Antes de encerrar a fala, Dória presta solidariedade novamente aos familiares dos vitimados e repete um discurso empático com o momento delicado que a cidade de Suzano passava naquele dia. Ele reitera que esforços serão feitos para evitar que uma nova tragédia aconteça. Datena agradece as palavras de Dória e governador retribuiu os agradecimentos pela participação na edição.

Entra no ar então uma reportagem que mostra a comunicação feita entre as viaturas policiais quando receberam as primeiras informações sobre o ataque. O som não é muito claro, mas é possível perceber que os oficiais descrevem, ainda que com poucas informações, o que acabara de acontecer na escola Raul Brasil. Na imagem seguinte, o que se vê são os pais de algumas vítimas na porta do hospital mais próximo à escola, o Hospital Santa Maria. A repórter Deborah Lopes narra a cena.

Os familiares se encontravam em desespero, em busca de notícias. Sete estudantes deram entrada no pronto-socorro, dois deles em estado grave. A primeira entrevista feita é com a mãe de uma das vítimas. Ela conta que uma das crianças que tinha fugido da escola a abordou pedindo socorro após ter visto a coordenadora receber os primeiros disparos. O próximo entrevistado foi o cirurgião Ahmad Yossef Saleh que descreveu as regiões onde tinha identificado disparos nos sete pacientes que chegaram ao hospital.

Alguns precisaram ser transferidos de hospital, como a menina Letícia de quinze anos. O pai da garota, Giodasio, relata que a filha estava em choque depois de assistir os colegas sendo mortos. Na cena seguinte, a câmera foca o abraço apertado de uma família que tinha acabado de receber a notícia de que o filho mais novo encontrava-se em estado grave, com um tiro que atravessou o maxilar em direção ao tórax. Quando o microfone é direcionado à mãe do garoto, ela responde com um suspiro: “ele não está bem”.

Lopes entrevista o Marco Antônio, pai de um estudante que estava internado em estado grave no hospital que fica a duas quadras de distância da escola. O filho de Marco Antônio Ramos foi o jovem ferido com um golpe de machadinha no peito. A conversa acontece em frente ao hospital, do lado de fora. O pai contou, após ter conversado com o estudante, que um dos assassinos atirava nos estudantes, enquanto o outro estava com a machadinha e uma faca. Sandra Regina Ramos, mãe do menino identificado como José Vitor, diz que o filho nasceu de novo. Lopes relata que a informação inicial era a de que pelo menos 23 pessoas haviam sido socorridas em hospitais da região, entre feridos e pessoas que passaram mal. Além do hospital de Santa Maria, a Santa Casa de Suzano também recebeu feridos. O hospital Luzia Melo, em Mogi das Cruzes, foi outro a receber vítimas. Os estudantes em estado mais grave foram encaminhados para o hospital Santa Marcelina, em Itaquaquecetuba.

O repórter Lucas Martins conduz a reportagem seguinte, que tem início com as filmagens de estudantes pulando o muro da escola e arrombando um portão dos fundos para fugirem dos tiros. Alguns deles foram acolhidos por moradores da rua. A moradora Julia Gonçalves, relata ter visto os estudantes pulando o muro da escola pela câmera de sua casa e que abriu o portão de imediato. Segundo ela, os alunos estavam “desnorteados”. Marcelo Pinheiro, outro morador, disse ter ouvido mais de dez disparos. Segundo Pinheiro, os jovens corriam e gritavam de medo. As entrevistas são alternadas com imagens dos entrevistados e das câmeras das ruas que flagraram o desespero dos alunos que tentavam fugir. A filmagem das câmeras da rua destaca um morador vestido de vermelho que é policial civil e tentou entrar na escola para descobrir do que se tratava. Quando ele entrou, a polícia militar já estava na escola e os atiradores tinham se suicidado.

Após a reportagem de Martins, Datena conversa com o comandante da polícia militar, Marcelo Salles, sobre a tragédia. Salles compreende que a situação é uma tristeza para Suzano, para São Paulo e para o Brasil. O comandante esclarece que o veículo utilizado no crime, um

Onyx branco, foi locado pelo mais velho da dupla, Luiz Henrique de Castro, três dias antes da tragédia. O veículo era deixado em uma garagem que não foi identificada. Castro guardava malas dentro do carro que, de acordo com Salles, continham as armas e roupas do ataque. O comandante caracterizou o crime com um *modus operandi* em que os assassinos desejam matar o maior número possível de pessoas e efetuam disparos aleatoriamente. O oficial relata que a confirmação dos corpos estava acontecendo junto com as famílias das vítimas. Um perícia também estava sendo realizada junto da reconstituição do crime no local. Salles revela que o ataque poderia ter sido pior do que foi. Ele explica que os atiradores chegaram até o centro de línguas mas não conseguiram entrar em uma sala. Depois dessa tentativa frustrada, eles se suicidaram. Datena afirma então que o ataque foi suicida e tratou-se de uma ação que não era possível ser prevista por órgãos de defesa pública.

O apresentador confirma com o comandante Salles algumas informações que foram obtidas em entrevistas anteriores, como a interrupção do ataque dos atiradores com chegada da polícia militar na escola. Salles detalha que a equipe de força tática foi chamada inicialmente após a morte da primeira vítima: o tio de Tauci. Só então que a polícia se dirigiu para o colégio. Enquanto o comandante repassa as informações, ao fundo, são mostradas as imagens de estudantes deixando a escola pelo portão da frente. Depois de reconstituir alguns dos fatos que antecederam a tragédia, Datena agradeceu as informações do comandante Salles e encerrou a chamada.

A equipe de produção do telejornal consegue na sequência um link com o repórter Lucas Martins, que está em frente ao hospital onde estava o jovem José Vitor Ramos Lemos, que foi ferido com um golpe de machadinha. Na ocasião, a mãe do rapaz, Sandra Regina, é entrevistada. Datena inicia a entrevista com Sandra mencionando a conversa que teve anteriormente com o irmão dela, o Rudge. O apresentador pergunta onde exatamente foi o local onde o jovem levou o golpe. Sandra responde ter sido entre o pescoço e o ombro e que o filho tomou a rápida decisão de correr diretamente para o hospital. Datena comemora o fato de o golpe não ter atingido a veia jugular, caso contrário o menino não teria saído vivo e pergunta qual era o seu estado de saúde. Sandra relata que psicologicamente o adolescente estava abalado. “Ele me disse que foi uma cena de guerra, que perdeu amigos e professores”, contou. À mãe, o jovem comparou a ação da dupla de assassinos com atentados semelhantes que aconteceram em escolas nos Estados Unidos.

O apresentador pergunta então se o filho conhecia o autor do crime. Sandra revela que Guilherme Tauci morava há duas ruas de sua casa e que a família do rapaz era problemática: a mãe, era usuária de drogas e a avó tinha falecido há pouco tempo. Para a mãe, a ação foi inesperada. Datena indaga se José Vitor foi até o hospital com a machadinha cravada no ombro. Sandra respondeu afirmativamente e disse que o filho foi forte por ter aguentado a dor durante o caminho até o hospital. De acordo com a mãe, o depoimento do filho descreveu que a ação dos assassinos tinha o intuito de vitimar o máximo de pessoas possível e que os golpes “eram para matar”.

Em dado momento da entrevista, Datena anuncia ter recebido os vídeos do ataque com exclusividade e que a equipe do telejornal estava fazendo o tratamento das imagens, já que o conteúdo era pesado. Sandra conta que até receber informações de que o filho estava bem, a sensação era de desespero e que, inicialmente, achava que o José Vitor, por ser jogador de basquete, tinha apenas torcido o pé, quando recebeu uma ligação do hospital. No caminho até a escola, ela menciona ter visto helicópteros sobrevoarem a escola, o que a levou a crer que não se tratava de algo tão simples e que o filho poderia estar morto em decorrência de algum evento extremo. Sandra desabafa, em alívio, que o filho nasceu outra vez após a tragédia, que ele estava bem e que “o maior problema” seria psicológico.

O jornalista complementa a fala da entrevistada, dizendo que seria difícil esquecer as cenas de terror. A mãe do menino disse que o momento era de amenizar a dor. No diálogo, Datena cita a conversa que teve com João Dória, dizendo que o estado deveria prestar tratamento psicológico aos vitimados. Com a imagem focada no rosto de Sandra em plano fechado, a mãe intervém, dizendo que o estado promete muitas coisas e que nada cumpre. A fala é de insatisfação e pessimismo. Ela avalia ser mais provável conseguir apoio através de um convênio médico do que pelo serviço público e que, levando em consideração o que aconteceu em outros casos de ataque a escolas, em poucos dias a tragédia entraria em esquecimento. Datena manifesta-se em acordo com Sandra com o discurso de que, na imprensa, “a tragédia de amanhã, supera a de hoje”. Para o apresentador, os eventos se sucedem e não acontece uma discussão sobre o âmago da questão. O jornalista agradece então a participação da entrevistada, presta solidariedade ao filho e à família e encerra o contato.

Logo após a conversa com Sandra, Datena começa a falar com exclusividade sobre as primeiras imagens disponibilizadas das cenas do ataque feito na Escola Estadual Professor Raul

Brasil. Antes de soltar o vídeo, o apresentador caracteriza o ato como um “ataque insano”. Na imagem da gravação de uma câmera do circuito interno do colégio, o primeiro atirador entra. Ao que indicam as filmagens, trata-se de Guilherme Tauci. Na secretaria, ele dispara os primeiros tiros. Datena classifica o ato como “a sangue frio”. Os primeiros tiros deixam três mortos no hall de entrada da secretaria. Alguns alunos conseguem fugir e vão em direção ao pátio. Tauci segue o caminho dos estudantes que fugiram e parece recarregar a arma. Em seguida entra o segundo assassino, possivelmente Luiz Henrique de Castro. Ele parece carregar a besta com as flechas, junto com uma mochila. Deixa a mochila e o artefato no chão. Saca o machado da mochila e desfere golpes nos corpos abatidos das vítimas que já estavam deitadas no chão, como quem pretende se certificar da morte dessas pessoas.

Na filmagem, assim que Castro termina de desferir os golpes nas vítimas que estão no chão, uma garota entra correndo pela porta do pátio. Ele tenta lutar com a menina e a agarra pela blusa de frio, dá socos na cabeça, tenta segurá-la, mas sem sucesso. A garota se solta e abre a porta para fugir. Em seguida, uma multidão de alunos faz o mesmo caminho, passam pela porta do pátio e vão em direção à porta de saída da secretaria. Castro vai em direção à mochila, tenta pegar armas para continuar golpeando as pessoas que passam. Na ação, as imagens indicam que o assassino consegue atingir alguns alunos com golpes de machado. Ao que sugerem as imagens, Castro desfere mais um golpe de machado em um rapaz que consegue fugir, mas leva o objeto cravado junto ao corpo. Após ter tentado lutar com alguns dos estudantes que fugiram correndo, Castro vai em direção ao pátio, para encontrar Tauci. As câmeras não mostram mais movimentos dos dois assassinos, no entanto, continuam registrando a fuga de mais alguns estudantes.

Datena leva as mãos ao rosto e desabafa: “Momentos de terror! São cenas terríveis”. O apresentador ainda repete as cenas por mais três vezes. O jornalista qualifica os instantes das imagens como “momentos de insanidade”. Quando a filmagem é congelada sobre a imagem de Castro tentando atingir mais pessoas, Datena o chama de “canalha”. Em meio a gritos como “que coisa impressionante” e “eu nunca vi uma cena tão covarde quanto essa”, o apresentador manifesta a sua indignação e chama os autores da tragédia de psicopatas. O jornalista reitera que se Castro tivesse mais um revólver, provavelmente o número de mortos seria maior. A imagem termina com Datena em choque no estúdio do Brasil Urgente.

O apresentador ainda discute a forma como a tragédia aconteceu e define as cenas que mostram a dupla invadindo e matando estudantes e funcionários da escola como “de cortar o coração”. No estúdio, chega a informação de que o repórter Marcelo Moreira estava com um caderno de anotações de Guilherme Tauci, o autor dos disparos. O apresentador pede ao repórter que comece a folhear esse caderno. O cinegrafista se aproxima da primeira página que começa a ser lida por Moreira. Nela estão escritas táticas de um jogo, algo que, a princípio não revela qualquer relação com o crime realizado na escola. O diálogo entre Moreira e Datena, no entanto, tenta conduzir o telespectador a acreditar que as táticas descritas no papel pudessem ter algo a ver com a tragédia.

Com todas as informações possíveis coletadas sobre a tragédia de Suzano, uma reportagem feita pelo repórter Marcelo Moreira reúne alguns dos principais detalhes sobre a premeditação do ataque. Segundo o material de Moreira, as investigações da polícia indicaram que o crime começou a ser planejado nas últimas duas semanas quando Guilherme Tauci, um dos atiradores, comprou um revólver calibre trinta e oito com numeração raspada. Luiz Henrique de Castro alugou o carro, um Onyx branco, três dias antes da ação. Tauci teria sido o mentor do plano para executar funcionários e alunos da escola no horário do intervalo. Ao fundo são passadas imagens gravadas por uma câmera que mostram a correria e os gritos dos estudantes que tentavam fugir. Essa cena é repetida por três vezes durante a reportagem.

Moreira acrescenta na reportagem a entrevista feita com a mãe de Tauci, Tatiana Tauci, que teria apontado o bullying sofrido pelo filho no período em que estudou na escola por conta da grande quantidade de espinhas no rosto, como uma das motivações para a realização do atentado. A investigação não tinha conseguido até aquele momento indicar os motivos da participação de Luis Henrique de Castro. Os dois rapazes, que não tinham passagem pela polícia, eram vizinhos e se conheciam desde a infância. O repórter retoma as informações de que a dupla estava armada com o revólver 38, carregadores de munição, uma machadinha, um arco e flecha e garrafas com combustível. Os dois entraram na escola mascarados por volta das nove e meia da manhã e começaram a executar o plano. Ao que parece, os tiros foram dados aleatoriamente. Cinco crianças morreram na hora, além de uma funcionária. Os assassinos se mataram em seguida. Outras duas pessoas morreram no hospital durante a manhã, enquanto dez ficaram internadas. A reportagem mostra cenas de familiares em estado de consternação na porta do hospital.

De acordo com Moreira, os dois criminosos teriam passado na concessionária do tio de Tauci, Jorge Antônio de Moraes, antes de chegarem à escola. No local, o sobrinho de Moraes disparou três vezes à queima roupa contra do tio. Nesse momento, Moreira chama Tauci de “pistoleiro”. A motivação para esse assassinato seria a raiva que o garoto tinha do tio. Uma parente de Moraes é entrevistada brevemente e confirma o sentimento rancoroso de Tauci pelo tio em decorrência de desentendimentos familiares. A polícia realizou buscas nas casas dos atiradores e apreendeu celulares, computadores e anotações para a perícia investigar o passo a passo da tragédia.

Depois de ter identificado os autores do crime, a equipe jornalística do programa consegue encontrar a mãe de Guilherme Tauci, Tatiana Tauci. O repórter encarregado de entrevistá-la, Marcelo Moreira, inicia então uma jornada atrás dessa mãe para obter informações sobre as motivações do ato. Enquanto tenta fazer algumas perguntas, Moreira a segue por uma calçada em frente a um supermercado. Ela caminha em passo acelerado, tentando evitar o repórter e a câmera. Ambos os profissionais, por sua vez, tentam acompanhá-la e também aceleram o passo. “Ele tinha motivos para fazer isso?”, perguntou o repórter. “Não. Não tinha nenhum”, responde Tatiana. “Era um bom filho?”, retrucou Moreira. “Ótimo”, responde a mãe em tom seco. “Tiravam sarro dele?”, engatilhou outra pergunta. Tatiana, envergonhada da aproximação da câmera sobre o seu rosto, põe a mão sobre a face e tenta escondê-la virando a cabeça. “É importante você falar para defender a honra da sua família”, acrescentou Moreira. “Eu não quero responder nada”, rebateu Tauci. “Tiravam sarro dele na escola?”, perguntou novamente Moreira. “Não sei de nada”, ela disse. “Você se sente culpada de alguma forma, Tatiana?”, indagou o repórter. “Não me sinto culpada de nada”, replicou com pressa. “Não sei porque ele fez isso, estou querendo saber também”, completou Tauci. “Você falou com ele ontem?”, insistiu Moreira. “Não falei com ele, não sei porque ele fez isso. Estou querendo saber e vou descobrir agora quando chegar em casa e falar com meu pai”, respondeu Tauci, impaciente diante da persistência do repórter. “Seu pai morava com ele”, afirmou o repórter. “Então!”, respondeu a mãe. “Ele jogava vídeo game até tarde e dizia que iria matar...”, afirmou Moreira como quem espera uma resposta imediata. “Isso era ele brincando com o computador. É coisa de criança, ele era uma criança”, tentou explicar. “Mas ele sofria gozações na escola por causa das espinhas? Pode ser a motivação?”, questionou. “Bullying, que chama, né?”, respondeu Tatiana. “Ele comentou com você do bullying?”, e soltou outra pergunta. “Ele parou de estudar, só isso!”,

revelou a mãe. “Por que ele parou?”. “Por causa disso!”. “Foi muito estranho, não é?”, indagou Moreira. “Também acho”, concordou Tauci. “E o que você vai fazer daqui pra frente?”, perguntou Moreira. “Eu não sei, estou falando, gente”, desabafa. “Se você quiser eu não mostro seu rosto” negocia o repórter. “Eu já falei que não sei”, repete a mãe. “O Guilherme comentou com você que queria comprar uma arma?”, continuou Moreira. “Que arma? Eu não sabia disso também”, confessou Tauci. “Ele estava revoltado com tudo isso?”, indagou outra vez. “Nunca falou nada”, relatou Tauci. “Como é que você soube?”, perguntou o repórter. “Hoje, agora a pouco”, afirmou. “Para você foi uma surpresa?”, continuou. “Eu vi na televisão também, gente. Foi!”, impaciente. “E qual é o seu sentimento agora?”, persistiu o repórter. “Não quero falar disso”. “Você quer alguma ajuda, Tatiana? Vamos conversar um minutinho”, tentou novamente. “Não quero nada. Quero paz”, disparou. “E qual a lembrança que fica do Guilherme?”, questionou. “Meu filho era uma criança tranquila, só isso”. “É uma criança ainda para você?”, refutou Moreira. “Ele é uma criança. Só tem 17 anos, para mim é uma criança”, argumentou Tauci. “Isso poderia ter sido evitado de que forma?”, insistiu. “Aí eu já não sei. Tem que perguntar isso é para ele, não é para mim”, desabafou. “Você poderia ter evitado? Conversado com ele?”, perguntou. “Ele era um moleque muito tranquilo. O porquê de ele ter feito isso eu não sei”, esclarece a mãe do rapaz. “Ele chegou a falar para você que iria matar?”, e aproxima a câmera do rosto de Tatiana, mais uma vez. “Tira a câmera, por favor. Não, não falava nada. Não matava ninguém. Meu filho era uma criança. Ficava jogando videogame, deixa ele”, respondeu Tauci. “E o que você diz para essas famílias?”. “Sinto muito, não posso fazer nada, gente. Vou fazer o quê? Não sei o que aconteceu com meu filho. Me desculpa”, finalizou a Tatiana.

O programa continua com mais alguns links e reportagens feitas com estudantes, familiares e moradores que contam as suas versões de acordo com o que vivenciaram. As histórias vão se juntando como em um quebra-cabeça, o que ajuda a entender os passos de Guilherme Tauci e Luis Henrique de Castro. A repórter Letícia Gil inicia uma reportagem com a imagem de ambulâncias e viaturas se dirigindo em alta velocidade para a Escola Estadual Professor Raul Brasil. Após a passagem das imagens dos veículos, Gil aparece em frente a uma ambulância, na mesma rua que leva até o colégio. A repórter narra a movimentação de viaturas da polícia militar e do corpo de bombeiros em frente ao prédio do colégio. Ela descreve o ataque de forma mais detalhada, dizendo que crianças foram baleadas dentro de uma escola. A primeira imagem captada pela câmera assim que Gil chega até o portão de entrada da escola é o de uma

mãe aos prantos em um telefone celular. A repórter deduz que essa mãe esteja procurando pelo filho.

Após a contextualização sobre o acontecimento, as próximas imagens são filmagens de dentro da escola, feitas por um celular, que mostram os corpos das vítimas no chão, borrados com um efeito especial. Gil descreve que cinco alunos e dois funcionários da escola morreram no ataque, os autores se mataram na sequência. Antes de terem chegado ao colégio, a dupla passou em uma concessionária de carros e matou um homem que não resistiu aos ferimentos, era Jorge Antonio de Moraes, tio de Guilherme Tauci. A repórter descreve também o momento em que o carro utilizado pelos criminosos chega até o portão de entrada da escola. O rapaz que estava no banco do carona foi o primeiro a descer. As imagens que são mostradas alguns segundos depois, são dos estudantes fugindo pelo mesmo portão de entrada. Outro vídeo mostra o rastro deixado pelos atiradores da secretaria até o pátio. Gil descreve os armamentos utilizados: um revólver e uma besta. O comandante geral da polícia militar de São Paulo, o Coronel Salles e o governador do estado, João Dória, foram até a escola. Em uma coletiva, Salles também descreveu passo a passo as informações que tinham sido descobertas por investigação.

No estúdio do Brasil Urgente, Datena passa a palavra novamente para Letícia Gil. A repórter estava no colégio e iniciou uma conversa com uma estudante de dezessete anos, que contou o que viu nos momentos durante o ataque. Sentada na biblioteca, a jovem relatou ter visto um dos atiradores entrar pela porta principal da secretaria. Quando ouviu os primeiros tiros, ela conta que junto com outros alunos fechou as portas do lugar, ficou em silêncio para que os atiradores não percebessem que estavam ali e se deitou no chão enquanto acontecia a ação. Depois disso não viu mais nada. Quando perguntada pela repórter sobre a quantidade de pessoas que estavam com ela, a estudante relatou que haviam ao menos quinze pessoas na sala. Da biblioteca, de acordo com a garota, o que se ouvia eram gritos, tiros e a correria dos estudantes que tentavam fugir. A estudante contou que o intervalo tinha acabado de começar e a maioria dos estudantes encontrava-se no pátio da escola. Ao fim do ataque, quando puderam sair da biblioteca com a ajuda de policiais, a jovem relatou ter visto três pessoas mortas na entrada da secretaria, sem saber identificar quem eram. Segundo ela, do instante em que os atiradores chegaram na escola ao momento da chegada da polícia, houve um certo intervalo de tempo, cerca de dez a quinze minutos. Da biblioteca, tentou ligar para o número policial, mas não conseguiu. Questionada se ainda houvessem mais disparos após a chegada da polícia, a estudante confirma

que sim, mas que não soube identificar se eram dos criminosos ou de policiais. A única coisa que passava por sua cabeça era tentar ligar para seus pais. A “sorte” de todos, relata a garota, foi a dupla não ter entrado na biblioteca. Ao fim da entrevista, a jovem desabafou que o maior medo naqueles instantes era o da morte.

Uma reportagem feita pela mesma Letícia Gil entra a seguir. Agora a repórter fala com uma estudante que estava em um ponto de ônibus e tinha acabado de sair correndo do colégio onde ocorreu a tragédia. A menina conta que, de repente, os alunos ouviram um barulho, todos começaram a correr. Um aluno, descrito pela garota com uma vestimenta toda preta, começa a atirar. A jovem revela que ele fazia francês com ela. Tratava-se de um dos assassinos que acabara de iniciar o ataque. Visivelmente em estado de choque e com a voz trêmula, a garota diz: “Ele apontou a arma para mim mas não sei o que aconteceu, ele saiu correndo para outro lado e nós conseguimos arrombar o vidro da escola e sair correndo. E aí a gente saiu”. Assim que termina a fala, a estudante suspira fundo. Aparentava sentir falta de ar.

A mesma reportagem entrevista outra garota que estava na rua em frente a escola, ao lado da mãe. A menina conta que os rapazes chegaram e já começaram a atirar em todo mundo. “Foi horrível!”, desabafa em meio ao choro. A mãe da jovem diz em voz baixa: “Vamos, vem. Ela está passando mal, moço”. O repórter, Lucas Martins, pergunta se ela conhecia os atiradores e se estava dentro da sala de aula. A estudante responde que não conhecia ninguém e que estava na sala de aula quando ouviu o primeiro tiro, foi o que despertou o desespero de todos os alunos. Os assassinos encontravam-se no pátio da escola. Mais uma entrevista acontece, dessa vez com outra garota, que tem 13 anos e cursa o nono ano. Martins, pergunta à jovem quem são as vítimas que faleceram. A menina responde: “A Marilene, a coordenadora e uma inspetora que se chama Eliana, foi o que eu vi”. Martins questiona se ela conhecia mais alguém. A resposta é negativa. “A tristeza é muito grande, né?”, indaga o repórter. “Sim, a ‘dona Mari’ era a melhor coordenadora que tinha nessa escola e essa inspetora também. Gostava muito delas”, finaliza.

A próxima entrevista, feita pelo mesmo repórter, Martins, conversa com uma estudante de dezessete anos. Ele pergunta se ela estava na escola no momento dos tiros e como foi a situação. Ela confirma e descreve ter sentido desespero. A garota estava na biblioteca, viu a entrada de um dos rapazes e o primeiro tiro sendo desferido. A reação foi fechar a porta do cômodo e se abaixar em busca de proteção. Lucas questiona então o que a jovem viu assim que saiu da biblioteca. “Gente morta, caída no chão. Quem estava na secretaria no momento”, ela responde. “Você tem

ideia de quantas pessoas viu?”, encadeou mais uma pergunta. “Umas três pessoas”, revela. A última pergunta do repórter desejava saber se a garota conhecia algum dos atiradores e se viu quem eram. A menina diz que não, os rostos deles estavam tapados por capuzes.

Ainda na busca por testemunhas do ataque, a reportagem seguinte, também feita por Martins, conversa com um jovem de quatorze anos que estava dentro da escola quando a ação começou. O rapaz estava junto com os amigos próximo a um laboratório. Ouviu os primeiros disparos e achou que fossem bombas de um trote recreativo. Quando viu que pessoas começaram a correr, desesperou-se e tentou fugir junto. Sem saber para onde correr, seguiu alguns colegas que se dirigiam para o portão dos fundos, do zelador. Nesse momento, os estudantes pularam o muro, de cerca de quatro metros de altura para salvarem-se. “Eu sai correndo e pedia para o nosso senhor Jesus Cristo nos cobrir com o teu sangue”, contou o garoto. A produção do telejornal reproduz as imagens dos alunos pulando o muro enquanto o estudante presta seu depoimento. Datena pede ao repórter para perguntá-lo se ele viu alguém morto. O garoto diz que não. “Foi desesperador, uma tragédia”, complementou o estudante.

A mãe do garoto, Tauany, também é convidada para a entrevista. Ambos estão sendo filmados de costas para a câmera. O repórter explica a Datena que Tauany estava na porta da escola e viu quando um dos alunos saiu do colégio com um machado cravado no peito. “Na hora eu não sabia o que tava acontecendo, teve muito tiro e um monte de criança saindo, gente ensanguentada. Não sei como um menino conseguiu sair andando com um tiro na barriga”, revela. A mãe ainda disse que ficou desesperada em não saber onde o filho se encontrava. Quando retornou para casa, encontrou o filho que também a procurava.

O telejornal se aproxima do fim, mas antes Datena chama o que seria a última reportagem do dia sobre a tragédia. Nela, o repórter Marcelo Moreira traz o levantamento de que a polícia civil estava investigando como os atiradores tiveram acesso às armas utilizadas na tragédia da escola em Suzano. Ao longo da matéria, são retomadas as informações sobre o horário de início do ataque, o número de vitimados, a tentativa de fuga de vários estudantes no momento do ataque e o suicídio dos autores dentro da escola após a chegada da polícia.

Também são lembrados outros casos semelhantes ao ataque em Suzano que aconteceram no Brasil. O primeiro deles é o massacre do bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, que aconteceu em onze de abril de 2011. O autor do crime, Welinton Menezes de Oliveira, de vinte e três anos, matou doze pessoas na Escola Municipal Tácio da Silveira. Em abril de 2012,

outro caso de um adolescente dezesseis anos que atirou em outras três alunas de uma escola na região metropolitana de João Pessoa, Paraíba, também foi mencionado. O objetivo do rapaz era acertar uma adolescente de quinze anos com quem tinha discutido por duas vezes. O último caso citado, aconteceu em outubro de 2017, quando um adolescente de quatorze anos matou dois colegas e feriu outros quatro em Goiânia. O jovem utilizou uma pistola que era dos pais, policiais militares. Segundo a polícia civil, o adolescente confessou os crimes porque sofria *bullying* na escola. Assim, Datena encerra o programa agradecendo a audiência e frisando que a programação da TV Bandeirantes continuará atualizando o telespectador caso surjam novas informações.

Considerando todo o conteúdo descrito do segundo dia de análise do telejornal Brasil Urgente, foi possível identificar uma grande quantidade de elementos sensacionalistas na maneira como o programa é conduzido, nas palavras dos entrevistados, da equipe de jornalismo e principalmente nas palavras do próprio Datena. A forma como o jornalista apresenta o programa, coletando as falas de parentes, moradores e autoridades de órgãos públicos pode fazer com que o telespectador se perca em meio a tantas informações. Enquanto observador, pude notar que a todo momento o telespectador que assiste ao Brasil Urgente é bombardeado com informações que são muitas vezes repetitivas e levam a um cansaço no raciocínio. Depois que uma informação é transmitida pela primeira vez, tomando como exemplo as armas que foram utilizadas na tragédia, a impressão que ficou é a de que tanto o apresentador quanto os repórteres que estão in loco, reproduziram as mesmas discussões, giraram em torno de um mesmo assunto e, na ausência de algo que acrescente conteúdo, insistiram em aspectos dramáticos que fazem com que o telespectador fique diante da tela para ter certeza de que não perderá nada e que a história poderá ter um final feliz.

Os dados oficiais que são passados durante todo o programa sobre os autores do crime, a maneira como agiram, as armas que utilizaram, o número de mortos e vitimados, o estado de saúde dos alunos que estavam no hospital, se confundem diante da quantidade de pessoas que, apesar de terem alguma experiência dentro do acontecimento, não representam órgãos públicos e mesmo assim emitem opiniões, a partir do que questionam repórteres e apresentador, que não passam por qualquer filtro dentro do telejornal. A impressão que fica é a de que o jornalismo se perde em meio ao sensacionalismo. O sentido de informar se contamina pela grande quantidade de sentimentos e sensações que são transmitidos junto da informação.

Observando aspectos mais específicos da cobertura feita pelo Brasil Urgente, percebeu-se que os autores do crime, Guilherme Tauci Monteiro e Luiz Enrique de Castro, foram qualificados como atiradores, psicopatas, assassinos, pistoleiros e homicidas. As pessoas que foram mortas ou feridas pelo ataque são identificadas como jovens, estudantes, alunos, funcionários e vítimas. Os familiares são referenciados pelo parentesco que tinham com cada pessoa. A Escola Estadual Professor Raul Brasil é chamada de escola, colégio ou instituição. Outros participantes que deram depoimentos durante a cobertura são moradores ou vizinhos da escola. A grande maioria dos estudantes entrevistados tem menos de dezoito anos e por isso não tiveram seu nome ou rosto identificados. Aqueles que estavam acompanhados dos pais puderam ter seus nomes revelados, como o jovem ferido com um golpe de machado, José Vitor Ramos Lemos.

Dentre os vários links, entrevistas e reportagens exibidos neste dia, foram selecionados para transcrição o trecho em que a mãe de Guilherme Tauci é entrevistada pelo repórter Marcelo Moreira e um fragmento da conversa de Datena com a mãe de José Vitor, Sandra Regina. A escolha desses trechos foi intencional e tem por objetivo analisar e identificar aspectos de sensacionalismo ou de humanização presentes na cobertura.

Vídeo 4 - Mãe de atirador diz não saber o que motivou atitude do filho

Programa: Brasil Urgente

Exibição: 13/03/2019

VÍDEO	TEC	ÁUDIO
A equipe de jornalismo do jornal Brasil Urgente encontra Tatiana Tauci, mãe de Guilherme Monteiro Tauci, um dos atiradores na tragédia na escola de Suzano. O repórter Marcelo Moreira começa então a segui-la e fazer algumas perguntas enquanto Tatiana tenta continuar o seu caminho. Na imagem, ao que parece, o	VIVO	MARCELO MOREIRA: POR QUÊ O GUILHERME FEZ ISSO? (0'00" - 0'01") TATIANA: NÃO SEI. TAMBÉM ESTOU QUERENDO SABER. (0'01" - 0'02") MARCELO MOREIRA: ELE TINHA

repórter e a entrevistada andam na calçada de um supermercado. Tatiana tenta se esquivar e tapar o rosto diante da aproximação do microfone do repórter e da câmera.		MOTIVO PARA FAZER ISSO? (0'03" - 0'04") TATIANA: NÃO. NÃO TINHA NENHUM. (0'04" - 0'05") MARCELO MOREIRA: ELE ERA UM BOM FILHO? (0'05" - 0'06") TATIANA: ÓTIMO! (0'06" - 0'07") MARCELO MOREIRA: TIRAVAM SARRO DELE? É IMPORTANTE VOCÊ FALAR PARA DEFENDER A HONRA DA SUA FAMÍLIA! (0'08" - 0'12") TATIANA: EU NÃO VOU DEFENDER NADA! (0'12" - 0'13") MARCELO MOREIRA: TIRAVAM SARRO DELE NA ESCOLA? (0'14" - 0'15") TATIANA: NÃO SEI DE NADA! (0'15" - 0'17") MARCELO MOREIRA: VOCÊ SE SENTE CULPADA DE ALGUMA FORMA, TATIANA? (0'18" - 0'20") TATIANA: NÃO ME SINTO CULPADA. EU NÃO SEI PORQUE ELE FEZ ISSO, ESTOU QUERENDO SABER TAMBÉM. (0'20" - 0'23")
--	--	--

		MARCELO MOREIRA: VOCÊ FALOU COM ELE ONTEM? (0'24" - 0'25") TATIANA: NÃO FALEI COM ELE. EU NÃO SEI O PORQUÊ, ESTOU QUERENDO SABER ATÉ AGORA. VOU DESCOBRIR QUANDO CHEGAR NA MINHA CASA E FALAR COM O MEU PAI. (0'25" - 0'30") MARCELO MOREIRA: O SEU PAI MORAVA COM ELE. (0'30" - 0'31") TATIANA: ENTÃO, POR ISSO EU VOU LÁ. (0'31" - 0'33") MARCELO MOREIRA: ELE FICAVA JOGANDO VIDEO GAME ATÉ TARDE E DIZIA QUE IA MATAR... (0'34" - 0'36") TATIANA: NÃO. ISSO ERA ELE BRINCANDO COM O COMPUTADOR. É COISA DE CRIANÇA. ELE ERA UMA CRIANÇA, GENTE. (0'37" - 0'41") MARCELO MOREIRA: MAS ELE SOFRIA GOZAÇÃO NA ESCOLA POR CAUSA DAS ESPINHAS? PODE SER A MOTIVAÇÃO, TATI? (0'42" - 0'47") TATIANA: BULLYING, NÉ, QUE
--	--	--

		CHAMA. (0'48" - 0'49") MARCELO MOREIRA: ELE COMENTOU COM VOCÊ SOBRE O BULLYING? (0'49" - 0'50") TATIANA: ELE PAROU DE ESTUDAR. SÓ ISSO. (0'50" - 0'52") MARCELO MOREIRA: POR QUÊ ELE PAROU? (0'52" - 0'53") TATIANA: POR CAUSA DISSO. (0'53" - 0'54") MARCELO MOREIRA: FOI MUITO ESTRANHO ISSO, NÃO É? (0'55 - 1'00") TATIANA: TAMBÉM ACHO. (1'00" - 1'01") MARCELO MOREIRA: O QUE VOCÊ VAI FAZER DAQUI PRA FRENTE? (1'02" - 1'03") TATIANA: NÃO SEI. EU TÔ FALANDO, GENTE. (1'05") MARCELO MOREIRA: SE VOCÊ QUISER EU NÃO MOSTRO SEU ROSTO. (1'05" - 1'06") TATIANA: EU JÁ FALEI QUE NÃO SEI. (1'06" - 1'08")
--	--	---

		MARCELO MOREIRA: O GUILHERME COMENTOU COM VOCÊ QUE QUERIA COMPRAR UMA ARMA? (1'08" - 1'11") TATIANA: QUE ARMA? EU NÃO SABIA DISSO TAMBÉM (1'11" - 1'13") MARCELO MOREIRA: ELE FALOU QUE ESTAVA REVOLTADO COM TUDO ISSO? (1'14" - 1'17") TATIANA: NÃO. NÃO FALOU NADA. (1'17" - 1'18") MARCELO MOREIRA: E COMO É QUE VOCÊ SOUBE? (1'19" - 1'21") TATIANA: HOJE, AGORA A POUCO. (1'21" - 1'22") MARCELO MOREIRA: PARA VOCÊ FOI UMA SURPRESA? (1'22" - 1'23") TATIANA: EU VI NA TELEVISÃO TAMBÉM, GENTE. FOI. (1'23" - 1'26") MARCELO MOREIRA: E QUAL É O SENTIMENTO AGORA? (1'26" - 1'29") TATIANA: NÃO QUERO FALAR SOBRE ISSO. (1'29" - 1'31") MARCELO MOREIRA: VOCÊ QUER AJUDA, TATIANA? VAMOS
--	--	---

		CONVERSAR UM POUQUINHO (1'31" - 1'37") TATIANA: NÃO. NÃO QUERO NADA. QUERO PAZ (1'37" - 1'39") MARCELO MOREIRA: E QUAL A LEMBRANÇA QUE FICA DO GUILHERME? (1'39" - 1'40") TATIANA: MEU FILHO ERA UMA CRIANÇA TRANQUILA. SÓ ISSO. (1'41" - 1'43") MARCELO MOREIRA: ERA UMA CRIANÇA AINDA PARA VOCÊ? (1'44" - 1'45") TATIANA: ELE É UMA CRIANÇA. SÓ TEM DEZESSETE ANOS. PARA MIM É UMA CRIANÇA. (1'46 - 1'49") MARCELO MOREIRA: ISSO PODERIA TER SIDO EVITADO DE QUE FORMA? (1'49" - 1'51") TATIANA: AI EU JÁ NÃO SEI. TEM QUE PERGUNTAR ISSO É PRA ELE, NÃO É PRA MIM. (1'52" - 1'54") MARCELO MOREIRA: VOCÊ PODERIA TER EVITADO, CONVERSADO COM ELE? (1'55" - 1'57")
--	--	---

Nesse momento a câmera se aproxima mais uma vez do rosto de Tatiana. Desconfortável com a situação ela recua e coloca a mão sobre o rosto. A entrevista é concluída quando Tatiana responde a última pergunta e segue caminhando. Repórter e câmera deixam então de segui-la.	TATIANA: ELE ERA UM MOLEQUE MUITO TRANQUILO. O PORQUÊ DE ELE TER FEITO ISSO EU NÃO SEI. TÔ QUERENDO DESCOBRIR AGORA. (1'58" - 2'01") MARCELO MOREIRA: O QUE ELE FALAVA PARA VOCÊ? CHEGOU A FALAR PARA VOCÊ QUE IA MATAR? (2'02" - 2'06") TATIANA: TIRA A CÂMERA, POR FAVOR. NÃO, NÃO FALAVA NADA. MEU FILHO NÃO MATAVA NINGUÉM, ELE ERA UMA CRIANÇA, GENTE. SÓ FICAVA JOGANDO VIDEO GAME. DEIXA ELE (2'07" - 2'13") MARCELO MOREIRA: O QUE VOCÊ DIZ PARA ESSAS FAMÍLIAS? (2'14" - 2'20") TATIANA: SINTO MUITO, NÃO POSSO FAZER NADA, GENTE. VOU FAZER O QUÊ? NÃO SEI O QUE ACONTECEU COM MEU FILHO. ME DESCULPA. (2'20" - 2'25")
---	---

A análise desse trecho mostra como o repórter Marcelo Moreira não demonstra sensibilidade com o momento delicado que Tatiana Tauci passava. A mãe de Guilherme Tauci demonstrava nervosismo e visível irritação diante de uma situação de desconforto. Em 0'09", Tatiana tenta tapar o rosto, mas o câmera não a respeitou e continuou a filmá-la. Ela não parecia estar a vontade para dar qualquer tipo de entrevista naquele instante. Moreira não pareceu se importar com isso e iniciou uma perseguição, junto do câmera, para continuar fazendo questionamentos sobre o filho de Tatiana.

Muitas dessas perguntas eram incisivas e algumas delas tinham o objetivo de arrancar algum detalhe que não tinha sido mencionado nas respostas de Tatiana. No início o repórter chega a dizer que Tatiana tinha de responder para “defender a honra da família”, algo que remete a um pensamento conservador que não condiz com os tempos atuais. Tatiana não tinha que defender a honra de ninguém, merecia apenas ser respeitada no momento de luto. Moreira parecia ter conhecimento de algumas informações pessoais da entrevistada previamente, como por exemplo o *bullying* que Guilherme sofria na escola e o fato de o adolescente morar com o avô. O repórter usa desses dados para insistir com indagações que não respeitavam o luto de Tatiana e até sugeriam que ela devesse se sentir culpada.

Figura 7 - Tatiana Taucchi tenta tapar o rosto em entrevista ao repórter Marcelo Moreira



Fonte: Brasil Urgente (2019)

Em determinado momento, o jornalista faz uma afirmação como quem espera que Tatiana esboce alguma reação: “Ele jogava videogame até tarde e falava que iria matar...”, disse o repórter. Mas a mãe, numa tentativa de defender o filho, diz que era um comportamento de criança e que eles estavam apenas brincando enquanto jogava. Em outro momento, ele pergunta a Tatiana se ela se sentia culpada e pergunta o que ela poderia ter feito para evitar a situação. A mãe do rapaz responde que não sentia culpa por nada e que estava tentando saber o que tinha acontecido. O momento final da entrevista que levantou mais uma reflexão, foi a última pergunta que Moreira faz a Tatiana, sobre o que ela tinha dizer às famílias. Notavelmente desconcertada, a mãe de Guilherme pede desculpas e diz não saber a motivação do ataque. Do ponto de vista ético, o jornalismo praticado por Moreira busca, de certa forma, o escárnio. A maneira como a equipe jornalística do telejornal segue Tatiana, se assemelha a uma perseguição policial e a postura tomada pelo repórter ao desenvolver o suas perguntas foi desrespeitosa com o momento frágil de uma mãe que tentava entender o que tinha acontecido com o filho e qual era o peso das atitudes

que ele tinha tomado naquele dia. Tatiana não foi tratada com um olhar humano. Ao que pareceu, apenas a busca pela informação foi considerada naqueles minutos.

O segundo trecho analisado é um fragmento da entrevista feita por Datena com Sandra Regina, mãe do garoto que foi ferido com um golpe de machado no ombro. Na conversa, que acontece ao vivo, foram observados outros aspectos que evidenciam o sensacionalismo usado pelo telejornal Brasil Urgente enquanto o diálogo entre o apresentador e a entrevistada acontece no hospital onde o estudante estava internado.

Vídeo 5 - Mãe de aluno ferido com machado fala com Datena

Programa: Brasil Urgente

Exibição: 13/03/2019

VÍDEO	TEC	ÁUDIO
Datena encontra-se no estúdio onde chama a entrevista com Sandra Regina, mãe de José Vitor Ramos Lemos, o jovem que foi ferido com um golpe de machado na tragédia de Suzano. Sandra está na frente do hospital onde o filho foi internado, na presença do repórter Lucas Martins. A entrevista feita com Sandra acontece em tela dividida. De um lado, está a entrevistada, do outro está congelada a imagem de um dos assassinos no chão, deitado. Na sua cintura, está uma machadinha e uma faca. Os dois objetos foram circulados graficamente.	VIVO	DATENA: SANDRA, EU FALEI COM O SEU IRMÃO HOJE AO MEIO DIA, NÃO FOI? (0'00" - 0'06") SANDRA: OI, DATENA! SIM, ISSO MESMO. (0'06" - 0'08") DATENA: ELE ME DISSE QUE O MENINO TINHA LEVADO UMA MACHADADA FEIA. FOI REALMENTE NO PEITO? NAS COSTAS? ONDE FOI A MACHADADA? (0'08" - 0'17") SANDRA: ISSO. FOI ENTRE O PESCOÇO E O OMBRO. (0'18" - 0'21") DATENA: MEU DEUS, DO CÉU!

		(0'21" - 0'22") SANDRA: E ELA FICOU ENCRAVADA, NÉ? ELE FOI ÁGIL EM PENSAR. ELE CONSEGUIU SAIR DA ESCOLA E VEIO DIRETO PARA O HOSPITAL. ENTÃO ELE FOI O PRIMEIRO A CHEGAR AQUI. (0'22" - 0'35") DATENA: AINDA BEM, EIN? E AINDA BEM QUE NÃO PEGOU A JUGULAR. E COMO É QUE ELE ESTÁ AGORA NESSE MOMENTO? (0'35" - 0'41") SANDRA: GRAÇAS A DEUS. PSICOLOGICAMENTE ELE ESTÁ MUITO ABALADO, DATENA. ELE CHORA MUITO. ELE DISSE QUE FOI UMA CENA DE GUERRA QUE ELE VIU. E ELE PERDEU AMIGOS, PERDEU PROFESSOR, NÉ? PORQUE A ESCOLA SE TORNA UMA FAMÍLIA, ELES ESTÃO ALI TODOS OS DIAS. ENTÃO ELE FALOU: "MÃE, ISSO DAÍ ELE ARQUITETOU POR MUITO TEMPO". TEVE UM CASO MAIS OU MENOS PARECIDO NOS ESTADOS UNIDOS HÁ ANOS ATRÁS E ELE FEZ ESSA COMPARAÇÃO,
--	--	---

		QUE FOI IGUAL. (0'41" - 01'16") ... DATENA: SANDRA, EU NÃO ENTENDI BEM. SE ELE FEZ ISSO, ELE FOI SUPER INTELIGENTE. PORQUE PARECE QUE ELE FICOU COM A MACHADINHA PRESA, O QUE SIGNIFICA QUE "O CARA" DEVIA TER MAIS UMA MACHADINHA. ELE FOI COM A MACHADINHA PRESA ATÉ O HOSPITAL? PORQUE SE ELE TIRA A MACHADINHA, O SANGRAMENTO PODERIA SER FATAL. FOI ISSO MESMO? (2'06" - 2'25") SANDRA: EXATAMENTE. FOI ISSO MESMO. ELE VEIO COM A MACHADINHA PRESA. (2'25" - 2'29") DATENA: QUE LOUCURA! (2'29" - 2'30") SANDRA: EU NÃO SEI COMO ELE TEVE TANTA FORÇA DE VIR. E ASSIM, FOI UM CORTE PROFUNDO. (2'30" - 2'35") DATENA: ELE FOI INTELIGENTE, PORQUE SE ELE TIRA A MACHADINHA O SANGRAMENTO
--	--	---

		SERIA ENORME. PODIA DESMAIAR E MORRER NO MEIO DO CAMINHO. (2'35" - 2'41") SANDRA: É VERDADE! (2'41" - 2'42")
--	--	--

Esse material corresponde ao link feito com o repórter Lucas Martins, em que Datena conversa com Sandra Regina, mãe de José Vitor Ramos Lemos, ferido entre o ombro e o pescoço com um golpe de machadinha desferido por Luis Enrique de Castro. Tanto Sandra quanto Datena são focados em plano americano, do joelho para cima. Durante toda a entrevista, a mãe de José Vitor divide a tela com a imagem congelada de um dos assassinos já morto no chão, com uma machadinha e uma faca presas a um cinto na calça. Esses artefatos foram destacados graficamente com um círculo.

A pergunta inicial do apresentador sobre onde teria sido exatamente o local onde o garoto foi golpeado, mostra que não há uma preocupação com o teor das informações que são divulgadas sobre a vítima da tragédia. O ferimento de José Vitor foi grave e o acontecimento ainda era recente naquele dia. Apesar disso, Datena não se intimida em perguntar para a mãe como e onde havia sido lesão do garoto. Na continuação da conversa, também são discutidos detalhes sobre como o golpe poderia ter matado o jovem caso tivesse atingido a veia jugular e como o artefato ficou “cravado” no corpo dele. Os momentos descritos têm traços de sensacionalismo. O sentimento de incerteza e de sofrimento de uma mãe, preocupada com o bem-estar de seu filho, é explorado à medida que as perguntas de Datena pedem mais detalhes, sem considerar a delicadeza do caso.

Essas informações carregam muitas particularidades e também podem causar um choque no telespectador que, diante de um conteúdo tão imagético, conseguiria facilmente visualizar o que estava sendo discutido por Datena, mesmo sem estar presente no local. Percebe-se que não há qualquer filtro que ajude a selecionar o teor das discussões e o telespectador, por sua vez, recebe todo esse conteúdo sem o tratamento da informação.

Figura 8 - Mãe de aluno ferido com machado fala com Datena



Fonte: Brasil Urgente (2019)

Outros trechos que não foram transcritos por escolha do pesquisador, também foram analisados e merecem destaque. Quando Datena conversa por telefone com Rudge, no começo do programa, a maneira como o entrevistado descreve o que viu ao entrar na escola estimula sensações ruins no telespectador. Rudge relata como as crianças estavam mortas na escola e diz que o chão estava “ensanguentado”. Não há, nesse momento, qualquer posicionamento que possa indicar o sentimento de empatia na conversa, pelo contrário. O que é possível perceber na fala do tio do rapaz que foi golpeado com um machado, é a tristeza e o horror às cenas que ele havia presenciado. Mesmo assim, Datena continua a fazer suas indagações, instiga maiores desabafos do tio. Em uma das falas de Rudge, ele conta que “ainda estava chorando”, o que causa, mais uma vez, um impacto negativo em quem poderia estar assistindo ao programa.

Em outro momento, depois de ter finalizado a conversa com o Rudge, Datena começa a demonstrar irritação com a maneira como as escolas públicas eram tratadas pelas lideranças políticas. A fala do apresentador é forte e a sua indignação representa uma ferramenta de sensacionalismo que promove, naqueles que o assistem, o sentimento de revolta com a situação

vivenciada no país. Em dada ocasião, o apresentador refere-se ao ensino público como “uma porcaria”.

Após a entrevista com Rudge, Datena entrevista o governador do estado de São Paulo, João Dória. Foi possível observar na fala do político alguns elementos que caracterizam humanização e outros que caracterizaram sensacionalismo. Quando o político fala sobre o ataque a escola e às mortes das funcionárias e dos alunos, relembra as mortes da mãe e do pai, como sendo os outros episódios em que sentiu uma tristeza maior. A valorização e o respeito a essas memórias indica um ato humanizado. No entanto, a maneira como Dória descreve a cena em que viu com detalhes dos corpos das duas auxiliares de ensino e das crianças, ensanguentadas e mortas, de acordo com as palavras do próprio governador, consegue dar uma dimensão do sensacionalismo que estava inserido na entrevista. O telespectador que assiste ao programa é conduzido a sensações ruins, a tristeza e à comoção, somente pela maneira como ouve e assiste a entrevista se desenrolar. A entonação e as expressões faciais manifestadas pelo apresentador também contribuem para esse cenário.

Assim que a entrevista com Sandra Regina é finalizada, Datena chama a atenção da transmissão para os vídeos que tinha obtido do circuito interno de câmeras da escola e que mostram como aconteceu a tragédia no colégio. As imagens são fortes, foram descritas com enorme riqueza de detalhes e repetidas por três vezes ao longo do programa. O apresentador fica em estado de choque ao finalizar a reprodução da primeira sequência de imagens. Se a exibição inicial das filmagens já desperta sentimentos negativos como o pânico e a ansiedade em ver como as vítimas tinham sido mortas, a reprise dessas imagens serviu como gatilho para que essas sensações fossem retomadas e intensificadas. Datena descreve a situação como horrível e desesperadora, o que aumenta a tensão no estúdio. O apresentador não esconde a aflição que sentiu.

Assim, tem-se o sensacionalismo tendo em vista que, mesmo o jornalista passando por uma situação desagradável, insistiu em reproduzir as filmagens. O desconforto não foi o suficiente nesse caso. E nada de novo foi agregado como informação construtiva. Segundo Nascimento e Bezerra (2016), a reprodução exaustiva das mesmas cenas e imagens dão ao material jornalístico um ar sensacional e provocam sensações ruins no público, de tristeza e sofrimento. As cenas são de fato pesadas, o clima no vídeo é chocante e a narração sensacionalista de Datena dita o tom de terror da narrativa.

Figura 9 - As imagens do ataque deixam Datena em choque



Fonte: Brasil Urgente (2019)

Figura 10 - Momento em que Guilherme Tauci desfere os primeiros tiros na secretaria



Fonte: Brasil Urgente (2019)

Quase que como um complemento a essas imagens, entra em cena o repórter Marcelo Moreira trazendo informações sobre o caderno de Guilherme Tauci que foi achado no carro alugado pela dupla. O repórter começa a folhear o caderno e narra o que seriam táticas de jogo, como se fossem o plano de execução do ataque. Entendendo que essas evidências podem ser tratadas como prova crime, o pesquisador pôde considerar que os materiais audiovisuais que mostraram o caderno não revelaram nada além de uma tentativa sensacionalista de fazer com que uma hipótese sobre o crime fosse tratada como um dado verdadeiramente importante.

Tanto o repórter quanto o apresentador, distantes de qualquer trabalho de investigação, começam a exacerbar o conteúdo das anotações e a deduzir situações como se fossem aplicáveis à tragédia. Essa atitude talvez possa ser explicada pelo fato de a palavra “tática”, no contexto da execução do plano que deu origem à tragédia, pudesse significar a maneira como Tauci planejou o crime. Moreira começa a passar para as páginas seguintes do caderno. É possível identificar desenhos que evocam significados fúnebres de morte e terror, como caveiras, rostos encapuzados, frases em inglês que, traduzidas emitiram um pedido de socorro.

O esboço de uma arma de fogo também foi encontrado em uma das páginas. Esses desenhos foram classificados pelo repórter como “macabros”. Datena utiliza também a palavra “demoníaco” como adjetivo às ilustrações. O apresentador, compreendendo que a situação não identificava algo específico ligado à prática do crime, pede para que Moreira procure alguma outra evidência. Após mais algumas folheadas, o repórter chega ao fim do caderno onde, em capa dura, encontra-se escrita a citação de uma bíblia satânica. Nesse instante, Datena diz que a anotação leva a crer que Tauci já estava, nas palavras do apresentador, “engendrando um ataque satânico”. O apresentador, qualifica os desenhos do caderno como fruto de uma “mente doentia”.

sobrevivido. A mãe, Tauany, relatava ter ido até a escola à procura do filho e que, depois de não tê-lo encontrado, só conseguiu se acalmar quando recebeu uma ligação do garoto. No estúdio a imagem dos dois divide espaço com as filmagens de uma câmera da rua que mostrava estudantes pulando o muro da escola para fugir. As abordagens dos repórteres, nesses casos, deveriam respeitar a sutileza dos sentimentos das vítimas e a angústia de terem vivenciado uma experiência que poderia ter significado a morte para algumas delas.

Há de se destacar um fator importante que constitui um elemento sensacionalista no programa Brasil Urgente: o GC. A figura 12, exibida a seguir, mostra a imagem de uma mãe em desespero enquanto procura pelo filho, com destaque específico para o tipo de GC utilizado pelo programa. Pode-se inferir que este é um GC descritivo, não é explicativo. Ao assumir o caráter descritivo ele resvala no sensacionalismo, uma vez que não há presença de um verbo que detalhe o que aconteceu. O verbo implica na reflexão do conteúdo da frase, enquanto a ausência do verbo deixa a frase mais estanque, não exige que o telespectador pense no tipo de ação que está ocorrendo. Assim, o GC assume um caráter manchettato em que o peso das adjetivações constrói significados na cabeça de quem está assistindo.

Figura 12 - Mãe de uma das vítimas aos prantos a procura do filho



Fonte: Brasil Urgente (2019)

Figura 13 - Mãe e filho respondem perguntas do repórter. Ao lado, estudantes pulam muro da escola para fugir dos tiros.



Fonte: Brasil Urgente (2019)

4.4.3 Um dia depois da tragédia: 14 de março

No terceiro dia de análises, o quinto vídeo, do telejornal Panorama, permite observar que o programa volta à estrutura padrão do primeiro dia de análise. Uma reportagem inicial conta como aconteceu a tragédia, traz o relato de uma das vítimas que ajudou a salvar crianças na cozinha e abre espaço para o início de um debate dentro do estúdio sobre violência nas escolas. A apresentadora Adriana Cimini intermedia as discussões com três especialistas: o coronel José da Silva Vicente Filho, consultor em segurança pública; a psicóloga Dafne Oliveira, do Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia da USP e colaboradora da empresa a prestar cuidados em psicologia; além do pesquisador Renato Alves, do Núcleo de Estudos da Violência da USP e coautor do livro *Violência nas Escolas: um guia para a paz e professores*. Durante a conversa entre os convidados, Cimini chama um link com Maria Manso, que estava no hospital onde algumas das vítimas estavam internadas. A repórter passa todas as informações sobre o

estado de saúde dos vitimados e os hospitais onde foram encaminhados. A sequência do programa abordou discussões pedagógicas, comportamentais, sociais e estruturais no ensino público brasileiro.

Cimino abre o programa dizendo que naquela edição o jornal abordaria o massacre que aconteceu na Escola Estadual Professor Raul Brasil, no dia anterior. A apresentadora introduz o fato com a informação de que dois ex-alunos “abriram fogo contra estudantes e funcionários”, mataram sete pessoas e depois se suicidaram. A jornalista revela que antes de terem chegado à escola, a dupla atirou em um parente de um dos assassinos, que estava em uma loja de veículos próxima ao colégio.

Depois da introdução feita por Cimino, começa uma reportagem feita por Mayana Leocádio, no local onde ocorreu o primeiro ataque: a concessionária. A repórter conta que os atiradores chegaram ao local pouco depois das nove da manhã. Na loja, fizeram a primeira vítima, o dono Jorge Antônio Moraes, tio de Guilherme Tauci Monteiro, de dezessete anos, um dos autores da tragédia. A matéria jornalística conta que Tauci agiu com a parceria de Luiz Enrique de Castro, de vinte e cinco anos, em um carro alugado, onde se dirigiram para o colégio. As fotos de ambos são mostradas após a identificação pelos nomes. Menciona-se o fato de os dois terem sido ex-alunos da escola. Assim que a reportagem termina de mostrar os rostos dos assassinos e o carro que utilizaram no ataque, a filmagem de uma câmera da rua em frente a instituição mostra o momento da chegada do carro com a dupla.

De acordo com a repórter, logo na entrada, eles balearam a coordenadora Marilena Ferreira Vieiro Omezo. Em seguida mataram outra funcionária, Eliana Regina de Oliveira Xavier. Depois atiraram nos alunos que estavam no intervalo das aulas, por volta das nove e meia da manhã. Ao que indicam as filmagens o Panorama, assim como o Brasil Urgente, teve acesso às gravações do circuito interno de câmeras da escola, que registrou o início da ação dos assassinos. No vídeo da câmera da vizinhança que filmou a chegada dos atiradores, pouco tempo depois da entrada da dupla aparecem os primeiros estudantes fugindo pela porta de entrada do colégio. O horário marcava nove horas e quarenta e cinco minutos.

Leocádio informa que os agressores estavam com um revólver calibre trintz e oito, uma besta, espécie de arma de arco e flecha e um machadinho, além de equipamentos para recarregar as armas. De acordo com ela, dez pessoas morreram, incluindo cinco estudantes com idade entre quinze e dezesseis anos. Outros onze alunos foram feridos. Em seguida, a repórter introduz

Silmara de Moraes, cozinheira da escola que contou que durante o ataque ajudou a proteger alguns alunos. “Não conseguimos ver nada. A única coisa que a gente pensou na hora foi colocar o maior número de alunos dentro da cozinha. Nós fechamos as portas, colocamos todos lá para dentro e fizemos uma barricada com a geladeira e uma mesa que tinha lá”. A expressão facial no rosto de Silmara é de desespero, ela ainda tinha os olhos inchados por ter chorado.

Assim que termina o depoimento da cozinheira, Leocádio inicia uma passagem, em frente a fachada da escola, onde conta que a Escola Estadual Raul Brasil é referência no ensino público da cidade de Suzano. Ela informa que boa parte dos alunos têm algum familiar que também estudou na instituição. Com a transição de imagem para a visão aérea da rua escola, de um helicóptero, onde se encontram viaturas da polícia, dos bombeiros e a vizinhança do bairro, a repórter revela que a polícia civil estava investigando a motivação do crime.

Ao término da reportagem que introduziu o assunto e trouxe novas informações sobre a tragédia, a imagem retorna ao estúdio onde Cimino apresenta três especialistas que conversaram sobre violência nas escolas. São eles: o coronel José da Silva Vicente Filho, consultor em segurança pública; a psicóloga Dafne Oliveira, do Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia da USP e colaboradora da empresa a prestar cuidados em psicologia; além do pesquisador Renato Alves, do Núcleo de Estudos da Violência da USP e coautor do livro *Violência nas Escolas: um guia para a paz e professores*. A apresentadora também convida os telespectadores a participarem do debate através das redes sociais do programa.

Depois de apresentar cada um dos especialistas e agradecer a presença de todos, Cimino destaca que até aquele momento não se sabia muito o que poderia ter motivado o ataque dos atiradores, e levanta como primeiro questionamento quais seriam os fatores que podem ter contribuído para a tragédia. O coronel Filho é o primeiro a responder e diz que o único fator realmente comum entre tragédias similares, fazendo menção aos ataques em Realengo, no Rio de Janeiro em 2011 e em Goiás, em 2017, é o uso de arma uma arma de fogo. Nas palavras do consultor em segurança pública, “pessoas perturbadas” por variados motivos, como o *bullying*, sentem nas escolas um ambiente “irrespirável” e vêm no fácil acesso a armas de fogo um instrumento para matar. Para Filho, a grande tragédia que se tem na atualidade ainda é o fácil acesso às armas de fogo na sociedade.

Oliveira complementa a fala do coronel dizendo que para tentar entender tragédias como a de Suzano, a prática comum é olhar para casos que já aconteceram. A psicóloga entende que não

são apenas dois ou três motivos que dão origem a tais ataques, existe uma complexidade de fatores interligados. Para a especialista, “qualquer pessoa pode se desequilibrar” e quanto se tem fatores como o *bullying*, a baixa autoestima e outras questões que envolvam a saúde mental, com o acesso ao “meio letal”, referindo-se à arma de fogo, acabam aumentando a chance de ocorrência de um ataque.

Alves corrobora dizendo que a tragédia é lamentável e que a discussão sobre o acesso às armas de fogo é recente e que pesquisas têm mostrado há muito tempo que a presença de armas de fogo por legislação dentro de uma sociedade aumenta a letalidade. O problema, para o pesquisador, é que as armas de fogo amplificam o dano e o grau de letalidade não só no número de pessoas mortas, mas também na reprodução dos índices de mortalidade. O especialista considera que esse elemento comum, como havia pontuado Filho, evidencia as discussões que pautaram o noticiário nacional à época, sobre a liberação do porte e uso de armas de fogo. Para Filho, essa discussão precisa acontecer porque ela traz esses problemas em foco e possibilita pensar como prevenir a recorrência de casos como o de Suzano no futuro.

Cimino chama na sequência a repórter Maria Manso que estava no Hospital das Clínicas de São Paulo, onde alguns dos feridos estavam internados. A apresentadora pergunta quantas vítimas foram levadas para o hospital e qual era o estado de saúde delas. Manso responde que lá estavam quatro dos onze feridos, dois ainda na UTI e outros dois na enfermaria. Todos estavam com quadro considerado estável. Segundo informações da repórter, no hospital particular em Suzano ainda estavam mais dois adolescentes também em quadro estável, entre eles, José Vitor, o jovem que chegou caminhando até o atendimento com uma machadinha no ombro. Manso também informa que no hospital de Mogi das Cruzes, mais dois sobreviventes estavam internados em quadro estável, um deles iria passar por uma cirurgia no tornozelo naquela tarde. Ele se machucou fugindo dos atiradores dentro da escola. No hospital geral de Itaquaquecetuba, havia mais um adolescente internado em situação estável. A Santa Casa de Suzano, também haviam outros dois internados, um deles passaria por uma cirurgia ortopédica e a outra adolescente receberia alta no mesmo dia, a primeira sobrevivente a voltar para casa.

Cimino agradece as informações e ressalta que a primeira preocupação era com o restabelecimento da saúde dos feridos. A jornalista traz a informação de que, em paralelo, acontecia também o velório coletivo de seis das vítimas. Outras duas vítimas estavam sendo veladas em locais diferentes. De acordo com Cimino, os atiradores não teriam velório e seriam

enterrados na tarde daquele dia. Nesse instante, o tom de voz da apresentadora é brando e a expressão facial é séria. Ela também cita algumas das ações que já haviam sido anunciadas pelo governo do estado. A secretaria da educação informou que os procedimentos de segurança em todas as 5.300 escolas seriam revisados. Também estava em estudo um projeto para reforço de segurança nas escolas mais vulneráveis.

A apresentadora pergunta então aos especialistas o que fazia de uma escola “vulnerável”. O coronel responde que, basicamente, a incidência de problemas vinham acontecendo nas escolas: desde ladrões que roubam objetos a denúncias de brigas e tráfico. A percepção do especialista, de maneira geral, foi a de que grande parte da violência nas escolas eram ocorrências entre alunos e entre alunos e professores, principalmente agressões. Filho indica que a polícia tem conhecimento dessas ocorrências e que todo o acesso às intermediações das escolas era de interesse da polícia. Cimino menciona o fato de a escola Raul Brasil não fazer parte da lista de escolas vulneráveis. Filho comenta que antes da tragédia, o governador Dória tinha recomendado à secretaria de segurança o levantamento das escolas mais vulneráveis, situação em que foram listadas 140 instituições. O coronel reitera que a escola não estava entre as listadas e que o colégio era o terceiro melhor do estado segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), o que tornava, nas palavras do especialista, um pouco mais complicado fazer uma análise do porquê havia acontecido uma situação dessas.

Cimino expõe o relato obtido pelo programa de que Guilherme, o ex-aluno que deixou a escola no ano passado, teria entrado na escola sinalizando que gostaria de fazer a rematrícula. Diante dessa informação, a apresentadora pergunta a Alves como uma instituição de ensino pode lidar com a conjuntura de estar de portas abertas para receber um aluno que decide voltar a estudar e ao mesmo tempo ter o cuidado de proteger todos os alunos que lá dentro estavam.

O pesquisador responde que “não dá para entrar em uma certa paranóia”. Para o escritor, o ataque poderia ter acontecido em qualquer lugar: em um supermercado, um cinema, como já aconteceu em São Paulo anos atrás, e até em igrejas como o caso citado em Campinas. Alves continua o raciocínio dizendo que “onde tem gente, tem essa possibilidade de acontecer” e que não havia muito o que fazer para prevenir essas situações. Instalar um detector de metais ou colocar mais um policial no local poderia, segundo Alves, coibir, mas não evitaria esse tipo de ação. Ele chama a atenção para a questão da vulnerabilidade, observando que as escolas vulneráveis estão em locais vulneráveis e essa primeira questão é o reflexo de um contexto social.

A segunda questão observada pelo especialista é que não há como impedir pessoas de entrarem nas escolas, porque, afinal, são espaços públicos e como qualquer espaço público, devem estar abertas para o público. Mas a maneira como o público se comporta nesses espaços levanta outra discussão que, no ponto de vista do escritor, se dá em como as escolas formam a educação para que as pessoas saibam se portar nos espaços públicos. A complexidade desse cenário, segundo Alves, remete à discussão sobre como é possível lidar com conflitos e como a violência é utilizada como mediadora de conflitos em uma sociedade em que cada vez mais a violência se coloca como uma possibilidade legítima de solução de conflitos. Para o pesquisador, atualmente “por qualquer coisa a gente já parte para a violência” sendo que a educação implica em aprender a conter a violência. Alves discute que uma pessoa violenta não é necessariamente uma pessoa educada, utilizando o ditado popular que diz que quem parte para a violência, parte para a ignorância, perde a razão. Em uma sociedade onde esses acontecimentos passam a ser cada vez mais comuns, esse comportamento assusta. Ao final de sua fala, o pesquisador lança mão de um questionamento: que tipo de sociedade estamos reproduzindo?

Cimino menciona o fato de o *bullying* ter sido relacionado ao caso de Suzano, bem como em casos anteriores que foram discutidos e cita o argumento mencionado por Alves de que à escola cabe a educação e a preparação em vários âmbitos e não somente no das disciplinas curriculares obrigatórias. Diante dessa observação, a apresentadora questiona o que as escolas podem fazer para identificar e tratar os casos de *bullying* como um dos motivadores para tragédias como a de Suzano. Oliveira responde que é um desafio muito grande pensar em soluções, pensando não apenas nos espaços vulneráveis, mas nas pessoas vulneráveis. A psicóloga avalia que vulnerabilidade não é um conceito estático, a todo momento passa por mudanças. Quando se fala em “pessoas vulneráveis”, Oliveira pondera que muitos fatores são repercutidos como exemplo da saúde emocional no âmbito pedagógico das escolas. Segundo a especialista, a forma como as pessoas reagem a conflitos do dia-a-dia, a maneira como expressam o seu sentimento quanto ao *bullying* e a autoestima são coisas que estão inclusas no espaço de formação das escolas. Nesse sentido, de acordo com a psicóloga, quando não há esse espaço para mediação de conflitos, os alunos podem sair das escolas e buscar outros meios de se “fortalecerem”.

O coronel Filho menciona um aspecto citado por Dafne e Renato, de que a proposta de educação da escola é muito mais ampla e envolve também o trabalho com questões

socioemocionais. Para o consultor em segurança pública, não se trata apenas de identificar os alunos que estão tendo “problemas de ajustamento” e “interromper esse processo de forma adequada”, mas também o próprio treinamento de jovens. Para embasar o seu argumento, Filho cita o exemplo que assistiu de treinamento de jovens, em uma entidade em Recife, que ensinava um grupo de adolescentes a como lidar com conflitos de uma forma construtiva. O coronel considera que esse tipo de aprendizado importante. Outro exemplo citado por ele é o do ex-prefeito de Nova Iorque que preocupou-se em empreender um processo de segurança nas escolas, com um cuidado especial dedicado ao *bullying*. Quando alunos eram identificados praticando *bullying*, eram deslocados para escolas especiais onde havia um grupo de dois a três empenhados em encaminhar esses alunos socialmente. Filho destaca que alunos nessa situação não podem ficar sem atenção, precisam de um acompanhamento.

Cimino faz um adendo à fala do coronel, dizendo que é preciso tratar esses estudantes como seres humanos, cidadãos em formação e não só como alunos que vão à aula, fazem os deveres de casa e, no final do ano, são representados por um boletim. Na mesma fala, Alves ressalta que a questão lembrada pelo coronel também deve abarcar os professores. O pesquisador defende que os professores precisam de mais preparo e que as condições em que a classe trabalha são opressivas e difíceis. O escritor avalia que alguns professores chegam a dar aula para classes de 40 alunos ou mais, com mais de uma turma numa mesma escola, chegando até a dar aulas em mais de uma escola no mesmo dia. Alves reflete sobre quais são as condições humanas que uma pessoa, no caso um professor, tem de lidar com tantas pessoas ao longo do mesmo dia e manter uma saúde mental estável. Pensando nas dimensões das políticas públicas, o pesquisador questiona como o estado cuida da saúde mental desse trabalhador que forma outras pessoas, além de ensinar conteúdos escolares. Nas palavras de Alves, diante de situações “escabrosas” como a da tragédia de Suzano, surgem questões sobre como o processo de desumanização foi acontecendo no meio do caminho. “Você vai reproduzindo a desumanização nessas relações que estão sendo chamadas de desumanas, onde a mensuração do resultado é mais importante do que a pessoas”, ponderou o pesquisador. Para finalizar a fala, Alves elucida que quando se enxerga pessoas como coisas, elas podem ser exterminadas como se fossem parte de uma brincadeira de videogame.

Depois de um intervalo, Cimino reapresenta os convidados para o segundo bloco do programa. A jornalista repercute que algumas outras diretrizes já tinham sido definidas pela

secretaria de educação do estado de São Paulo, como a suspensão das aulas na cidade de Suzano e a proposição de discussões e atividades pedagógicas que possam dar a devida atenção não só à tragédia, mas também aos alunos e funcionários da escola. A apresentadora pergunta então por que era necessária essa pauta para as pessoas que viveram uma situação trágica. Oliveira indica que a pausa tem o sentido de criar um espaço para que as vítimas e demais pessoas atingidas possam vivenciar o luto. A psicóloga sinaliza que o comportamento de “seguir em frente” é comumente cultivado diante de uma situação de perda brusca, mas que essa pausa é necessária para evitar que esse tipo de acontecimento passe batido. A pausa nas atividades, o velório coletivo, permite que as pessoas sintam e expressem o sentimento da dor, que é inevitável. A apresentadora destaca que algumas pessoas podem agir como se tudo estivesse bem, mas que depois esse trauma pode ressurgir de uma maneira intensificada. Oliveira concorda com a afirmação e discute que “esse espaço de recolhimento” não precisa, necessariamente, ser feito por um psicólogo. As pessoas podem criar um contexto de legitimar o seu próprio sentimento e reconhecer nesse comportamento uma oportunidade importante de institucionalizar essa pausa para dar o acolhimento àqueles que se sentirem afetados por um evento trágico.

O coronel Filho relembra que em Brumadinho há um grupo de psicólogos que conversam sobre a questão do trauma e das sequelas dos traumas nas pessoas, como um evento súbito e intenso ao qual as pessoas não estão habituadas e, caso esse trauma não seja cuidadosamente trabalhado, há uma tendência de que ele volte e atrapalha o rendimento profissional, escolar e as relações pessoais. Especialmente nas crianças, Filho revela que esse acompanhamento precisa ser feito com cautela e que no caso de Suzano é preciso ser feito um empreendimento junto com a população da escola.

Cimino pergunta então se esse é o momento de outras escolas pararem para refletir sobre o que aconteceu em Suzano. Alves pondera a sociedade brasileira é “uma sociedade sem memória” e que é preciso que essa dimensão seja debatida de uma forma socialmente mais ampla para prevenir a recorrência dessas situações e não normalizá-las. O pesquisador entende que é preciso discutir os rumos que a sociedade está tomando e conversar com alunos e crianças o que pode ser feito em situações extremas. Para Alves, é importante que se compreenda os espaços de fala para pensar formas coletivas de prevenção de novas tragédias.

A apresentadora do Panorama destaca que é o momento de a sociedade parar e pensar alguns pontos como o da facilitação ao acesso às armas, citando o decreto presidencial que

possibilita a posse de armas e havia sido aprovado há pouco tempo, naquela época. A jornalista indaga se pode ter havido alguma relação entre o decreto e o caso em Suzano. Filho afirma que diretamente não há uma relação, mas que pessoas perturbadas são incentivadas por vários gatilhos disponíveis, como a internet, os jogos violentos, como parte de um conjunto e não como fatores decisivos. Essa procura, segundo o especialista, tem o objetivo de estimular um quadro patológico já existente. Filho observa que o momento em que se aprovou o decreto, entretanto, naturaliza a posse de arma. O consultor em segurança pública enfatiza que não é normal ter uma arma de fogo e que ela deve ser visualizada como uma referência excepcional, pelo perigo que carrega consigo.

Cimino pergunta à psicóloga se a proporção e a exposição midiática que a tragédia tomou agravavam o sofrimento das vítimas e sensibilizavam até mesmo quem não teve contato próximo com o ocorrido. Oliveira explica que o luto é a reação diante de uma perda e que, no caso do ataque a uma escola, impactou muita gente, como o telespectador que estava assistindo as notícias. O impacto se dá na mobilização de lembranças de perdas, por isso é normal, para a profissional, que se tenham reações diante do luto, como as citadas pelo coronel Filho. Apesar disso, Oliveira advertiu que, caso esse sofrimento persistisse e prejudicasse atividades funcionais, seria preciso olhar com mais atenção e procurar, se fosse o caso, a ajuda psicológica. O amparo psicológico não deve ser forçado, deve acompanhar o ritmo de cada pessoa. Caminhando para o fim do programa, Cimino agradece a participação e contribuição dos especialistas ao tentar explicar uma dinâmica tão complexa quanto a que envolve uma tragédia. O Panorama é finalizado em silêncio, em respeito às vítimas do ataque.

Entre as discussões que foram abordadas nesse dia no jornal, a reportagem e o link realizado durante o programa, foram escolhidos dois trechos para transcrição e análise. O primeiro deles é a entrevista realizada com a cozinheira da escola Raul Brasil, Silmara de Moraes, que ajudou a salvar alguns estudantes na cozinha. O segundo deles é um trecho da fala do pesquisador que estava presente no debate que aconteceu no jornal, Renato Alves. Na fala de Alves foram notados alguns trechos que caracterizam uma fala humanizadora sobre a tragédia de Suzano. A escolha desses trechos foi feita intencionalmente com a finalidade avaliar aspectos de sensacionalismo ou de humanização presentes na cobertura.

Vídeo 5 - Mayana Leocádio entrevista Silmara de Moraes, cozinheira que durante o ataque protegeu alguns alunos

Programa: Jornal Panorama

Exibição: 14/03/2019

VÍDEO	TEC	ÁUDIO
Mayana Leocádio narra as principais informações que se tinha até o momento sobre o ataque ocorrido na Escola Estadual Professor Raul Brasil, no dia anterior. A reportagem mostrava imagens que davam uma visão de cima da escola, numa gravação do momento em que as autoridades haviam chegado no local da tragédia. Depois de falar sobre os feridos na escola, Leocádio introduz a participação de Silmara, que conta como foi agiu durante o ataque. (1'46'') A imagem de Silmara está focada em plano fechado. A expressão facial da cozinheira é de choro, momentos depois de ter saído da escola após a tragédia. (1'52'')	VT	MAYANA LEOCÁDIO: SILMARA É COZINHEIRA DA ESCOLA E DURANTE O ATAQUE AJUDOU A PROTEGER ALGUNS ALUNOS. (1'46'' - 1'52'') SILMARA: NÃO CONSEGUI VER NADA. A ÚNICA COISA QUE A GENTE PENSOU NA HORA FOI COLOCAR O MAIOR NÚMERO DE ALUNOS PARA DENTRO DA COZINHA. AÍ NÓS FECHAMOS AS PORTAS, COLOCAMOS TODOS LÁ PARA DENTRO E FIZEMOS UMA BARRICADA COM A GELADEIRA QUE TINHA LÁ E UMA MESA. (1'52'' - 2'08'')

Vídeo 5 - Renato Alves discute o treinamento para professores e a humanização da profissão

Programa: Jornal Panorama

Exibição: 14/03/2019

VÍDEO	TEC	ÁUDIO
Adriana Cimino, mediava as discussões sobre um olhar humanizado para os alunos atingidos por tragédias e também para aqueles que praticavam o bullying em escolas. O debate refletia as circunstâncias e a complexidade do contexto do ataque à escola Raul Brasil. O pesquisador Renato Alves, acrescenta o ponto de vista de que professores também careciam de uma humanização na profissão.	VIVO	ADRIANA CIMINO: É TRATAR OS ALUNOS COMO SERES HUMANOS, COMO CIDADÃOS EM FORMAÇÃO E NÃO SÓ COMO AQUELE ALUNO QUE ASSISTE A AULA, FAZ OS DEVERES DE CASA E, NO FINAL DO ANO, É REPRESENTADO, DIGAMOS, POR UM BOLETIM. (16'36" - 16'47") RENATO ALVES: ISSO TAMBÉM TRAZ ESSA QUESTÃO QUE O CORONEL LEMBROU SOBRE TREINAMENTO TAMBÉM. OS PROFESSORES ESTÃO MUITO SOBRECARREGADOS, EM CONDIÇÕES DE TRABALHO AS VEZES BASTANTE OPRESSIVAS E DIFÍCEIS. PORQUE ELE TEM QUE DAR CONTA DE UMA CLASSE COM 40 ALUNOS OU ÀS VEZES MAIS. E ELE NÃO TEM SÓ ESSA CLASSE, ELE SAI DE UMA TURMA, VAI PARA OUTRA, MAIS QUARENTA ALUNOS. AS VEZES ELE SAI DE UMA ESCOLA E VAI PARA OUTRA. TEM QUE PREPARAR AS AULAS. E ESSA QUESTÃO HUMANA QUE VOCÊ ESTAVA COLOCANDO, ADRIANA, QUE CONDIÇÃO TEM UMA PESSOA

	EM CONTATO COM TANTAS PESSOAS AO LONGO DO DIA, MAIS DE 300 PESSOAS? (16'48" - 17'31") ADRIANA CIMINO: ELA VAI SENDO TRATADA COMO UMA MÁQUINA. (17'32" - 17'33") RENATO ALVES: EXATAMENTE. E ISSO VAI TAMBÉM NESSAS DIMENSÕES DAS POLÍTICAS PÚBLICAS, COMO É QUE VOCÊ CUIDA DA SAÚDE MENTAL DESSE TRABALHADOR? QUE ESTÁ FORMANDO GENTE, QUE É MUITO MAIS DO QUE FORMAR EM CONTEÚDOS DE PORTUGUÊS, MATEMÁTICA E CIÊNCIAS. E AÍ VOCÊ ENTENDE UM CASO TÃO ESCABROSO COMO ESSE, QUE PARECE ATÉ UMA DESUMANIDADE TÃO GRANDE, MAS QUE NESSE PROCESSO DE FORMAÇÃO DESSE HUMANO, COMO É QUE ESSA COISA FOI SENDO PRODUZIDA? VOCÊ VAI PRODUZINDO ESSA DESUMANIZAÇÃO NESSAS RELAÇÕES QUE NÓS CHAMAMOS DE DESUMANAS, ONDE O RESULTADO É MUITO MAIS IMPORTANTE DO QUE A PESSOA.
--	---

		ISSO VAI LEVANDO A UM TIPO DE SITUAÇÃO EM QUE ELE [O ALUNO], NÃO VÊ UMA PESSOA. É UMA MANEIRA DE VOCÊ EXTERMINAR, QUANDO VOCÊ EXTERMINA O OUTRO, COMO ACONTECEU NESSE CASO, VOCÊ NÃO ESTÁ VENDO UMA OUTRA PESSOA NA SUA FRENTE. VOCÊ TÁ VENDO UM INIMIGO OU UMA COISA. COMO NUMA BRINCADEIRA EM QUE VOCÊ PODE EXTERMINAR, COMO NOS VIDEOGAMES. (17'34" - 18'18")
--	--	--

A análise da primeira e única entrevista realizada nessa edição, com alguém que esteve na escola durante o tiroteio no dia anterior, a cozinheira Silmara, permitiu a observação de que o jornal preocupou-se em valorizar a ação da funcionária e em como isso contribuiu para salvar mais vidas. A humanização se dá na maneira como o jornal destaca a história contada pela funcionária. Silmara estava visivelmente em choque ainda, com a expressão facial de quem havia parado de chorar há pouco tempo. A narrativa contada por ela demonstrou uma atitude rápida, tomada em fração de segundos, de colocar os alunos para dentro da cozinha e trancá-la com uma barricada, e pôde transmitir ao telespectador, do ponto de vista do pesquisador, o sentimento de um ato de empatia. O gesto de preocupar-se com o outro configura o que Ijuim (2012) fala sobre reconhecer o outro como ser humano e a forma como o Panorama mostra essa ação desperta uma certa leveza, talvez ocasionada pela sensibilidade da atuação do programa, em meio aos momentos dramáticos que estavam naturalmente envolvidos na história.

O comentário de Renato Alves, por sua vez, revela a dimensão de uma preocupação que vai além do contexto em que o ataque à escola encontra-se envolvido. Alves retrata para uma realidade vivenciada por vários professores da rede pública de ensino e que carece de mudanças

estruturais e efetivas, que foram discutidas naquela edição. Observando um cenário em que a relação entre professores e alunos é muito próxima, a discussão proposta pelo pesquisador se justifica no sentido de que os professores e o corpo pedagógico das escolas não conseguem identificar situações de *bullying* e outros conflitos, e propor intervenções que possam evitar a reincidência de casos como o de Suzano, se não houver uma melhoria na formação da classe e nas condições de trabalho que são oferecidas. Como destaca Alves, os professores convivem com o acúmulo de funções e não conseguem se atentar para detalhes comportamentais em seus alunos. Foi possível entender a partir da fala do escritor, que sem o apoio de outros profissionais que possam auxiliar no tratamento da saúde mental dos jovens estudantes, esse sistema fica insustentável e pode dar origem a tragédias como a da escola Raul Brasil. Quando um programa jornalístico consegue promover debates com esse teor de informação e de construção de senso crítico, ataques em escolas públicas não passam despercebidamente e podem gerar repercussões no meio político-social. Diferente do jornal Brasil Urgente, nota-se que a abordagem do Panorama se debruça sobre discussões que possam promover um debate saudável sobre alternativas e soluções possíveis para a situação em questão.

Figura 14 - Silmara ajudou a proteger alunos do ataque à escola Raul Brasil, em Suzano.



Fonte: Panorama (2019)

Figura 15 - Os convidados do jornal Panorama discutem a violência nas escolas públicas



Fonte: Panorama (2019)

A análise dos materiais em vídeo do telejornal Brasil Urgente, do dia quatorze de março, mostrou que o programa seguiu com uma mudança de estrutura, mas diferente do dia anterior, essa mudança foi menos impactante na programação da TV Bandeirantes, porque não alterou horário de outros programas. O Brasil Urgente dedicou a edição inteiramente à cobertura dos fatos que repercutiram depois da tragédia que aconteceu na Escola Estadual Professor Raul Brasil. Foram atualizadas informações sobre o quadro de saúde das vítimas que sobreviveram, sobre o enterro das vítimas que morreram e sobre o andamento das investigações pelos serviços de inteligência da polícia civil e pelo Ministério Público. Essas atualizações aconteceram por meio de reportagens e entrevistas ao vivo com o apresentador José Luiz Datena.

A reportagem inicial é de Déborah Lopes. A repórter resumiu o quadro clínico de três dos estudantes que foram vítimas do ataque na escola. Eles foram encaminhados e atendidos pela equipe médica do Hospital das Clínicas de Mogi das Cruzes. Douglas Murilo Celestino, de 16 anos, não resistiu aos tiro que levou na cabeça e morreu após dar entrada na unidade médica. Luiz Carlos Viana Barbosa, diretor clínico do hospital, comentou como foi a chegada dos pacientes.

Celestino já chegou em óbito. Jeniffer Silva Cavalcanti foi levada em estado grave ao hospital. A garota foi atingida por dois tiros, nas costas e na barriga, e teve de passar por uma cirurgia. A informação veiculada pela reportagem foi a de que a cirurgia tinha sido bem sucedida e o quadro clínico da jovem era estável. Leonardo Martinez Santos, o outro adolescente atendido, teve de passar por uma cirurgia de correção do tornozelo. Ele foi levado até o hospital pelos pais, depois de ter pulado o muro do colégio e sofrido uma fratura. A previsão de alta dos pacientes era de uma semana. O médico contou que o dia anterior tinha sido tumultuado, com muitos atendimentos a familiares e à imprensa. Ele descreveu a situação como “delicada e terrível”.

Com o desfecho do estado clínico de alguns dos sobreviventes, a reportagem seguinte começa a falar sobre a primeira vítima fatal do ataque: Jorge Antônio de Moraes. A fala introdutória de Kelly Dias dá alguns detalhes sobre a vida pessoal do dono de uma loja de carros e relata a dificuldade de amigos e parentes em descrever a dor da perda de Moraes. Kelly contextualizou o acontecimento, dizendo que “sete vidas foram ceifadas na escola Raul Brasil em Suzano, mas que a tragédia não tinha começado ali”. Desse instante em diante, a repórter conta como Moraes foi morto: pelas mãos do sobrinho, Guilherme Tauci. Rodrigo Cardi, amigo de Moraes, classifica a morte como “brutal, ainda mais vindo de um parente”. Cardi contou que o amigo deu oportunidades para Tauci trabalhar, mas o jovem “não quis aproveitar”. Kelly foi até o local onde Moraes foi enterrado, no cemitério Colina dos Ipês, em Suzano. A repórter informou que o tio do atirador foi baleado com dois tiros “à queima roupa”. Cardi descreveu a ação de Tauci, disse que depois de atirar na clavícula e nas costas do tio, saiu andando tranquilamente até o carro utilizado na ação. Familiares contaram que Moraes não tinha proximidade com o sobrinho. Ofereceu um emprego para ajudá-lo, mas o demitiu quando percebeu que Tauci estava roubando objetos da loja. Leandro Valente, outro amigo de Moraes, disse que ele tinha o costume de “ajudar o próximo” através do trabalho e que empregava pessoas que estavam em dificuldade. A reportagem frisa que Moraes era irmão de Tatiana Tauci, mas que não mantinham contato em virtude do vício da irmã em drogas. O dono da concessionária era casado e tinha três filhos.

A repórter também trouxe a informação de que o velório coletivo que aconteceria no ginásio da cidade teria início às seis horas da manhã. De acordo com Kelly, a arena tinha capacidade para mil e quinhentas pessoas, mas “tinha ficado pequena para tanta tristeza”. Ela informou que os corpos de seis vítimas estavam sendo velados no espaço e que o corpo da coordenadora pedagógica do colégio, Marilena Ferreira Vieira, de cinquenta e nove anos, seria

enterrado apenas no sábado, a pedido de um filho que estava fora do país. Os corpos de outras cinco vítimas da tragédia seriam enterrados ao longo do dia. Mais de cinco mil pessoas passaram pela arena entre elas o prefeito da cidade, Ricardo Ashiuchi e o ministro da educação, Ricardo Vélez. O governador, João Dória, foi representado por Rossieli Soares, secretário da educação. Os corpos dos autores do ataque não foram velados. Guilherme Tauci foi enterrado no cemitério São João Batista e Luiz Enrique de Castro, no cemitério São Sebastião, ambos em Suzano.

Na sequência, começa a reportagem de Elisângela Carreira com imagens de uma igreja da Assembléia de Deus. Nela, Douglas Murilo Celestino, de dezesseis anos é velado. O velório aconteceu por volta das duas da manhã do dia quatorze de março. O tio do jovem aparece inconformado com a morte do garoto. Familiares e amigos encontravam-se reunidos para dar o que Carreira chamou de “o último adeus” ao adolescente. Celestino chegou a ser socorrido, mas não suportou os ferimentos e morreu antes de chegar ao hospital. A repórter conta que, segundo a família, o jovem era estudioso, religioso e adorava ajudar as pessoas. Por isso o velório aconteceu dentro da igreja.

Samuel Vasconcelos, amigo de Celestino, contou que o garoto era brincalhão, falava com “todo mundo”, jogava basquete, ia às reuniões da célula religiosa e que isso faria muita falta. Carreira revela que na hora do ataque o adolescente foi ferido com três tiros. Um jovem não identificado pela reportagem, amigo de Celestino, descreveu os momentos em que viu Tauci sacando a arma para atirar. Ele disse que a tomada de decisão foi rápida e que fugiu correndo em um momento de distração do atirador. A reportagem mostra gestos de carinho prestados por amigos que homenageavam Celestino. O mesmo rapaz que não foi identificado disse não acreditar no que estava acontecendo e que tudo parecia um sonho.

Assim que a fala do garoto termina, começa a reportagem de Letícia Gil. Ela identifica Caio Oliveira, de quinze anos, uma das vítimas do massacre na escola Raul Brasil, em Suzano. A primeira fala de Gil conta que o garoto saiu para estudar e não retornou mais. As imagens da reportagem mostram a rua onde o jovem morava, mostrando a fachada do que seria a sua casa. A fala seguinte de Gil descreve que a rua onde o menino morava estava em silêncio em virtude da dor da perda deixada pela tragédia de Suzano.

A repórter então começa uma entrevista com um amigo de Oliveira, que não é identificado. Ela pergunta ao rapaz o que ele iria levar do amigo que havia falecido. O rapaz responde que “levava a alegria de Oliveira, independentemente da situação, ele estava sempre

sorrindo”. Gil entrevista outra moradora, identificada como Maria de Andrade, em frente a casa da mulher. A repórter conta que o menino era sempre visto na rua “jogando bola”. Andrade confirma a fala de Gil e conta que estava triste, pois não veria Oliveira brincando como antes. A reportagem revela que o garoto de quinze anos estava entre os mais jovens mortos no massacre. Ele cursava o primeiro ano do ensino médio. Nesse momento Gil encontra-se no portão de entrada da escola Raul Brasil. Ela mostra que os portões estavam fechados, que a polícia militar havia reforçado a segurança do local e que na rua ainda havia a movimentação de moradores, pais e alunos, comovidos com o que tinha acontecido no dia anterior. A repórter também mostra homenagens que foram deixadas na porta do colégio, como uma rosa branca, deixada no portão.

Em seguida, Gil apresenta outro adolescente morto na tragédia. Kaio Lucas da Costa Limeira também tinha quinze anos e, de acordo com a fala da repórter, demonstrava sua “paixão” por futebol e judô nas redes sociais. Samuel Melquíades Silva de Oliveira é outro estudante identificado na reportagem, ele tinha 16 anos. A fala de Gil destaca que Samuel foi “cruelmente” assassinado. A repórter descreve que o jovem gostava de desenhar e entrevista uma operadora de caixa, Joana Lima, que conta que a filha estudava com o adolescente. Na fala de Lima pontua que “não dava para acreditar que aconteceu isso tão próximo da gente”.

Outra pessoa entrevistada por Gil é a vizinha de Samuel, Mariza Mendes, que desabafou ter ficado marcada com o ataque. Mendes disse que estava comovida e sentia revolta com o que tinha ocorrido com Samuel. A reportagem continua com a fala de Gil dizendo que todos os estudantes mortos na tragédia eram do ensino fundamental¹⁷. Nessa fala, são mostrados na mesma imagem todos os oito mortos no assassinato, incluindo o tio de Guilherme Tauci, Jorge Antônio de Moraes e as funcionárias da escola. A seguir, Gil apresenta Claiton Antônio Ribeiro, de 17 anos, descrito como um menino dedicado aos livros, quieto e preocupado com a família. A repórter revelou que Ribeiro pensava nas provas do vestibular mas que “nesta quarta, todos os planos foram destruídos”.

O outro garoto que morreu no ataque é Douglas Murilo Celestino, de 16 anos. Segundo Gil, Celestino ainda foi socorrido, mas não resistiu ao tiro na cabeça. Ela o descreve como um garoto “de bem com a vida, tranquilo e que adorava skate”. Quando essa fala é finalizada, são

¹⁷ A repórter entra em contradição nessa fala na reportagem. Os estudantes identificados cursavam o ensino médio e não o fundamental. A informação foi confirmada durante as análises do material em vídeo do Brasil Urgente.

mostradas imagens do velório coletivo que acontecia em Suzano. Uma garota, com o rosto coberto por efeito visual, diz que Celestino era “uma ótima pessoa” e agradece “as tias da cozinha”, que abriram a porta para que os alunos entrassem e se protegessem do ataque. De acordo com a jovem, que não foi identificada, em torno de 50 alunos conseguiram entrar em dois cômodos da cozinha, que foram fechados com uma barricada feita pelas cozinheiras com uma geladeira e um freezer. A reportagem termina com o depoimento dessa menina.

Depois, entra a reportagem de Maicon Mendes. Ela tem início com o repórter identificando Samuel Melquíades de Oliveira, estudante de dezesseis anos que morreu na tragédia de Suzano. O jornalista contou que o adolescente era conhecido pelos amigos por sua habilidade de desenhar e diz que Oliveira queria ser cartunista. Tainara Toledo, amiga de Oliveira, entra na reportagem e ressaltava as qualidades do amigo. Ela está no local onde o corpo do garoto estava sendo velado. Segundo a menina, o jovem era inteligente, amoroso, prestativo, ótimo filho e, chorando, diz que Oliveira marcou a sua vida. Mendes ressaltou, em seguida, que Oliveira morreu quando decidiu, segundo relatos, entrar na frente da “melhor amiga” para salvá-la de um tiro. Antes de morrer, o jornalista contou que o jovem disse a amiga para correr e pedir socorro.

Depois de descrever esse episódio, a imagem mostrada pela reportagem é a do velório coletivo que acontecia em um ginásio. Mendes disse que o corpo do garoto estava sendo velado junto de outros cinco no local. Toledo aparece novamente, contando que se sentia angustiada por saber que ela poderia estar entre os mortos. A reportagem esclarece, no entanto, que não tinha sido Toledo a ser salva por Oliveira, mas outra garota que não foi identificada. Mendes destacou a atitude do jovem de dezesseis anos e disse que ele deixará saudades como “um herói”. Toledo finaliza a reportagem dizendo que se sentia “triste, mas ao mesmo tempo feliz porque ele deu a sua vida para salvar uma pessoa”.

Em seguida entra outra reportagem que fala sobre as homenagens que aconteceram na escola Raul Brasil durante a madrugada, um dia depois da tragédia. Segundo a fala da repórter Elisângela Carreira, as pessoas levavam flores e “muito sofrimento” até a localidade. Flávio Rocha, coordenador de vendas, dá entrevista às equipes de jornalismo que estavam no local. Ele disse que sentia muito ver uma história como a da escola sendo “manchada” da maneira como foi. Claudio Rocha, diretor de empresa, relata que foi até a escola para se solidarizar com as famílias diante da tristeza que a situação representava.

A reportagem revela que os dois são irmãos e já estudaram na escola e que “depois de anos voltavam ao local com o coração em luto”. Claudio contou que Jorge Antônio de Moraes era seu amigo e há anos não o via. A repórter expõe que o ginásio da cidade tinha sido preparado para o velório coletivo e que 40 ônibus tinham sido disponibilizados para levar as famílias no dia seguinte até o cemitério. Ela relata que moradores estavam aguardando a chegada dos corpos no espaço. Johnny Obresque, comerciante foi entrevistado na ocasião. Ele disse que a amiga de sua filha tinha sido ferida no ataque e que não conhecia o estado de saúde da menina. Obresque falou que estava ali para prestar apoio às famílias. A reportagem termina com a imagem de moradores entoando cantos religiosos em memória às vítimas no portão da escola Raul Brasil.

Outra reportagem apresentada por Maicon Mendes identifica Claiton José Antônio, de dezessete anos. O aluno é descrito por Eislin Santos, colega de sala do rapaz, como uma pessoa gentil, simples e que trazia alegria e amor para todos. A garota disse ainda que o estrago da tragédia era inimaginável para familiares e amigos. Mendes retomou a fala e destacou que Antônio queria se tornar professor de psicologia e se interessava que gera muitas discussões em salas de aula: o *bullying*. O professor de Antônio, Winner Rocha, o enxergava, segundo o repórter, como “um jovem de muito valor cultural”. Rocha revelou ter orientado Antônio em um trabalho em que o estudante analisava como o *bullying* afetava a vida de alunos em escolas e como motivava atos de vingança como uma forma de reparo, citando o caso de Realengo, no Rio de Janeiro, como exemplo. Antônio tinha interesse em cursar psicologia para entender conceitos da psicologia educacional, de acordo com o professor.

Déborah Lemos também conduz outra reportagem, em que mostra imagens de uma câmera de segurança que capturaram o momento em que José Vitor Ramos Lemos corria em direção ao hospital Santa Maria, com a machadinha presa ao ombro. A repórter narra que era possível ver o semblante de dor e sofrimento do rapaz. A arma teria sido lançada na direção de José Vitor por Castro, no momento do ataque à escola Raul Brasil. O estudante falou em um vídeo em que aparece na companhia da mãe, Sandra Regina, que passava bem. O jovem foi o primeiro a chegar no hospital e avisar os médicos sobre o massacre. A mãe do adolescente disse que ele “nasceu de novo” em entrevista. José Vitor tinha passado por uma cirurgia para a retirada do artefato e estava em observação, sem previsão de alta. Samuel Silva Félix, que também tinha sido ferido, baleado na perna, estava internado no mesmo hospital sem previsão de alta.

Outros quatro estudantes feridos na tragédia estavam internados no Hospital de Clínicas de Suzano. Adna Bezerra de Paula, de dezessis anos, estava na UTI com quadro estável. Leonardo Santa Rosa passava bem, mas seria submetido a uma cirurgia. Murilo Louro Benites estava estável e na enfermaria. O único estudante em estado mais grave era Anderson Carrilho de Brito, que permanecia na UTI. A primeira aluna a ter alta médica foi Beatriz Fernandes, de quinze anos. Guilherme Ramos do Amaral passou a noite no Pronto Socorro e foi transferido para a Santa Casa de Suzano. O jovem, de quatorze anos, rompeu o ligamento do joelho durante a correria para fugir dos atiradores. Ele passou por uma cirurgia e estava em recuperação. A maior preocupação do pai, manifestada por Lopes, era com o estado emocional do filho.

Uma nova reportagem de Letícia Gil expressa como as funcionárias mortas no ataque à escola Raul Brasil eram queridas pelos alunos. A produção jornalística começa com a reprodução das imagens do momento em que estudantes conseguem fugir pela porta de entrada da escola. Em seguida, Gil identifica Eliana Regina de Oliveira Xavier, de trinta e oito anos, inspetora do colégio. Uma estudante que não foi identificada conta que Xavier era mais do que uma funcionária, era amiga e dava conselhos aos alunos. Após o depoimento, Marilena Ferreira Vieira, de cinquenta e nove anos, coordenadora pedagógica, era conhecida por ser “firme quando necessário e acolhedora nos momentos certos”. Outra estudante, que também não foi identificada, relatou que Vieira era especial e companheira dos alunos.

O filho de Vieira foi entrevistado pela reportagem e falou que a escola “era a vida” da mãe, ela tratava os alunos como filhos. Gil recapitula os fatos, a começar pelo primeiro passo que os atiradores deram, quando foram até a concessionária de Jorge Antônio de Moraes, tio de Tauci, para matá-lo. O homem chegou a ser levado para o hospital, mas não sobreviveu. Thaís de Paiva, vendedora de um comércio próximo ao estabelecimento de Moraes, contou que a impressão inicial foi a de que um assalto estava acontecendo, depois viu o dono da loja ferido no chão. Ele disse a ela, antes de morrer, que o sobrinho tinha dado os tiros. Gil encerrou a reportagem dizendo que a tragédia abalou parentes, amigos e a vizinhança.

Carla Ramil introduz outra reportagem, contando que o luto estava por todos os lados e que a cidade de Suzano tinha acordado triste. O céu é focado pelas imagens da câmera e mostra o acúmulo de nuvens de chuva. A repórter diz então que “nem mesmo o sol quis aparecer por aqui”. Após essas imagens, a reportagem filma a fachada de escolas estaduais de Suzano que

estavam de portões fechados, por determinação do governo do estado, em luto às vítimas da tragédia do dia anterior. A repórter informa que a rotina seria retomada na semana seguinte.

Ramil entrevistou Marcos Silva, técnico em edificações que passava próximo à escola que é mostrada mas que não foi identificada. Silva demonstra estar triste com o caso e diz que “sem as crianças, o mundo para”. A repórter começa então a contar que a cidade de Suzano estava anestesiada com o massacre que ganhou destaque no noticiário. Nesse momento são mostradas imagens do subúrbio de Suzano e de um jornal com uma manchete estampada sobre ataque na escola Raul Brasil. Ramil estava em uma banca de jornais e mostrava que todos os destaques eram para a tragédia. Ela pergunta ao dono da banca, Anderson de Almeida, se ele imaginava que a cidade de Suzano seria capa dos jornais por conta da violência nas escolas. Almeida responde negativamente e que o sentimento de tristeza era maior por se tratarem de jovens que tiveram suas vidas interrompidas.

A reportagem sai da banca e se dirige até uma igreja onde filma pessoas que estavam prestando orações. Ramil entrevista o músico Roberto Assis, que conta que o sentimento de comoção era geral. Assis é filmado enquanto orava e disse pensou nos seus filhos e netos quando dedicou os pensamentos às vítimas do atentado. Em seguida, a equipe jornalística mostra a concessionária de Jorge Antônio de Moraes, tio de Guilherme Tauci, morto pelo próprio sobrinho. A imagem estampada é a de uma mensagem que dizia que os estabelecimento estava fechado e de luto. Ramil relatou que depois de ter baleado o tio, Tauci seguiu para a escola onde pretendia continuar o plano elaborado junto com o “comparsa”, Luiz Enrique de Castro. Segundo informações da reportagem, Moraes foi morto porque sabia que o sobrinho estava a procura de uma arma e que poderia cometer o que a repórter chama de “loucura”.

Ramil vai então até uma padaria que costumava ser frequentada por Moraes e conversa com Patrocínia Reis, dona do estabelecimento. Ela disse que o homem era trabalhador e respeitador. A repórter conta que o luto também estava presente nos táxis e veículos de Suzano, enquanto a reportagem mostra que fitas pretas tinham sido colocadas nos carros. Depois de exibir essa cena, Ramil entrevista Ednei Magela, taxista, que encontra dificuldades para falar sobre a tragédia. Ele chora quando tenta conversar, mas consegue dizer que ninguém esperava um acontecimento como esse, que as pessoas estão acostumadas a ver casos semelhantes fora do país mas não imaginavam que pudesse ocorrer em um lugar próximo a elas.

Quando termina de falar com o taxista, a reportagem mostra a Escola Estadual Professor Raul Brasil. Na imagem, flores estão colocadas na calçada do colégio, em memória às vítimas. Enquanto a imagem é mostrada, Ramil diz que “a escola nunca mais será a mesma” e que o dia 13 de março ficaria marcado na história da instituição. A repórter fala com a advogada Patrícia Custódio, que foi até a escola deixar flores. A fala de Ramil classifica a atitude como “um ato de solidariedade a quem tanto sofria com aquele momento”. Em depoimento, Custódio disse que “era uma situação que doía em todos”.

Ramil conta que em frente ao colégio não faltavam homenagens, que as rosas brancas simbolizavam a paz, mas revelavam também um “pedido de socorro”. A jornalista entrevistou Maria Cícera da Silva, avó de um estudante da escola Raul Brasil. Segundo ela, depois de saber que o neto estava bem, se colocou no lugar das famílias das vítimas. Hilda da Silva, vizinha de Samuel Oliveira, também foi entrevistada e contou que foi até a escola fazer orações para o jovem que foi uma das vítimas.

Informações divulgadas pela reportagem davam conta de que a escola Raul Brasil retornaria aos trabalhos na segunda-feira, apenas para professores e funcionários, que se reuniriam com uma equipe de psicólogos e assistentes sociais do estado, para conversar sobre a tragédia. Na terça-feira esse encontro aconteceria com alunos e pais. Não havia previsão de retorno das aulas na escola. Ramil informou ainda que o colégio seria revitalizado: passaria por pinturas e reformas para “tirar um pouco do cenário triste que alunos e funcionários vivenciaram”.

Maicon Mendes produz uma nova reportagem. Dessa vez ele estava no local onde acontecia o velório coletivo de algumas vítimas. A reportagem começou com imagens do que parecia serem filho e mãe, abraçados, enquanto choravam juntos. O vídeo também mostrou outras pessoas emocionadas que choravam no local. Mendes narra o momento, dizendo que os abraços simbolizavam uma emoção “difícil de segurar”. Osana dos Santos, professora, foi a primeira a falar sobre a ocasião. Ela contou que não conseguia mensurar tamanha dor sentida naquele momento. Moradora de Suzano há cinquenta e um anos, a mulher que não era professora da Raul Brasil, disse que nunca viu nada parecido antes.

Mendes continua narrando o vídeo em que parentes apareciam debruçados sobre caixões, “despedindo-se de seus entes”, como contou o repórter. Ele também descreve a despedida de uma mãe, o abraço de uma família, como formas de “amenizar a dor”. Em seguida Mendes relata que

a cidade de Suzano, de pouco mais de cento e cinquenta mil habitantes, havia parado para se despedir das vítimas da tragédia ocorrida no dia anterior. Na imagem, várias pessoas aparecem no velório. Enquanto o repórter relata o caso, são mostradas novamente as homenagens deixadas no muro do colégio no dia seguinte ao ataque. Do lado de fora do ginásio onde acontecia o velório, uma multidão chamada por Mendes de “fila da solidariedade”, aguardava para prestar condolências aos corpos de quatro estudantes e de duas funcionárias. Uma equipe médica com enfermeiros e bombeiros foi montada para prestar possíveis atendimentos. A polícia militar guardava o velório. Os questionamentos feitos pelos presentes no local, segundo o repórter, buscavam entender o porquê de dois rapazes terem “provocado uma matança sem precedentes”.

A entrevista com a professora Osana do Santos é retomada na reportagem. Santos reflete que deveria ter sido feito um acompanhamento psicológico com os dois jovens antes, para evitar que a tragédia acontecesse. Para a professora, “naquele momento não adiantava mais procurar respostas”. Mendes relata que a desolação dos presentes era silenciosa e levantava discussões sobre como orientar os jovens. A reportagem termina com Santos dizendo que a conscientização e o auxílio da família eram primordiais nesses casos.

O Brasil Urgente começa então a se aprofundar em informações que atualizavam o andamento das investigações sobre o caso de Suzano. Uma reportagem de Marcelo Moreira mostrou que o ministério público tinha começado a acompanhar as investigações da polícia civil. A participação de uma terceira pessoa com importância indireta no plano também era apurada. A iniciativa buscava entender se o ato foi motivado pelo *bullying* sofrido por Tauci na escola ou se se tratava de um ato terrorista. A polícia civil desejava saber como os dois planejaram o que Moreira denominou de “chacina” e como eles arrecadaram dinheiro para custear os gastos com armas, munições e o aluguel do carro. A reportagem frisou que Tauci e Castro eram próximos, apesar da diferença de idade de oito anos. Moreira destaca que os jovens moravam há uma distância de 20 metros um do outro e há um quilômetro da escola Raul Brasil. Na rua onde a dupla residia, Moreira revelou que os moradores estavam chocados e surpresos com a notícia da tragédia. As lembranças dos jovens eram semelhantes: eles pareciam caseiros, educados e nunca demonstraram comportamento agressivo. Vizinho de Castro, um morador chamado Ricardo, lembrou que o rapaz trabalhava com o pai como jardineiro e que no dia da tragédia, ele teria inventado que estava passando mal, para poder encontrar-se com Tauci.

Na reportagem seguinte, Anderson Camargo mostrou uma celebração religiosa no meio da rua do colégio. Ele define a ocasião como um momento para lembrar e rezar pelas vítimas da tragédia e buscar consolo na fé e na esperança de dias melhores. Nas imagens, a celebração é mostrada, junto das homenagens que foram deixadas no portão da escola. De acordo com Camargo, as manifestações começaram nas primeiras horas da noite de quarta-feira. Flores, velas e mensagens foram deixadas no local. Dezenas de pessoas participaram da celebração. Uma das participantes, que não foi identificada, narrou que a tragédia “foi como se tivesse acontecido com alguém da minha família. É a cidade que eu moro e eu fiquei muito chateada. Prestar solidariedade é o mínimo”, desabafou. No fim da tarde, Camargo relatou que uma missa foi realizada por um padre da cidade e que um grupo de ciclistas foi até a frente da escola fazer uma oração.

Quando a imagem retorna ao estúdio, Datena conversa com o delegado de Suzano, Alexandre Dias, responsável pela investigação do crime. A imagem do delegado está dividida no telão com a transmissão do velório das vítimas. Segundo o apresentador, a investigação apontava para um plano elaborado pela dupla de assassinos que funcionou. Datena afirma que esse plano só não foi pior porque um terceiro participante “faltou” a aula.

Dias relata que as investigações estavam sob segredo de justiça e que as informações que foram apuradas até aquele momento precisavam respeitar esse limite, para que a inspeção pudesse ser bem sucedida. Datena interrompe a fala de Dias, dizendo que respeitava o segredo de justiça dentro do que o delegado-geral da polícia civil, Ruy Fontes, havia divulgado anteriormente. O apresentador pergunta então quanto tempo depois do início das investigações foi descoberta a participação de um terceiro envolvido. Dias responde que uma atuação conjunta entre a delegacia de Suzano e a unidade de inteligência de Mogi das Cruzes, identificou um terceiro indivíduo que já tinha sido ouvido pelos policiais. O delegado revelou ainda que os assassinos agiram motivados pelo massacre de Columbine, nos Estados Unidos, no ano de 1999, e que pretendiam superar o número de vitimados no ataque norte-americano. A escola Raul Brasil era o alvo específico, não havia outra escola no plano dos atiradores. Dias contou que a ideia foi “alimentada” pelo terceiro indivíduo identificado e que teria sido ele o responsável por passar a execução do plano e da compra das armas utilizadas na tragédia aos dois executores, a partir de fevereiro.

Datena presume que Tauci e Castro não teriam usado todas as armas, considerando as cenas reveladas nas filmagens em que Castro deixa a mochila com o restante dos artefatos no chão e, ainda, o fato de que o terceiro indivíduo não tinha ido para a escola no dia do ataque. O delegado disse que o apresentador tinha razão e que o terceiro “elemento” (maneira como Dias chamou o outro participante) não participou da ação. Dias reiterou que a intenção do trio era causar uma repercussão maior do que o massacre de Columbine e que as armas utilizadas foram a arma de fogo e os machados, a besta teria sido apenas um “adorno” do crime, nas palavras do especialista.

O apresentador complementa a fala do delegado dizendo que os assassinos haviam combinado os detalhes do ataque por redes sociais. Depois dessa afirmação, o jornalista indaga ao delegado onde entra a informação sobre o site de comércio “Mercado Livre”. Dias revela que a investigação descobriu que compras foram feitas pelo site. Datena pergunta se eram as armas. O delegado contou que a arma de fogo não tinha sido comprada pelo Mercado Livre, mas que já havia uma linha de investigação para identificar como essa arma foi comprada. Datena questiona o que havia sido comprado pelo site. Dias diz que as flechas, o par de luvas táticas, botas e recarregadores da arma de fogo foram adquiridos através da rede de compras. O apresentador pergunta então se a comercialização desses itens era legal. Dias responde que era o que as investigações estavam analisando. Datena destaca nesse momento era preciso aguardar as respostas das investigações antes de tomar qualquer conclusão.

O jornalista expõe ter apurado junto ao Ministério Público, que grupos de terrorismo doméstico tinham se formado no Brasil e teriam influenciado a ação dos dois criminosos na escola de Suzano. Antes de passar a palavra a Dias, Datena fala que a informação foi confirmada pelo delegado Ruy. Dias confirma que esse dado também fazia parte da investigação e que o promotor de justiça de Suzano, Dr. Rafael, acompanhava as investigações sobre terrorismo doméstico, mas que não havia nenhuma comprovação até aquele momento.

Datena aponta que caso o inquérito seja confirmado, representaria mais um perigo para as autoridades brasileiras, que “já tem que lidar com tanta violência”. O apresentador trabalha com a hipótese de que se o ataque à escola Raul Brasil tiver sido influenciado, de fato, por grupos de terrorismo doméstico, outros ataques podem ser planejados. Diante dessa linha de raciocínio, o jornalista pergunta ao delegado se a polícia estava preparada para um “plano maior” que tenha tido como “start”, nas palavras de Datena, no colégio paulista. Dias explica que o setor de

inteligência da polícia estava monitorando movimentações virtuais, mas que não havia nenhuma confirmação até o momento da entrevista.

Segundo o apresentador, considerando a realidade brasileira e a precariedade do ensino público, a força de inteligência da polícia “jamais” conseguiria prever um ataque como o de Suzano, “arquitetado”, nas palavras do jornalista, para matar o máximo de pessoas possível no menor espaço de tempo. O delegado responde que os dois assassinos sabiam exatamente o que precisavam fazer para executar o crime planejado previamente. Para Dias, as formas de prevenção fugiam às mãos de qualquer setor de inteligência que pudesse detectar um ataque antes. O especialista destaca que, na cabeça dos assassinos, o objetivo específico era o de causar um impacto maior do que o massacre de Columbine. Datena pergunta quantas pessoas morreram no caso citado. Dias responde que 12 pessoas foram mortas. O apresentador diz então que “por pouco”, os atiradores não conseguiram chegar nesse número de vítimas.

Completando essa fala, Datena lembra o vídeo que mostra as cenas do ataque e comenta que “felizmente” a dupla não conseguiu ferir mais gente depois que o machado de Castro ficou preso no ombro de José Vitor, quando golpes com o artefato eram desferidos pelo assassino contra estudantes que saíam correndo pela porta de entrada da escola. Para o apresentador se o machado tivesse saído do ombro do menino, Castro continuaria ferindo mais pessoas. O apresentador pergunta, a partir desse comentário, se estava claro nas investigações que a dupla tinha, de fato, um pacto de suicídio previsto para quando terminassem a ação. O delegado fala que a hipótese não poderia ser confirmada ainda, mas que era uma possibilidade.

Datena supõe então que Tauci como líder do plano teria atirado em Castro e tirado a própria vida na sequência, quando percebeu que a polícia tinha chegado no colégio. Ele pergunta ao delegado se essa teria sido a ordem dos fatos. Dias relata que os policiais militares não chegaram a ter contato visual com os atiradores, mas ouviram dois estampidos de arma de fogo. Ao analisar a dinâmica do local dos fatos, tiveram como sugestão a mesma hipótese levantada pelo apresentador. Era preciso aguardar a perícia técnica para ter certeza do que tinha ocorrido. Datena cria outra hipótese e diz que poderia não haver pacto algum de suicídio, que Tauci já tinha a intenção de se matar e matou também o companheiro de ação. Dias conta que acredita na mesma suposição.

Considerando que não seria “ético” avançar ainda mais a cronologia dos fatos e que o segredo de justiça deveria ser respeitado, Datena pergunta o que mais poderia ser dito pelo

delegado. O delegado agradece a compreensão do jornalista e responde que até aquele momento, não havia a constatação de que outros ataques poderiam acontecer, o alvo único era a escola Raul Brasil, o ataque tinha sido idealizado por Tauci como “líder” do grupo, a ação vinha sendo planejada há, pelo menos, um ano e meio e a compra dos objetos utilizados no crime aconteceu desde novembro. Dias cita, inclusive, que a compra dos objetos mencionados foi feita por Castro e que ele “trabalhava” para Tauci. Datena elogia o trabalho do delegado e sua equipe, agradece as informações e diz que a polícia deveria ser “mais valorizada” pelo que faz. Dias ressalta que o trabalho era desempenhado com vários setores da polícia civil e do estado de São Paulo e que o objetivo era “dar uma resposta satisfatória para a sociedade”.

O programa volta atenção ao velório coletivo e, em meio à transmissão de imagens da cerimônia que acontecia em Suzano, Datena relata ter surgido uma notícia de que uma suposta organização criminosa que teria influenciado no planejamento do ataque à escola Raul Brasil. Essa “organização criminosa” se organizava, segundo o apresentador, na internet, na “Deep Web” ou “Internet Profunda”, como classifica Datena. Ele atribui a informação ao Procurador-Geral de Justiça, Gianpaolo Smanio e ao Ministério Público.

A equipe de jornalismo do programa consegue uma ligação telefônica com o procurador. Datena pede para que ele confirme a informação. Smanio esclarece que desde o dia anterior, quando aconteceu a tragédia, o Ministério Público havia designado um promotor para fazer e acompanhar o trabalho da investigação local feita pela polícia. De acordo com Smanio, foi feita uma determinação para que se investigasse uma eventual organização criminosa que teria atuado junto dos dois assassinos na elaboração do crime. O procurador explica que a maneira como a dupla atuou, citando características específicas como o fato de ambos estarem encapuzados, terem usado armas próprias para aquele tipo de ataque e aterrorizado os estudantes na escola, sugeriu que eles tiveram um planejamento e que fizeram parte de grupos na deep web que disseminam ódio e preconceito e que davam instruções sobre como realizar tais tipos de ato, identificados como “terrorismo interno¹⁸”. Smanio ressalta que essa associação precisava ser investigada para evitar a reincidência acontecimentos como o do dia anterior. Se houvesse a

¹⁸ O terrorismo interno ao qual se refere Smanio, trata-se da expressão que denomina “terrorismo doméstico”. Esse tipo de terrorismo é caracterizado por atentados terroristas executados por cidadãos ou residentes permanentes em um Estado contra seu próprio povo ou governo, numa tentativa de incitar o medo em uma população ou nas autoridades para conquistar objetivos políticos, ideológicos ou religiosos. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Terrorismo_dom%C3%A9stico. Acesso em: 22 nov. 2019.

comprovação da participação de um grupo por trás do planejamento do ataque, o procurador diz que punições severas seriam dadas aos responsáveis. Datena agradece o atendimento do procurador, que estava em Brasília, e parabeniza o Ministério Público.

O telejornal caminha para o fim e chama a reportagem de Lucas Martins para resgatar alguns fatos e iluminar pontos da investigação que haviam sido discutidos durante o programa. A reportagem de Martins traça os passos de Guilherme Tauci e Luiz Enrique de Castro quanto ao planejamento do assassinato. O repórter cita conversas vagas, a compra de armas e o aluguel de um carro como etapas cumpridas até a execução do plano. Martins explica que a dupla buscaram informações sobre como realizar a execução em um fórum da *deep web*. Em uma postagem feita no site, que teria sido escrita por Tauci, o rapaz agradece os conselhos e orientações recebidos e diz que ele e o parceiro de crime “partirão como heróis”. Ele deixa um sinal, para quando o ataque fosse colocado em prática: a música Pumped Up Kicks, da banda Foster the People. Essa canção narra justamente como o massacre de Columbine, nos Estados Unidos, foi realizado, em 1999. A postagem de Tauci foi feita na madrugada de segunda-feira daquela semana.

Martins ressaltou que a deep web permite que usuários permaneçam em total anonimato enquanto fazem suas publicações. Ele também revelou que o administrador do fórum chegou a postar que havia apagado todas as conversas com os assassinos da escola Raul Brasil, para que não fossem rastreadas pelas autoridades. Entre os seguidores do grupo, Tauci e Castro foram tratados como “heróis”. Segundo as informações da polícia, investigações estavam em curso para descobrir quem era o administrador do fórum e de que forma ele pode ter influenciado no crime. Martins informou que o plano começou a ser realizado, de fato, no dia 21 de fevereiro, quando Castro alugou o carro, um Onyx branco, utilizado na tragédia. O veículo ficou a maior parte do tempo em um estacionamento próximo à locadora. O repórter foi até o estacionamento para investigar em qual vaga o carro tinha ficado. Ele entrevistou o dono do estacionamento, que relatou nunca ter notado nada de estranho nos dois rapazes e que achava que eles não passavam de dois jovens viciados em jogos.

Considerando todo o conteúdo que foi descrito do terceiro dia de análise do telejornal Brasil Urgente, novamente foi possível identificar a grande presença de elementos sensacionalistas na cobertura feita pela equipe jornalística do programa. No entanto, há de se ressaltar que também foram detectadas características humanizadoras nessa cobertura. A primeira observação a ser feita é a de que, por mais que a cobertura do primeiro dia tenha sido dramática e

delicada, tratando do aspecto da instantaneidade do fato, a cobertura jornalística do segundo dia foi mais cautelosa. Os primeiros fatos e informações do dia treze de março foram divulgados de maneira mais brusca, abrupta, sem tanto tratamento do conteúdo. Qualquer tipo de dado que pudesse chegar ao conhecimento do programa Brasil Urgente, já era encaminhado a Datena para dar luz à cronologia dos passos tanto da dupla de assassino, quanto do acontecimento dos crimes.

No primeiro após a tragédia, o dia quatorze, pôde-se perceber que houve uma preocupação maior com a maneira de se conduzir o jornalismo em torno dos fatos que circundavam a vida das vítimas que morreram, das que continuavam hospitalizadas, dos familiares dos vitimados e dos autores do ataque à Escola Estadual Professor Raul Brasil. As reportagens que foram produzidas nessa edição do programa tiveram um maior grau de aprofundamento. Buscaram informações sobre o cotidiano dos que morreram, do círculo de convivência que tinham, das funções que desempenhavam e das aspirações que tinham. Sobre os adolescentes que morreram, foram abordados aspectos da personalidade que tinham, das coisas que gostavam de fazer, da maneira como tratavam amigos e familiares e dos sonhos que tinham. Sobre as funcionárias que morreram, foram abordados aspectos do significado que a escola e os alunos tinham para elas e em como as crianças as enxergavam enquanto figura adulta. Em relação ao José Antônio de Moraes, morto pelo sobrinho, Guilherme Tauci, a visão que foi passada pelo jornal é a de que ele tentou ajudá-lo, mas que houve “ingratidão” por parte do menino. Algumas reportagens do programa levaram o pesquisador a crer que talvez essa ingratidão tenha origem no distanciamento que existia entre os dois parentes e, especialmente, com a mãe de Tauci, Tatiana, por ser usuária de drogas. Essa motivação não ficou implícita nas descrições e análises.

Os dois assassinos foram representados como jovens tranquilos, caseiros, educados, que não demonstravam nenhuma motivação aparente para cometer tais crimes. As investigações que foram desenvolvidas de um dia para o outro levantam olhares para o envolvimento da dupla com grupos de terrorismo doméstico que se escondiam na *Deep Web*. As causas da tragédia ganharam então novos contornos, além do contexto do *bullying* vivido por Tauci. A inspiração no massacre de Columbine ganhou destaque e, junto da descoberta de um terceiro participante na elaboração do crime, deu margem para que o apresentador do Brasil Urgente pudesse produzir várias hipóteses sensacionalistas, que esbarravam por vezes no segredo de justiça revelado pelas autoridades na investigação do caso.

Sobretudo, o que pôde ser constatado pelo pesquisador é que as atuações dos repórteres tentou humanizar os personagens envolvidos nessa história e que foram mortos pelos dois assassinos. Algumas características pessoais das vítimas (tais como: “bom filho”, “amigo prestativo e amoroso”, “garoto religioso”, “jovens sonhadores”) foram ser ressaltadas, o lado humano foi representado com detalhes do convívio que tinham com amigos e família. Algumas narrativas específicas de heroísmo também puderam ser percebidas como uma tentativa de humanizar as vítimas. No entanto, essa humanização ficou sobreposta pelo sensacionalismo costumeiro que o programa usa para levar informação ao telespectador. A atuação dos repórteres e do apresentador não deixou de conduzir as informações com exagero, intensidade e dramaticidade. Essas características estão inseridas na cultura desse telejornal. Só através da análise minuciosa do material em vídeo, foi possível perceber a distinção entre as duas narrativas com cautela.

Entre as várias reportagens e entrevistas exibidas neste dia, foram selecionados para transcrição o trecho em que Maicon Mendes entrevista Tainara Toledo, amiga de Samuel Melquiades de Oliveira. A garota disse que ele tinha marcado a sua vida e que o considerava “um herói”. Outro trecho escolhido para transcrição é o da conversa entre Datena e o delegado Alexandre Dias sobre a investigação da tragédia de Suzano. A escolha desses trechos foi intencional e tem por objetivo analisar e identificar aspectos de sensacionalismo e/ou de humanização presentes na cobertura.

Vídeo 6 - Pessoas homenageiam vítimas de tragédia

Programa: Brasil Urgente

Exibição: 14/03/2019

VÍDEO	TEC	ÁUDIO
Tainara Toledo está na área externa ao ginásio onde acontecia o velório coletivo de seis das vítimas do ataque à escola Raul Brasil. Entre os corpos que estavam sendo velados, o de Samuel Melquíades de	VT	TAINARA TOLEDO: ELE ERA MARAVILHOSO. NÃO TENHO PALAVRAS PARA DESCREVER ELE, PORQUE ELE REALMENTE MARCOU AS NOSSAS VIDAS. E

Oliveira, amigo da jovem. A garota descrevia a personalidade do rapaz em entrevista ao repórter Maicon Mendes. Toledo estava chorando. Assim que termina a primeira participação de Toledo, a imagem volta ao repórter. Mendes está do lado de fora do ginásio. Ao fundo, é possível ver a arena e uma viatura da polícia militar. O jornalista conta, nesse momento, como Melquíades morreu. Acontece a transição de imagens. Enquanto Mendes fala sobre o local onde os corpos das vítimas estavam sendo velados, são mostradas as imagens da arena e dos visitantes que compareceram à cerimônia. Quando termina a fala sobre o ginásio, Toledo aparece novamente. Depois da fala da garota, aparece uma foto de Melquiades. Ao fundo o off do repórter é reproduzido. Tainara faz a última participação na	AGORA ESTÁ MARCANDO MAIS, NÉ? COM O FALECIMENTO DELE. (0'32" - 0'44") MAICON MENDES: DURANTE O ATAQUE DENTRO DA ESCOLA, SAMUEL ACABOU PERDENDO A VIDA QUANDO DECIDIU ENTRAR NA FRENTE DA MELHOR AMIGA PARA ELA NÃO SER BALEADA. ANTES DE MORRER ELE DISSE "CORRE! E PEDE SOCORRO". (0'45" - 0'57") MAICON MENDES: O CORPO DELE ESTAVA ENTRE OS SEIS VELADOS PELAS FAMÍLIAS NO GINÁSIO DE SUZANO, NA GRANDE SÃO PAULO. (0'57" - 1'04") TAINARA TOLEDO: FICAR SABENDO QUE NESSA TRAGÉDIA PODIA SER TAMBÉM EU A TER FALECIDO, ME DEIXA MUITO ANGUSTIADA. (1'04" - 1'12") MAICON MENDES: SAMUEL SALVOU A AMIGA E DEIXARÁ SAUDADES COMO UM HERÓI! (1'13" - 1'18") TAINARA TOLEDO: ELE FOI BALEADO PORQUE ENTROU NA
--	---

reportagem. A jovem chora enquanto fala com o repórter.		FRENTE DE UMA MENINA PARA PROTEGER ELA E A GENTE FICOU TRISTE E AO MESMO TEMPO FELIZ, PORQUE ELE DEU A SUA VIDA PARA SALVAR UMA PESSOA. A GENTE FICOU COMO SE ELE FOSSE UM HERÓI PARA A GENTE. (1'18" - 1'38")
---	--	--

Vídeo 6 - Polícia aponta participação de terceira pessoa em ataque

Programa: Brasil Urgente

Exibição: 14/03/2019

VÍDEO	TEC	ÁUDIO
No estúdio, Datena realiza a entrevista ao vivo com o delegado Alexandre Dias, um dos responsáveis pelas investigações na delegacia de Suzano. A imagem de Dias está dividida no telão com a transmissão do velório coletivo das vítimas da tragédia. O delegado e o apresentador falam sobre o suposto terceiro envolvido.	VIVO	DATENA: ESSE TERCEIRO PARTICIPANTE FOI DESCOBERTO QUANTO TEMPO DEPOIS DE INICIADAS AS INVESTIGAÇÕES? QUERO CRER QUE TENHA SIDO PELA SUA EQUIPE. (1'21" - 1'31") ALEXANDRE: EXATO, DATENA. NUMA ATUAÇÃO CONJUNTA DA DELEGACIA DE SUZANO COM A UNIDADE DE INTELIGÊNCIA DA SECCIONAL DE MOGI E TAMBÉM DO DEMACRO, NÓS CONSEGUIMOS ESTABELECEER UM TERCEIRO

	INDIVÍDUO QUE FOI IDENTIFICADO E JÁ FOI OUVIDO. O QUE EU POSSO TE INFORMAR É QUE ELES TIVERAM COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO EM COLUMBINE, NOS ESTADOS UNIDOS. ELES DESEJAVAM, NA MATURAÇÃO DESSA IDEIA, SUPERAR O ATAQUE AMERICANO. A ESCOLA RAUL BRASIL ERA O PONTO ESPECÍFICO, NÃO HAVIA OUTRO LOCAL. O QUE TINHA ERA ESSA ESCOLA E ESSA IDEIA FOI ALIMENTADA POR ESSE TERCEIRO INDIVÍDUO, QUE JÁ ESTÁ IDENTIFICADO. ELE PASSOU A EXECUÇÃO COMO A COMPRA DAS BESTAS E DA ARMA DE FOGO, ENTRE JANEIRO E FEVEREIRO DESTE ANO. (1'31" - 2'33") DATENA: EU ACHO QUE NÃO USARAM AS ARMAS TODAS. VOCÊ VÊ O LUIZ ENTRANDO E COLOCANDO A MOCHILA NO CHÃO. EU TENHO A IMPRESSÃO QUE NÃO CHEGARAM A USAR AS ARMAS TODAS PORQUE O TERCEIRO ELEMENTO FALHOU. NÃO FOI. SE ELE VAI, O ATAQUE SERIA MUITO MAIS LETAL. ESTOU ENGANADO, DOUTOR? (2'34" -
--	--

		2'51'') ALEXANDRE DIAS: VOCÊ TEM TODA A RAZÃO DATENA. O TERCEIRO ELEMENTO NÃO PARTICIPOU, ELE NÃO ESTAVA NO LOCAL DOS FATOS. EM QUE PESA ELE TER IDEALIZADO, JUNTAMENTE COM O GUILHERME TAUCI, O QUE FEZ OS DISPAROS DE ARMA DE FOGO, A IDEIA DELES PELO QUE NÓS CONSEGUIMOS COLETAR ATÉ O MOMENTO, É UTILIZAR O ATAQUE DE COLUMBINE COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO. ELES QUERIAM CAUSAR UMA REPERCUSSÃO MAIOR. (2'51" - 3'21")
--	--	---

Esse material corresponde às entrevistas concedidas ao repórter e ao apresentador do Brasil Urgente na edição do dia quatorze de março que foi analisada. Na primeira transcrição, pôde-se observar que acontece a humanização do ato de Melquíades, especialmente pela atitude altruísta de se colocar na frente da melhor amiga para impedir que ela fosse baleada. A reportagem também destaca qualidades pessoais como o fato de ele ser amoroso e prestativo. A garota que aparece tecendo elogios ao rapaz, chora ao lembrar do amigo que “havia marcado sua vida”.

Dessa forma, a reportagem tem alguns traços de humanização, no entanto o sensacionalismo ganha mais evidência graças ao tom dramático que a matéria ganha durante o seu desenvolvimento, que é dado tanto pela entonação e falas pausadas do repórter, quanto pela maneira como a imagem do garoto é construída sob um espectro de heroísmo, em meio ao

exagero do cenário trágico do acontecimento. O sensacionalismo se sobressaiu também quando foram mostradas as imagens dos caixões no velório coletivo que acontecia no ginásio.

Essa cena é destacada quando a câmera mostra a visão que se tinha da fila de pessoas que buscavam se aproximar dos caixões dispostos na quadra do local. O momento em que Mendes pronuncia as últimas palavras que teriam sido ditas por Melquiades à amiga que tinha acabado de ser salva, “Corre! E pede socorro”, é feito com maior pausa, como se o repórter quisesse mostrar o peso dessas frase. A câmera ainda se aproxima de Mendes enquanto ele repete a fala do garoto. A dramaticidade com que ele constrói essa narrativa fica evidente. Quando a câmera volta a filmar a fala de Toledo, que fecha a reportagem, a imagem já está focada no rosto da garota, em plano fechado. As suas expressões faciais são capturadas enquanto ela chorava e dizia que o amigo foi um herói. Apesar de buscar a humanização de um dos personagens da história, a reportagem apenas reforçou o alto grau de sensacionalismo e a tentativa de comoção das pessoas.

A segunda transcrição, por sua vez, não evidencia uma tentativa de humanização como na primeira. Pelo contrário, ela mostra que Datena muitas vezes foge da sua função como apresentador e tenta atuar como um “organizador” das investigações, principalmente quando interfere nos raciocínios de especialistas como o delegado Dias e faz, repetidas vezes, sugestões e hipóteses dentro das averiguações realizadas pelos profissionais responsáveis da equipe de inteligência. É claro que Datena só consegue realizar esse trabalho em virtude da influência que tem e das informações que recebe de seus entrevistados, mas essa postura descaracteriza o compromisso ético do jornalismo com a informação.

Figura 16 - Tainara Toledo diz que Samuel Melquiades marcou sua vida



Fonte: Brasil Urgente (2019)

Figura 17 - Datena entrevista o delegado de Suzano, Alexandre Dias



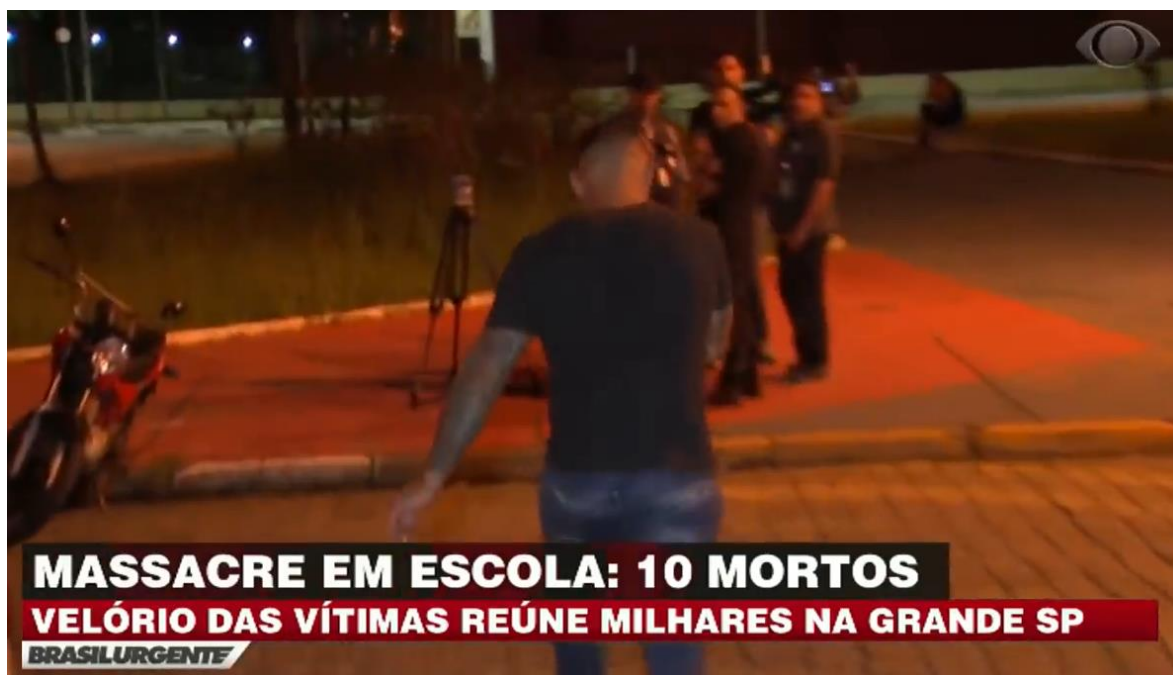
Fonte: Brasil Urgente (2019)

Outros trechos que não foram transcritos merecem ser destacados nesta pesquisa pela presença de elementos humanizadores e sensacionalistas dentro da cobertura feita um dia após tragédia. Observando a figura 17, entramos novamente na discussão sobre o GC enquanto elemento sensacionalista. A maneira como o programa construiu esse GC, manchettato, estampando a expressão “terrorismo doméstico”, não oferece muitas explicações ao telespectador. A compreensão possivelmente associada ao restante da frase que compõe o GC é a de que a polícia estaria investigando um caso de “terrorismo doméstico”, mas nenhuma outra informação explica ao telespectador do que se trata. É uma construção de significados quase que subjetiva. Fica clara a informação de que as investigações estavam acontecendo pelas mãos de um delegado e que a ideia de um “terrorismo doméstico”, que se denota ser um crime, estava sendo ligada ao caso. Dessa forma a dimensão da situação se torna ainda maior e a impressão deixada por Datena na narração é a de que se tratava de algo “perigoso”.

Na reportagem que Kelly Dias fez sobre a morte de Jorge Antônio de Moraes, logo de início percebemos na fala da repórter a valorização do sentimento da dor e do sofrimento dos parentes e amigos do dono da concessionária. A construção frasal utilizada pela repórter quando diz que “sete vidas foram ceifadas” na escola de Suzano, evidencia uma conotação apelativa, para falar sobre as mortes das vítimas do ataque. A impressão que ficou é a de que o telejornal tentou aumentar ainda mais o peso dessas palavras no contexto em que estão inseridas.

Na reportagem de Elisângela Carreira sobre o velório de Douglas Murilo Celestino, observou-se que a repórter utilizou a fala mais lenta, pausada e entonação com contornos mais trágicos, para amplificar a dramatização da notícia. Ao referir-se à ida de parentes e amigos ao velório do adolescente, Carreira utilizou a expressão “último adeus”, para dar uma conotação de despedida do corpo do garoto. A maneira como a repórter constrói a narrativa e a imagem do tio de Celestino saindo inconformado da igreja onde o sobrinho era velado, causam comoção.

Figura 18 - Tio não suportou ver o sobrinho morto



Fonte: Brasil Urgente (2019)

Na primeira fala de Letícia Gil, durante a reportagem realizada sobre Caio Oliveira, de quinze anos, podemos perceber mais elementos sensacionalistas. Ela diz que “Caio Oliveira saiu de casa para estudar e não voltou mais” e que “na rua onde morava, o silêncio retratava a dor deixada pelo ataque que tirou a vida do garoto tranquilo e querido pelos amigos”. São frases que dão ênfase à dramaticidade da situação.

Quando a repórter Déborah Lopes fala sobre as imagens de uma câmera de segurança que haviam filmado o estudante José Vitor correndo em direção ao hospital com uma machadinha presa ao corpo, o pesquisador notou uma certa falta de sensibilidade da jornalista com a vítima quando ela narra, através das imagens, que “era possível ver o semblante de dor e sofrimento do rapaz”. Em meio ao sentimento de angústia e de desespero do adolescente em tentar chegar no hospital o mais rápido possível, Lopes repete por três vezes a cena, sem levar em consideração que a imagem poderia despertar sensações ruins nas pessoas que a assistiam.

Figura 19 - José Vitor aparece em câmera de segurança com machado preso ao corpo



Fonte: Brasil Urgente (2019)

A reportagem de Carla Ramil é outra a utilizar demasiadamente elementos sensacionalistas. A começar pelo início de sua fala. A câmera focava o céu nublado, enquanto o off narrava que “Suzano tinha acordado triste e que nem mesmo o Sol quis aparecer por aqui”. A associação de que céu nublado remete à tristeza faz com que o telespectador já se sinta imerso num ambiente melancólico, ainda mais depois de a repórter dizer que “o luto estava por todos os lados”. Ramil tenta capturar expressões emocionadas dos entrevistados, direta e indiretamente induz falas que conduzem o raciocínio de pessoas entrevistadas, como o taxista Ednei Magela. Na conversa com Magela, Ramil, percebendo que o rapaz estava segurando o choro, pergunta “é difícil falar, né?”. Após a pergunta o rapaz chora e diz que “ninguém esperava”.

Figura 20 - Ednei Magela tenta segurar as lágrimas quando fala sobre a tragédia



Fonte: Brasil Urgente (2019)

Igualmente, o repórter Maicon Mendes usa recursos estratégicos emocionais para valorizar os momentos de dor e lamentação dos familiares que estavam no velório coletivo. Quando narra os casos de pais e filhos que se abraçavam durante a cerimônia fúnebre, ele diz que “os abraços simbolizavam uma emoção “difícil de segurar”. Em um dos momentos mais comoventes, uma mãe estava sobre o caixão do filho, o repórter narrou a ocasião como uma “despedida de um ente querido”. Do lado de fora, pessoas esperavam para prestar condolências aos familiares das vítimas na arena. As aglomerações foram denominadas pelo repórter como “filas da solidariedade”. Quando a reportagem estava próxima do fim, ele lança mão de um questionamento que utiliza uma expressão diferente para caracterizar a tragédia. Mendes refletia sobre que os parentes buscavam “entender o porquê de dois rapazes terem provocado uma matança sem precedentes”.

O balanço da cobertura do Brasil Urgente mostra que, mais uma vez, o comportamento tomado pelos repórteres e pelo apresentador têm semelhanças, algo que pode caracterizar uma “cultura sensacionalista” existente no programa, identificada pela maneira como o seu jornalismo

é feito. A cobertura é aprofundada, traz detalhes sobre o caso de Suzano e consegue elucidar fatos desconhecidos pelo telespectador sobre as investigações e tudo o que elas envolvem.

No entanto, o telejornal se perde em meio ao sensacionalismo quando utiliza estratégias de repetição da notícia, de valorização de aspectos emocionais negativos e falta com o cuidado e sensibilidade com o sentimento do outro, seja ele o entrevistado ou o telespectador, em algumas entrevistas e reportagens. As discussões abordadas no programa pouco estimulam o seu espectador a um pensamento construtivo em relação a todo conteúdo policial que é veiculado pelo jornal. Notou-se, sobretudo, que nas tentativas de buscar narrativas humanizadas, o programa extrapola e apela para o aspecto emocional sensacionalista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatando todas as discussões que foram feitas ao longo deste trabalho, desde os debates conceituais até as análises realizadas, pode-se concluir que o objetivo geral desta pesquisa, um estudo comparativo e midiático sobre a maneira como Band e TV Cultura realizaram a cobertura jornalística da tragédia de Suzano, foi concluído. O confronto teórico sobre as narrativas de humanização e sensacionalismo inseridas nessas coberturas foi o principal norteador de todas as questões abordadas nesta pesquisa.

Para chegar a essa conclusão, a pesquisa partiu da observação dos modelos que sustentam a televisão no Brasil. Na primeira seção, foi possível identificar que esse modelo de negócios que estruturam a televisão brasileira é baseado na venda de anúncios publicitários e retorno em forma de audiência, afinal a venda desses anúncios acontece à medida que se tem maior audiência. Os programas que conseguem reunir a maior audiência são os mais caros para se promover um anúncio. Daí a lógica desse modelo televisivo: manter a audiência de um programa.

Refletimos também, que esse modelo de negócios dá origem a um tipo específico de jornalismo, um jornalismo mais sensacionalista, voltado para emoções, que implica também o uso de elementos sensacionalistas. Esse tipo de jornalismo consegue dar sustentação no modelo televisivo de negócios porque “segura” a audiência das pessoas, uma vez que ele não possui um conteúdo denso, reflexivo ou cansativo, ele traz características do entretenimento, das histórias que são contadas em novelas.

Isso pode ser evidenciado quando relembramos a maneira como o programa Brasil Urgente, realiza o seu jornalismo. O apresentador José Luiz Datena e sua equipe jornalística trouxeram por vezes notícias com uma grande carga de emoção, o que contribuiu para o desenvolvimento de um cenário dramático, ao qual a transmissão da notícia se misturava com a comoção. As atualizações sobre incidentes, vindas de repórteres também foram carregadas de demonstrações emotivas e conduziam o telespectador a uma imersão na cobertura.

Na segunda seção, ao discutir os conceitos de gênero, formato e categoria no espectro televisivo, notamos que quando uma narrativa de emoções é desenvolvida e começa a conectar histórias que são conteúdos jornalísticos, cria-se uma estratégia para manter uma audiência cativa, afinal o público vai querer saber o que vai acontecer naquela determinada história. Esse

tipo de jornalismo leva à cobertura que aconteceu na tragédia da Escola Estadual Professor Raul Brasil, na cidade de Suzano. A forma como essa cobertura foi realizada não é pontual. A situação em que ela acontece é pontual, mas é um reflexo da forma de produção e venda. É também um reflexo da “cultura sensacionalista” que faz parte do Brasil Urgente.

A maneira como aconteceu a cobertura do jornal da TV Bandeirantes nos três dias analisados no corpus deste trabalho, possibilitou enxergar, sobretudo, que o programa mantém a sua narrativa com elementos sensacionalistas como algo que faz parte do seu modelo de operação. Tanto repórteres quanto o apresentador manifestam, segundo o que a pesquisa conseguiu observar, serem traços de sensacionalismo, na maneira como tecem comentários com juízos de valor, conduzem entrevistas quando realizam perguntas que ultrapassam o caráter informacional e de compreensão de um assunto e chegam a detalhes sentimentais que buscam exibir expressões emocionais das vítimas da tragédia no seu puro estado.

Existe uma diferença entre fazer perguntas que focam detalhes que ampliam a compreensão de um tema, que fazem entender mais sobre um assunto, com as perguntas que não vão levar à compreensão de coisa alguma, mas vão mexer com as emoções do entrevistado, que o façam chorar ou manifestar outra emoção. No Brasil Urgente, as perguntas tendem a se repetir e insistem em aspectos delicados das situações analisadas, não são questionamentos contextualizados ou que trazem algo de novo. Um bom exemplo disso pode ser ilustrado na entrevista que Maicon Mendes faz com Tainara Toledo. Na ocasião, acontecia o velório coletivo de algumas vítimas em um ginásio de Suzano. A garota já estava chorando, mas isso não impediu que Mendes continuasse realizando questionamentos que conduziram entrevistado e telespectador à comoção, quando Toledo desabafou em meio às lágrimas dizendo que o amigo que havia morrido era um herói.

Colabora com esse raciocínio o fato de que nesse telejornal observou-se um aspecto diferencial no enquadramento de imagens: o exagero no uso de angulações de câmera que valorizam os planos fechado e detalhe. Existe uma diferença entre mostrar imagens mais gerais, contextuais, com outras coisas acontecendo do que aquelas que focam o rosto das pessoas diretamente para capturar alguma expressão. Nesse caso, isso pode indicar que existe uma tentativa de demonstrar uma emoção mais forçada que, às vezes, não existe. Outro ponto a ser observado é o tipo de GC e de texto que são utilizados pelo telejornal. O pesquisador conseguiu associar que é um texto que lembra o jornal impresso e faz prescindir de ouvir a notícia. Só de ler

o que está escrito na tela é possível inferir o que está acontecendo. Lembra o noticiário “Notícias Populares”, analisado por Angrimani (1995).

No entanto, o aspecto mais importante que as análises permitiram perceber em uma narrativa sensacionalista referem-se à ausência de respeito aos limites do sujeito. Se uma entrevista está sendo conduzida e o entrevistado dá sinais de que não tem condições de continuar essa entrevista, o repórter teoricamente deveria parar. Não é o que acontece no caso da entrevista que Marcelo Moreira faz com Tatiana Tauci. A mãe de Guilherme Tauci demonstrava desconforto em conceder uma entrevista, no entanto, isso não coibiu a postura inquisitória de Moreira, que a seguiu por alguns minutos fazendo indagações que evidenciaram a falta de sensibilidade do repórter com o momento delicado que a mãe passava.

Observando o comportamento de Datena durante a apresentação do programa, a análise permitiu constatar que o jornalista tenta assumir outras funções além daquela que lhe é atribuída por profissão. Datena atua em muitas vezes como um suposto “organizador de investigações”. O apresentador se coloca no lugar de fazer hipóteses e apontamentos em investigações, inclusive interrompendo ou inferindo suposições nas linhas de raciocínio de autoridades como delegados, juízes e promotores. Isso representa o distanciamento máximo do jornalismo, que presa pela objetividade.

No jornal Panorama, da TV Cultura, a apresentadora Adriana Cimino, conduz o programa e compartilha as informações com mais distanciamento. Essa característica, no entanto, não faz com que a cobertura seja mais fria, mas respeitosa. A apresentadora espera a confirmação de informações mais detalhadas, concretas, que possam dar a certeza dos fatos que estiveram envolvidos na tragédia. Quando essas informações chegam, Cimino tem a cautela de tratar do assunto, das vítimas e dos atiradores como personagens que tinham histórias e contextos próprios antes do acontecimento, e por isso faz afirmações ou suposições sobre a dinâmica dos fatos.

O principal aspecto observado na cobertura do Panorama foi a tentativa do programa em demonstrar, a partir da elaboração da estrutura do seu conteúdo com reportagens especiais, conversa entre especialistas e debate de assuntos em torno da segurança pública e violência nas escolas, que houve uma preocupação em olhar para o contexto da tragédia de Suzano, para as vítimas, mortas ou feridas, com um olhar humano. Durante todo o percurso da pesquisa, o pesquisador pôde analisar que a dinâmica do programa e da apresentadora em buscar aprofundamento sobre questões tão delicadas como o bullying e o fácil acesso ao porte de armas

e trazer a opinião de pessoas que entendem e tem formação no assunto, tentou refletir sobre a construção de soluções palpáveis, respeitando o certo “ineditismo” de um evento como a tragédia de Suzano, e tentando identificar saídas que considerassem o lado humano das pessoas envolvidas. Os especialistas que foram consultados nos dias 13 e 14 de março, segundo a análise, tiveram pontos de vista complementares, que ajudaram no desenvolvimento de um senso crítico do telespectador que pôde assistir aos dois dias de programa. Por se tratar de um acontecimento que deixou estudantes, funcionários, familiares e profissionais fragilizados, todos os que de alguma forma estiveram envolvidos no ataque, notou-se que o jornalismo da TV Cultura, através do jornal Panorama, buscou dentro do possível, atuar sob a ética do compromisso com a informação jornalística.

A ideia da humanização de Ijuim (2011) passa pela perspectiva de transmitir uma informação sem deixar de considerar que mesmo os atiradores da tragédia de Suzano, são, antes de mais nada sujeitos que tinham história de vida. No entanto, em ambas as coberturas, há um distanciamento da figura humana da dupla que fez o ataque à escola Raul Brasil. Um exemplo disso é a maneira como ambos foram retratados em seus enterros. Não houve tanto apelo informacional, apenas uma espécie de nota ao vivo dizendo o cemitério em que tinham sido encaminhados.

Considerando que o sensacionalismo é representado pelo uso exagerado do drama nas suas narrativas, há de se ponderar que a humanização também faz uso do drama. Por isso, falar que só a dramaticidade caracteriza o sensacionalismo não é suficiente. Não por acaso, no jornal Panorama também foi identificado o uso de sensacionalismo. Na entrevista com Silmara, cozinheira da escola, a emoção da mulher está implícita e a repórter que conduziu a entrevista não se aproveita da fragilidade do momento para conseguir mais informações. Entretanto, apesar de o Panorama utilizar muito a câmera com imagens contextuais, nessa situação observou-se a aproximação da câmera para as expressões faciais de Silmara, exacerbando traços que despertam questões subjetivas que podem desvelar um sensacionalismo: a exposição da emoção do sujeito se sobrepõe aos fatos noticiosos.

De um modo geral, foi possível analisar que o Brasil Urgente tem a característica sensacionalista, ele se traduz em função disso. As análises indicaram que há pouco de humanização nas narrativas desse programa. O Panorama, embora seja um telejornal na contramão dos outros, apresenta indícios de sensacionalismo também, não há só humanização.

Começam a aparecer algumas características no texto, no tipo de imagem, quando focam mais nas pessoas. Existem indícios de sensacionalismo no programa, mas em número bem menor do que o Brasil Urgente. O Panorama é um jornal que ainda se pauta pelo respeito. As duas emissoras usaram uma certa carga dramática em seus seus telejornais como uma estratégia narrativa, mas até que ponto isso pode ser considerado humanização e não resvala para o sensacionalismo? Tudo o que foi apresentado até aqui, nas descrições, roteiros e análises, evidenciou a dificuldade de se definir com precisão onde começam e terminam sensacionalismo e humanização. Entretanto, foi possível perceber alguns indícios. A pesquisa permitiu identificar que a fronteira tênue pode ser percebida nos detalhes, na maneira como uma pergunta é feita, no aprofundar de uma opinião sobre um determinado assunto, na angulação de uma imagem sobre uma pessoa ou acontecimento. São perspectivas que pedem um olhar mais minucioso dentro do jornalismo.

Os resultados obtidos neste trabalho se voltam para um olhar crítico para a profissão e a maneira como ela conduz coberturas de tragédias atualmente. As equipes jornalísticas que compõem estúdios e redações televisivas carecem de pensamentos que reflitam sobre a conduta de atuação com vítimas de eventos extremos como o de Suzano. É preciso enxergar para esses cenários com um olhar mais empático. Mais importante do que a audiência e o lucro, é a certeza de que o público pode ter acesso a um conteúdo que fomente o pensamento crítico e humano no meio social. É preciso olhar para o outro com uma visão mais humana.

Pensando no interesse de público que esse trabalho pode despertar, vale a ressalva de que, em virtude de tempo, o pesquisador não conseguiu realizar uma análise culturológica aprofundada para descobrir as motivações do interesse do telespectador por conteúdos sensacionalistas. Essa poderia ser uma abordagem para pesquisas futuras. Além disso, essa pesquisa deixa como contribuição o debate sobre sensacionalismo e humanização na cobertura da tragédia de Suzano, destacando que esse debate cabe para todas as coberturas que relacionem as duas narrativas. Por fim, a elaboração desta monografia representou para o pesquisador o sentimento de prazer por ter conseguido conhecer e se aprofundar mais sobre as coberturas jornalísticas, especialmente as de tragédias. O trabalho também contribuiu no sentido de ampliar e fortalecer o senso crítico e a noção do respeito pela dor do outro, de olhar para o próximo com mais empatia, principalmente diante de uma situação tão complexa quanto a atuação profissional e sentimental nesses acontecimentos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- AMARAL, Marcia Franz. **Sensacionalismo, um conceito errante**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13, julho/dezembro 2005.
- ANGRIMANI, D. S. **Espreme que sai sangue**: Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.
- ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2004.
- AURÉLIO, O minidicionário da língua portuguesa. 5ª edição revista e ampliada do minidicionário Aurélio. 1ª impressão - Rio de Janeiro, 2001.
- BARBOSA, G.; RABAÇA, C. A. **Dicionário de Comunicação**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BBC Brasil. BBC (Ed.). **Como foi a primeira transmissão regular de TV no mundo, que completa 80 anos**. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37846960>. Acesso em: 23 nov. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BORTOLI, S. R. Sobre o jornalismo humanizado. **Revista Alterjor**. São Paulo, ano 7, vol. 1, ed. 13, p. 1-9., jun. 2016.
- BULL, Anna Kellen. Techtudo. **O QUE É DOGOLACHAN?** 2019. Disponível em: <https://forum.techtudo.com.br/perguntas/303896/o-que-e-dogolachan>. Acesso em: 21 nov. 2019
- CORDEIRO, Tiago. Super Interessante. **Como foi o Massacre de Columbine?** 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-o-massacre-de-columbine/>. Acesso em: 23 nov. 2019
- COUTINHO, I. Telejornal e narrativa dramática: um olhar sobre a estrutura da informação em TV. In: PEREIRA JÚNIOR, A. E. V.; MOTA, C. L.; PORCELLO, F. A. C. (orgs). **Telejornalismo: a nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006, p. 99-124.
- DUARTE, Elizabeth Bastos; CURVELLO, Vanessa. **Telejornais: Quem dá o tom?** In: BORGES, Itania M. M.. **Televisão e realidade**. Salvador: Edufba, 2009.

FECHINE, Yvana; FIGUEIRÔA, Alexandre. **Transmídiação**: explorações conceituais a partir da telenovela brasileira. In: LOPES, M. I. V. **Ficção televisiva transmidiática no Brasil**: plataformas, convergência, comunidades virtuais. Vol. 2. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

FERREIRA, C. (Org). **Qualidade na TV**: 10 anos da campanha Quem Financia a Baixaria é contra a Cidadania. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/12937>. Acesso em 15 out. 2019.

FREITAS, Cindy Figueiredo. **Mãe de Isabella, filha, irmã, guerreira**: As representações de Ana Carolina de Oliveira na cobertura televisiva do caso Isabella Nardoni. 2016. 271 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

GARRETT, Filipe. Techtudo. **O que é Deep Web?** 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/03/o-que-e-deep-web.ghhtml>. Acesso em: 21 nov. 2019

HENRIQUE, Alfredo. Folha de S. Paulo. **Assassinos planejaram ataque em escola de Suzano por um ano e meio.** 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/assassinos-planejaram-ataque-em-escola-de-suzano-por-um-ano-e-meio.shtml>. Acesso em: 19 out. 2019.

IJUIM, J. K. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. **Comunicação Midiática**, Bauru, v. 7, n. 2, p. 117-137, maio/ago. 2012. Disponível em: . Acesso em: 22 nov. 2019.

_____. Por que humanizar o jornalismo (?). **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 31, n. 78, p. 235-243, set. 2017.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2001.

LINS, Flávio. **1948: O pioneirismo da televisão em Juiz de Fora**. Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) - v.1, n.2, jul.2012 / dez.2012.

LOIZOS, P. **Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa**. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G (ed). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução por Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008, p. 137-155.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

MATHEUS, L. C. **Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo.** Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

MATHEUS, L. C. **Marcos e problemas da história da televisão no Brasil.** Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) - v.1, n.2, jul.2012 / dez.2012.

MARCONDES FILHO, C. **Televisão: a vida pelo vídeo.** São Paulo: Moderna, 1988.

MEDINA, C. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial.** 2. ed., São Paulo: Summus, 1988.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV: manual de telejornalismo.** 2. ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PORTAL G1. G1 (Ed.). **Massacre em Suzano: o que se sabe até agora.** 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-em-escola-em-suzano-o-que-se-sabe-ate-agora.ghtml>. Acesso em: 19 out. 2019.

PRIEST, S. H. **Pesquisa de mídia: introdução.** Tradução por Karla Costa Reis; revisão técnica por Rudimar Baldissera. 2. ed., Porto Alegre: Penso, 2011.

REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial.** São Paulo: Summus, 2000.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ROSE, D. **Análise de imagens em movimento.** In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2015. p. 343-364.

SARTORI, G. **Homo videns: televisão e pós-pensamento.** Tradução por Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SODRÉ, M. **A comunicação do grotesco.** 2. Ed., Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** São Paulo: Summus, 1986.

ANEXO A - Capturas de tela dos emails de solicitação de material e da resposta do setor jurídico da emissora TV Bandeirantes

